



APRESENTAÇÃO

A história “oficial”, em suas multiplas facetas, não passa de mero efeito de causas desconhecidas pela humanidade. É precisamente ai, no âmago dos fatos, que devemos penetrar.

É, pois, com esse espírito de ir ao fundo das coisas que tentaremos apreciar a história da Ordem Templária, e daquelas que, ditas templárias, surgiram depois (principalmente em nosso tempo) como uma cópia da original; de suas causas, de suas façanhas, das quais muito tem sido dito e imitado. Para tanto, torna-se necessário termos, em primeiro lugar, uma visão panorâmica do que era o mundo no tempo dos Templários e da região onde se desenvolveram as batalhas pela posse da “Terra Santa”, em seus aspectos geográficos, religiosos e econômicos. Sabe-se perfeitamente que a roda da História movia-se, então, em determinada direção, e que, em ocorrência da marcante presença dos Cavaleiros do Templo no Oriente Médio e seu retorno à Europa, ela passou a mover-se em outra direção, jamais esperada pelos ‘poderosos senhores do Mundo Ocidental’. Inúmeras inovações foram trazidas pelos Templários para a Europa, não somente no campo das ciências aplicadas como também no social e religioso. É deles a invenção da carta de crédito, em que muito facilitou as negociações de comércio entre o Oriente e o Ocidente.

A misteriosa e fulgurante aparição dos Templários no cenário da “Terra Santa” mudou completamente o curso da História. Poderíamos mesmo afirmar que da influência daqueles Cavaleiros originou-se a Idade Moderna, com todas as consequentes transformações no plano espiritual, religioso, social, político e econômico do mundo.



ma larga faixa de terra, estendendo-se do Líbano até as desérticas planícies do Sinai, e penetrando ao Norte do Egípto. Foco principal **U** Jerusalém, a Cidade Santa de três grandes religiões. Mais ao Norte, Haifa e Acre, antigos ancoradouros romanos, pontos de desembarque e embarque dos produtos comerciais e ancoradouros dos navios que traziam os Cruzados e mais tarde os Templários. Bem próximo o Monte Carmelo onde, atualmente, ergue-se o Mosteiro das Carmelitas e, perto dali o Templo Baha'i. Eis a área das batalhas da “Guerra Santa” empreendida pelo Ocidente “Cristão” contra os seguidores de Mahomet e, até hoje, palco de grandes atritos políticos e religiosos entre palestinos e israelenses. E assim, parece, a Guerra “Santa” continua.¹

Uma região onde se misturam inúmeras tendências religiosas e seitas de menor porte, como os Essênios (nunca citados no Novo Testamento), mas cuja influência determinou muitos dos eventos que ali iriam se desenvolver, inclusive o surgimento do próprio Cristianismo; os Cóptas, os Gnósticos, etc.

Como testemunhos dessas guerras ainda vemos, na região, várias fortificações antigas para o deslumbre e fotografias dos turistas ocidentais. Algumas delas erguidas pelos Cruzados, aproveitando-se de antigas construções; outras pelos próprios Templários, mas todas elas exibindo, em pedra, o timbre Templário, cujas façanhas duraram mais de 200 anos somente naquela região devastada pelo ódio religioso.

As Cruzadas foram expedições militares (1096 – 1291) empreendidas por “cristãos” europeus a fim de “libertar” o Santo Sepulcro do domínio muçulmano. Não foram, entretanto, as únicas lutas religiosas no Século XI; outras desenvolveram-se nas fronteiras orientais da Germânia contra os eslavos, e contra os mouros na Espanha.

Na realidade, as causas das cruzadas se apresentam múltiplas: a intolerância religiosa dos turcos seldjucidas, desde que se apossaram do Califado de Bagdad; a expansão turca na Ásia Menor, privando o Império Bizantino de seu principal baluarte de defesa; o desejo do Papado em

¹ - Nota – Pode-se fazer um paralelo entre o poder de Roma sobre o “mundo da época” e dos Estados Unidos sobre o mundo atual, inclusive o uso da águia como símbolo e o pretexto de trazer a “paz” (deles) para todos.

reunificar a cristandade, separada desde o cisma do Oriente (1054); a “fé religiosa” e a existência, no Ocidente Europeu, de uma classe militar (a Cavalaria), cuja finalidade máxima era a defesa da fé; o aumento da população na Europa, verificado seguindo o Século X; a atração européia pela luta em países desconhecidos; o afã de conquistas, no Oriente, de terras, riquezas e poder. De uma certa maneira, assim é dito pela História Oficial, as Cruzadas nas Terra “Santa” estariam ligadas ao dever de peregrinação ao túmulo de “Jesús” em Jerusalém. Não somente as aspirações políticas, mas também um grande entusiasmo religioso popular envia, para o campo oriental, massas de homens, mulheres e crianças que, sem nenhum treino militar, morrem as centenas sob a perícia dos guerreiros islâmicos.

É crença geral que as Guerras “Santas” foram causadas pelos árabes. Este é um grande equívoco. A Cidade Santa esteve nas mãos dos árabes muçulmanos por mais de quatro séculos. Porém, os árabes, para os quais Jerusalém também é uma Cidade Santa (tanto quanto para Judeus e Cristãos), não somente respeitavam os lugares sagrados cristãos - o Santo Sepulcro, e a Igreja que os imperadores gregos edificaram para abriga-lo - como também se mostravam tolerantes para com os cristãos e jamais haviam impedido a estes de transitarem em peregrinação pela área.

Entretanto, os turcos destruíram o Império Árabe de Bagdad; invadiram o Império Bizantino, tomaram a Ásia Menor e se apoderaram da Cidade de Nicéia onde realizara-se o famoso, e não menos desastroso, Concílio, após o qual a Igreja de Roma tornou-se tão poderosa e agressiva a ponto de tentar destruir todas as outras crenças religiosas existentes no mundo.

Constantinopla, a bela Constantinopla, estava portanto, ameaçada pelas hordas turcas e, conseqüentemente, o Continente Europeu. Foram esses novos muçulmanos (os turcos seldjucidas) que, movidos pelo fanatismo religioso, começaram as perseguições, torturas e assassinatos dos peregrinos cristãos. E a Terra “Santa” tornou-se palco de violências e proibida aos ocidentais.

Nesta perigosa situação, o Imperador de Constantinopla, Commeno, pediu socorro ao Papa Urbano II.

Todos esses elementos reunidos causaram as Cruzadas. Ao menos é o que nos diz a História oficial. Mas, todos nós sabemos quais foram realmente as causas das “Guerras Santas”, onde destacamos a ganância incontida da Igreja de Roma, e o desejo de expandir seus domínios temporais para outras terras, nas quais o Cristianismo de Roma era uma minoria insignificante. Entretanto, o plano da Igreja de Roma, em difundir a nova religião (que nada tinha em comum com o verdadeiro Cristianismo) a ferro e fogo, surtiu efeito contrário, em que as filosofias e as crenças religiosas orientais invadiram a

Europa trazidas pelos europeus que retornaram das Cruzadas, como se torna obvio.

OS TEMPLÁRIOS

Na primeira metade do Século XII, Hugo de Payens e mais oito cavaleiros franceses, entusiasmados pelo “fervor religioso” e movidos pelo espírito de aventura, rumaram para a Terra Santa levando no peito a Cruz de Cristo. Eram os defensores do Cristianismo, que se constituíam fiadores da “fé”, disputando a golpes de espada as relíquias que os seguidores do Islã mantinham sob guarda.

Na época, Balduino II reinava em Jerusalém. Este rei europeu os acolheu e lhes doou uma antiga edificação junto ao Monte Moriah, onde escombros, blocos de mármore e granito talhado, assinalavam as ruínas do Templo de Salomão (disso a denominação de Cavaleiros Templários, ou Cavaleiros do Templo), o mais famoso santuário do Século XI antes de Cristo, em que o gênio artístico dos fenícios se revelava nas monumentais colunas sustentando colossais abóbadas.

Destruído pelos caldeus e reconstruído por Zorobabel, fora ampliado por Herodes no ano 18 A.C. e, finalmente arrasado pelas legiões romanas comandadas por Tito na tomada de Jerusalém. Hoje, deste templo, somente resta uma das paredes que constitui o famoso “Muro das Lamentações”.

Segundo dito, neste templo originou-se a lenda de HIRAN, cuja “estória” a MAÇONARIA tomou e incorporou em um de seus rituais – o Ritual do Terceiro Grau, para ser mais preciso.

Antes da destruição, no ano 70 de nossa Era, o Templo, circundado por dois extensos corredores excêntricos, ocupava imenso quadrilátero em direção ao nascente, tendo à esquerda o átrio dos gentios, e à direita o dos israelitas, além das estâncias reservadas às mulheres, e àquela dos sacerdotes, a que se erguia o Santuário propriamente dito, ao centro do qual ficava o Altar dos Holocaustos, e oculto aos olhos dos “não iniciados”, o SANTO DOS SANTOS, abrigando a ARCA SAGRADA.

Aos “Pobres Cavaleiros de Cristo” (dominação original dos Templários), atraídos pela sensação do “mistério” pairando sobre as ruínas, não tardou que “descobrissem a entrada secreta”, conduzindo ao labirinto subterrâneo só conhecido pelos iniciados nos mistérios hebraicos. E entraram.

Uma extensa galeria conduziu-os até uma porta chapeada de bronze. Por detrás desta porta deveria estar o que durante dois mil anos constituíra o segredo dos Levitas.²

Hugo de Payens, afoito e zombeteiro, bateu forte na porta com o punho da espada e bradou com voz alta: **“Em nome de Cristo, abri”**.

O eco de suas palavras repercutiu pela emaranhado labirinto, enquanto a porta, como conduzida por mãos invisíveis, moveu-se e escancarou, ante os atônitos cavaleiros, um enorme recinto ornado de figuras estranhas, bizarras, monstruosas umas e delicadas outras, tendo ao lado do Oriente um trono, e por cima deste um triângulo equilátero em cujo centro, em letras hebraicas marcadas a fogo, se lia o Tetragrama IOD - HE - VAU - HE (hvhy)

Entre as figuras bizarras, adornando as paredes do majestoso santuário, uma chamava a atenção dos cavaleiros: tinha asas enormes, cabeça e chifres de bode, olhos penetrantes, o peito era masculino e feminino. Na grande testa, um facho luminoso parecia irradiar inteligência soberana; e no peito uma cruz sangrando acariciava, na intercessão dos braços, uma rosa encantadora. Foi esta imagem monstruosa e atraente, que os nove cavaleiros elegeram para emblema das suas futuras cruzadas.³

Esta é uma versão um tanto romanceada. Hoje sabemos que por detrás da Ordem do Templo encontrava-se o PRIORATO DE SIÃO, e que o fito dos Templários consistia em salvaguardar um **“grande segredo”** talvez relacionado ao, assim chamado, **Santo Graal**.

Segundo Michael Baigent e seus colegas (vide **“O Santo Graal e a Linhagem Sagrada”** – Ed. Nova Fronteira), ... “os Templários constituíam o ramo administrativo e militar de uma ordem secreta que atuou por detrás deles. Esta Ordem, que funcionou, em várias épocas, sob uma variedade de nomes diferentes, é mais conhecida como **“Monastério do Sinai”**. Também é dito que os Templários foram enviados à Terra Santa com o expresso objetivo de encontrar alguma coisa altamente secreta. Isto é deduzido pelas inúmeras escavações que eles executaram sob os alicerces do Templo de Salomão. O que realmente encontraram não foi até hoje determinado, e nem sabemos se encontraram.” Alguns autores afirmam que antigos líderes da confraria seriam ascendentes dos Reis Merovíngios e, por sua vez, descendentes de “Jesus” e Maria de Magdala⁴. Existem também aqueles que afirmam serem eles descendentes de extraterrestres, chegados a este nosso planeta centenas de

² - Nota – Membros da Tribo de Levi, da qual saíam os Sacerdotes hebreus.

³ - Nota - Baphomet --- $\tau\mu\nu\rho\beta$. Por Atbash $\alpha\gamma\rho\nu\varsigma$ = Sophia (Sabedoria)

⁴ - Nota – Uma união que jamais a Igreja de Roma aceitará, enquanto estiver enceguecida pela ignorância. Nos Apócrifos encontramos várias referências ao papel de Magdala, no real cristianismo e sua missão.

milhares de anos atrás. Mas esta é uma outra história....que pretendo contar em outra ocasião.

Aproximadamente nove anos de existência dos Templários, o Papa Honório II deu-lhes uma Regra e um hábito branco no qual, mais tarde, colocou-se uma Cruz Vermelha – a mesma Cruz estampada nas velas das naus de Cristóvão Colombo (Santa Maria, Pinta e Niña), de Vasco da Gama e de Cabral; enfim de todo navegador na era das grandes navegações.

Devemos aqui abrir um parêntesis para que os leitores possam compreender de como existe uma intrincada teia ligando diversos assuntos e eventos históricos, ou míticos, os quais, a priori, nos parecem destituídos de quaisquer relações entre si. Portanto, seria interessante assinalar que os desbravadores dos mares “nunca antes navegados” surgiram numa mesma específica época, e que a grande maioria deles pertencia à Ordem de Cristo, isto é, o nome sob o qual se ocultaram os Cavaleiros Templários que conseguiram escapar à sanha assassina de Felipe, Rei de França – o famoso e cruel Felipe, o Belo. Mas devemos aqui acrescentar que recentes pesquisas sugerem que o Continente Americano já havia sido “visitado” muito tempo antes de Colombo.

Sob a proteção da Ordem de Cristo, os Templários funcionaram em pleno Século XV, dedicando-se às atividades marítimas. Vasco da Gama era Grão-Mestre da Ordem. Todos os navios pertencentes à Ordem de Cristo ostentavam, em sua velas, a Cruz da Ordem Templária.

Colombo cruzou o “Mar Tenebroso” (Atlântico) para ‘descobrir’ um caminho para as Índias navegando para o Ocidente, e acabou por descobrir a América. Pedro Alvares Cabral navegava para as Índias, mas descobriu o Brasil ao “afastar-se demasiadamente das costas da África” por causa das calmarias. Colombo era casado com a filha de um ex-cavaleiro de Cristo. É afirmado que seu sogro o presenteara com o famoso “Mapa de Piris Reis”⁵, do qual informa-se que apenas poderia ter sido desenhado por alguém que estivesse situado em uma órbita terrestre, isto é, no espaço.

Gostaríamos de acrescentar uma curiosidade: o nome de Cristóvão Colombo deriva-se de **Cristóforus**, ou seja, **Aquele que carrega Cristo**, como São Cristóvão, carregando o “Menino Jesus” (Horus?) nos ombros. Disso aquele santo tornar-se o padroeiro dos viajantes, etc.). Colombo, obviamente, **Columbus**, uma pomba, referindo-se ao “**Espírito Santo**”. Veja-se que também que a “pomba” é o animal dedicado a Vênus, e que o

⁵ - Nota -- Piri Muhyi ‘I Din Re’ is é o nome de um navegador turco, nascido em Guelibolu, cidade portuária situada no Estreito de Dardanelos, no tempo de Mohamed II, o Conquistador (1431-1481), que foi quem arrebatou Constantinopla aos cristãos, em 1453. Ignoramos a data de nascimento de Piri Reis, mas não de sua morte, já que foi decapitado por ordem de Suleiman, o Magnífico, no Cairo, em 962 da Hejira, ou seja, entre 1554 e 1555, pelo delito de Ter encalhado seu navio.

Espírito Santo (Kundalini) é “despertado através do amor. “... existem amoir e amor. Existe o pombo e existe a serpente...”. Da mesma forma existe uma outra curiosidade no nome de Pedro Alvares Cabral, que antes de partir em sua viagem, e descobrindo “por acaso” o Brasil (que já possuía este nome muito tempo antes de sua descoberta, e é citado em certas lendas nórdicas), chamava-se Pedro Alvares de Gouveia. Somente ao embarcar para as Índias, recebeu o sobrenome Cabral. **Cabral** vem de **Cabra** (o Escudo da família de Pedro Alvares Cabral ostentava a figura de uma Cabra), e isto nos faz lembrar o “**Bode Maçônico**” (**Baphomet**), e de **Capela**, uma estrela de grande importância para nós, situada na **Constelação do Cocheiro – um Viajante**. Nome que também lembra o ATU VII, “O CARREGADOR DO GRAAL”, ou “O CARRO”. Talvez uma alusão à viagem de Cabral ao “Brasil” (Continente Sul) para onde ele “**traria a Lança e o Graal**”, da mesma forma que Colombo em relação ao Continente Norte. Para informação aos thelemitas, Capela também é conhecida como **Alpha Aurigae**.

Mais informações sobre Colombo, esta enigmática figura histórica, serão feitas mais à frente.

Duzentos anos após sua formação, a Ordem dos Templários era senhora de imensas riquezas e de grande poder político. Os cavaleiros gozavam de grande prestígio. Eram independentes e só reverenciavam a autoridade do Papa (esta é uma versão puramente oficial). Reis e Príncipes tremiam ante eles. Na época, o Papa Inocêncio II, apresentava-se como “o Vigário Daquela a quem pertence a Terra”, e logo depois “O Soberano dos Soberanos”. Ao Papa só lhe falta um exército. Lacuna esta preenchida pelos Templários.

Os Templários saídos da Terra Santa, logo após a derrota dos exércitos cristão, contam 15 mil, só em França. Temidos por todos, estes monges-guerreiros eram vistos com suspeita por reis, príncipes e prelados não conformados com o poder, riqueza e independência deles.⁶

Felipe o Belo, Rei de França, é pobre, muito pobre, deve grande quantia aos Templários e, como seus futuros avatares, é covarde. Por várias vezes solicita ingresso na Ordem. O ingresso lhe é sempre negado. As colossais riquezas dos Cavaleiros do Templo o atraem ávidamente. Indignado, movido pela ambição sem limites e pelo ignóbil espírito de vingança ante a recusa dos Templários em admiti-lo na Ordem, volta-se contra esta e, mediante chantagem, convence ao fraco Papa Clemente V⁷ de que os Templários se

⁶ - Nota – Os cristãos foram derrotados na Batalha de Demasco. As forças islâmicas estavam lideradas por Khaled Khan. Crowley afirma ser uma reencarnação deste guerreiro.

⁷ - Nota – Felipe, muito astutamente conseguira cooperação do Papa, ao qual os Templários deviam obediência. O Papa Clemente V ocupara o Trono de São Pedro após uma eleição fraudulenta, manipulada pelo Rei Felipe (igualzinho ao ocorrido recentemente em uma certa ordem “templária”). Comprometido por esta ajuda, o Papa não pode recusar as solicitações do Rei.

fortalecem para o derrubar do trono de Roma, e que são culpados de crimes e inomináveis heresias. Em 13 de outubro de 1307, numa manobra, conspirada durante muito tempo, e auxiliado por um cavaleiro traidor do Templo, Felipe, consegue penetrar as fortalezas templárias. Prende os membros da Ordem (centenas são sumariamente assassinados), e ordena que os prisioneiros sejam submetidos à torturas para confissão de seus crimes. O Papa nada faz ante a monstruosidade. A principal acusação é de adorarem um ídolo (como se a igreja não o fizesse) de forma híbrida (homem e animal) com grande barba, ao qual eles adorariam em seus Capítulos espalhados pelo mundo então conhecido: é **Baphomet**, um símbolo cujo significado os inimigos da Ordem jamais poderiam, ou poderão, compreender. Em março de 1314, em frente a Catedral de Notre Dame de Paris, o último Grão Mestre Templário (naquela fase da Ordem), **Jacques Borgumundos de Molay**, sofre, juntamente com trinta e sete outros cavaleiros, o martírio da fogueira inquisitória. Que mações observem as iniciais dos três nomes do Grão-Mestre Templário. Coincidência ou não, são as mesmas iniciais de Joaquim, Booz e Moabon. Para bom entendedor meia palavra basta.

Entretanto, nem todos os Templários foram presos e mortos. Vários deles se refugiaram em outras Ordens Militares. Em Portugal, a maioria sobreviveu oculta na Ordem de Cristo. De várias maneiras eles sobreviveram aos ataques do Rei Felipe. Em 1552, a progênie dos Templários prussianos, os Cavaleiros Teutônicos, se secularizaram, repudiaram lealdade à Roma, e lançaram apoio a um novo gigante rebelde, chamado Martinho Lutero.

Afirma-se que outros tantos Cavaleiros retornaram à Terra Santa, e ali se dissolveram em Ordens Secretas Muçulmanas (como a dos Assassinos). Assim conseguiram manter e transmitir o “Grande Segredo”, do qual eram guardiões, às gerações futuras. A Maçonaria foi uma dessas Ordens que, posteriormente, recebeu o legado. Contudo, com o passar do tempo, ela perdeu as suas principais Chaves.

Hoje em dia, está bastante evidente que a Ordem do Templo representava um tipo de Governo Invisível. Havia uma dupla hierarquia na organização: além do Grão-Mestre visível, cômico das atividades ocultas da Ordem, haviam outros dignatários e um Grão-Mestre Secreto. Alguns pesquisadores afirmam que este Mestre Secreto estava intimamente ligado ao Priorato de Sion, e que na época do processo contra os Cavaleiros do Templo, ele seria o Duque de Beaujeu.

Após a morte de J.B. de Molay, parece ter cessado as perseguições aos Templários. Portanto, podemos questionar: qual destino tiveram os outros inúmeros Cavaleiros de França? Em algumas províncias temos notícias que os casos de pena de morte foram poucos, e que grande parte de Cavaleiros de

graus subalternos foram postos em liberdade logo após terem sido aprisionados.

A Ordem foi dissolvida a mando do Papa. Grande número de Cavaleiros passaram para a Ordem dos Hospitaleiros, mas a maioria para a Ordem de Cristo, sendo esta oficialmente herdeira dos bens do Templo. Outros Cavaleiros tornaram-se padres regulares, outros tantos retornaram à Terra Santa, ligando-se à diversas fraternidades secretas daquela região. Porém, um outro grupo voltou ao estado leigo, escolhendo ganhar a vida exercendo uma profissão remunerada. Parece que alguns destes encontraram uma ocupação dentro da “Corporação dos Construtores” – A Maçonaria Operativa.

É extremamente difícil afirmar-se categoricamente a não existência de um Círculo Templário Oculto, e de ter sido o possuidor de importantes segredos. De quem, portanto, receberam os Templários seus conhecimentos esotéricos, se é que eram esotéricos e não de uma natureza muito além de nossa imaginação? A resposta, talvez, possa ser encontrada nos contatos que os Templários tiveram com inúmeras outras ‘organizações’ místicas, durante a permanência em terras do Oriente Médio durante mais de duzentos anos. Não nos referimos aqui somente à Ordem dos Assassinos, mas também aquelas dos Drusos, Dervixes, etc.

Etimologicamente falando, liga-se o nome “Assassinos” a uma corriqueira explicação, ou seja: que o nome deriva-se de “haxixe”; daí “axaxino” (ou assassino) sendo aquele que “come” ou fuma haxixe, porque, explica-se, o Grão Mestre dos Assassinos garantia uma fanática obediência de seus comandados mediante o uso daquele alucinógeno.

Há, porém, uma outra corrente afirmando que o nome deriva-se da palavra árabe *Assass*, significando “vigia”, “guardião”, etc. Os assassinos teriam sido, neste contexto, “Os Guardiões” da Terra Santa. Desta forma os Assassinos formavam uma Organização Militar Religiosa, uma **Cavalaria Muçulmana**, cujos fitos coincidiam perfeitamente com aqueles dos Templários, quais sejam: combate aos infiéis, defesa da Terra Santa, não materialmente falando, mas também de uma forma espiritual e iniciática.

Tanto os Templários quanto os Assassinos observavam uma rigorosa hierarquia, e eram totalmente submissos ao, assim chamado, **Velho da Montanha**. Quem era, ou o que foi este “Velho da Montanha”? Até hoje não sabemos.

Em 1128, seis dos nove (dez contando com o Conde de Champagne) Cavaleiros originais que habitaram o Templo de Salomão em Jerusalém, durante nove anos, regressaram à França “para conseguirem a aprovação e os estatutos da Ordem no Concílio de Troyes. Foram eles: Hugo de Payens, Mondidier, Archambaud de Saint-Amand, Geoffroy Bisol, Rozal e Gondeyfroy.

Isto quer dizer, em teoria, que permaneceram, na Terra Santa, somente quatro templários aguardando o regresso de seus camaradas.

Entretanto, nesses nove anos, nenhum deles entrou em combate e, segundo testemunhas, temiam a chegada do momento. É necessário dizer-se que o treinamento bélico dos Adeptos do Templo, nesta época inicial, era bastante restrita, dado ao pequeno número deles, e se fundamentava em bases puramente teóricas; monges que são soldados é algo que chocava frontalmente com os postulados cristãos da época. Porém, segundo Charpentier e outros estudiosos, os enviados à Terra Santa já haviam cumprido a missão, a eles confiada, quando regressaram à França em 1128. Para esses pesquisadores, a Ordo Salomonis (ou Ordem Templária) se prolongaria no tempo com outras finalidades e metas, pois a do reduzido grupo inicial teria sido descobrir um segredo, que já era do conhecimento de São Bernardo, depois que ele e seus monges conseguiram decifrar o intrincado labirinto dos textos hebraicos encontrados após a conquista de Jerusalém em 1099.

Que descobriram os Cavaleiros franceses nas ruínas do Templo de Salomão? Seria um tesouro de incalculável valor? Ou um objeto de poder? Ou uma arma secreta, como dizem investigadores mais ousados. Esta última hipótese incentivou políticos e estadistas do Século XIX, e mesmo no início da Segunda Guerra Mundial, a se aprofundarem no estudo das atividades templárias, como no caso dos nazistas.

Assim, pois, existem aqueles sustentando que os Cavaleiros Templários não se estabeleceram em Jerusalém para proteção dos peregrinos (isto seria apenas um véu encobrendo a verdade), mas sim para procurar algo extremamente importante, cuja existência já sabiam com antecedência...

Entre as várias hipóteses do objetivo Templário, três delas se destacam sobremaneira:

- 1 – Encontrar a **Arca da Aliança**
- 2 – Encontrar o **Santo Graal**
- 3 – Encontrar a **Lança de Longinos**

ARCA DA ALIANÇA

Refere-se a um recipiente com duplo forro de ouro, fechado por uma tampa de ouro maciço (tal como as caixas contendo material radioativo).

Encimava esta tampa dois Querubins, também de ouro, cujas asas abertas e erguida para a frente não se tocavam. Haviam também duas outras capas, uma de tela e outra de couro para proteger àqueles que a transportavam. No Antigo Testamento é contada a história da morte dos filhos de Aarão, Nadb e Abihu, cujos corpos foram retirados do acampamento por ordem de Moisés.

Segundo o escritor Hancock (“The Sign and the Seal”), o poder mortífero da Arca é patente a partir da exegeses dos textos bíblicos, pois estes a apresentam como uma arma mortífera, cujos efeitos são devastadores. Veja-se, por exemplo, os textos a respeito das Muralhas de Jericó, dos Filisteus, dos habitantes de Bet Semes (Sam. I, 5 e 6) quando morreram mais de 50.000 homens (Sam. I, 6 – 19; Cron. 13).

Charpenter crê que os primeiros Templários encontraram a ARCA nas cavaliças do Templo de Salomão, e que um grupo de Templários a conduziram até a França em segredo, e que ela permaneceu em lugar secreto, desaparecendo outra vez dos olhos da humanidade.

O filme “OS CAÇADORES DA ARCA PERDIDA” relata em compasso de aventura (Indiana Jones) a respeito do poder da Arca.

Segundo a Bíblia, a Arca foi feita para guardar as tábuas de pedra nas quais Deus escreveu os Dez Mandamentos, e acreditava-se que possuía poderes sobrenaturais. A Bíblia a descreve como : irradiando fogo e luz produzia tumores e graves queimaduras nos inimigos de Israel; transformava montanhas em planícies; detinha rios e devastava cidades. Era o equivalente bíblico da bomba atômica.

Temos notado, várias vezes, que muitas pessoas, mesmo entre aquelas letradas, confundem com facilidade a ARCA DE MOISÉS com a ARCA DE NOÉ. A de Noé, no sentido que a Bíblia lhe dá, foi um “barco” muito maior que o maior dos nossos transatlânticos, em que aquele patriarca escapou do Dilúvio com sua família e com um casal de animais de cada espécie, tirado do imenso celeiro zoológico da localidade em que ele vivia e com o qual repovoou a Terra, mesmo além mar, para onde os bicharocos atravessaram a nado, indo até os pólos. A Bíblia só não explica se também casais de insetos foram colocados na Arca, ou se eles apareceram após do dilúvio. Na verdade existem várias questões para serem explicadas como, por exemplo, se haviam tamanduás ou cangurus na região em que vivia Noé.

A Arca de Moisés era um tabernáculo no qual Deus deveria residir e falar com Moisés, visto que Deus não podia fazer surgir *Sarças Ardentes* a cada passo.

Que esta “Arca” era destinada a receber o Fogo Divino, digamos logo, a eletricidade, basta defrontar-se o Capítulo XXV de Êxodo, com o Livro dos Mortos, Cap. I, 1, 9, 10 que diz: “*Eu sou o Grande Princípio da Obra que*

reside na Arca sobre o suporte”. Só esta frase, escrita muitos séculos antes de Moisés aparecer no cenário do mundo, prova que já havia Arcas idênticas no tempo de Rama e Abraham.

Para Moisés, Deus é um Fogo Devorador (Deut. IX, 3 – Heb. XII, 29. Basta ler Ex. V, 1 a 26, 36 e Deut. XXXIII, 1, 2, para se constatar que Moisés sempre falava com Deus no Monte Sinai em chamadas.

Mas, admitindo-se mesmo que Deus tivesse mostrado algum modelo de Arca a Moisés e, embora isto pese aos israelitas e aos que têm a Bíblia como a *Palavra de Deus*, Jehovah nada teria mostrado de original naquela ocasião, a não ser alguns detalhes modernizados e de acordo com os novos conhecimentos das academias templárias, mesmo porque, como visto acima, esses objetos já tinham existido dezenas de séculos antes.

A Arca de Amon (nome do qual derivou-se a palavra AMEN), era o Santuário de Thebas, muitíssimo antes da existência de Moisés. Aqui pode-se raciocinar que Deus também havia ensinado aos egípcios como construir uma Arca.

Verifica-se na Arca de Amon, em suas duas extremidades, as cabeças de Carneiros, símbolo do Deus. Ao centro, vê-se dois Querubins (plural de Querub = Touro) alados, *defrontando-se*; suas asas não se tocam nas extremidades. Esta Arca é transportada por varais, ao ombro de sacerdotes, tal como vemos na de Moisés.

Porém, a Arca de Thebas já era uma derivante da Arca usada pelos caldeus, pois igualmente se vê nos livros de arqueologia, nas gravuras, dois querubins, *Touros Alados*, com rostos humanos, defrontando-se com as extremidades das asas desunidas.

A Arca de Moisés é, portanto, uma réplica daquelas existentes nos antigos santuários do Egito e, principalmente da *Nao de Tebas* que, por sua vez, era uma adaptação da Nao simbólica de Noah, do Altar dos Sumerianos, do Altar de Zoroastro, etc., e **constituía uma formidável acumulador de energia (elétrica?)**.

Ouçamos o que Jehovah ordena a Moisés na construção de um santuário:

Disse-lhe que construísse uma ARCA de madeira de Sitim, cuja planta é que damos a seguir em medida métrica, aproximadamente, para evitar enfadonhos cálculos: comprimento 1,44m, largura 1m, altura 1m.

A Arca deveria ser coberta por *dentro e por fora de ouro* puro, tendo um rebordo em volta, todo de ouro. À guisa de moldura munida de quatro argolas de ouro, uma em cada extremidade. Estas argolas, tinham por fim receber dois varais de madeira, como se vê na Arca de Thebas, revestidos de ouro e serviriam para seu transporte, não devendo sair mais do lugar.

Dentro dessa Arca, Moisés, colocaria o Testemunho que Deus lhe daria, mas que nunca foi mencionado em parte alguma, e que tem muita probabilidade de ser algum sal químico reagente que hoje se emprega nas baterias elétricas, mandando mesmo que se cobrissem as coisas que deviam ser cobertas e vedando a aproximação de curiosos.

Ordenou também Jehovah que construísse um propiciatório, ou seja, uma lâmina de ouro puro, com 1,44m de comprimento por 1m de largura, para ser colocado sobre esta mesa, de onde Ele responderia a Moisés, tal qual se dava com o propiciatório da de Thebas, onde eram recebidos os oráculos.

Faria dois Querubins, como os dos caldeus, de ouro puro batido (não fundido) para serem colocados sobre esta mesa nas duas extremidades, constituindo uma só peça com o propiciatório e independente da Arca. Esses querubins, cujos rostos eram humanos ao invés de serem bovinos como na dos caldeus, se defrontavam igualmente, mas o tamanho deles, não fora dado; deviam ter asas abertas que cobrissem o propiciatório, sem porém se tocarem nas suas extremidades, o que faz supor que fossem de tamanho natural. Eles somente seriam colocados sobre a Arca depois de Deus ter dado o testemunho a Moisés. Então Deus viria falar com Moisés – entre os dois querubins – munido, porém, com seu peitoral, onde haviam dois eletrodos, Urim e Thumim. O peitoral de Moisés é perfeitamente igual ao dos caldeus.

Em seguida revela claramente a confecção de tranças de ouro puro (verdadeiros fios elétricos) que eram ligados às argolas, isto é, aos pólos do peitoral e às do **ephod**, por dentro, e que não devem apartar nunca. Este dispositivo assemelha-se ao que chamamos de circuito oscilante.

Não há eletricista que não reconheça nesta descrição um verdadeiro acumulador elétrico.

O SANTO GRAAL

A lenda do “Santo Graal” é por demais conhecida e comentada nos meios esotéricos e não esotéricos, principalmente nas óperas de Richard Wagner (Parzival, etc).

O Graal é a taça onde supostamente José de Arimatéia colheu o Sangue de Jesus Cristo que correu do ferimento provocado pela Lança de Longinos, um centurião romano.

Segundo uma nova corrente, o Santo Graal é uma corruptela de Sangre Real (Sangue Real), referindo-se não à taça mas ao sangue, ou melhor, à herança familiar (vinda através do sangue – DNA) de Jesus. Sobre o assunto será elaborado um outro trabalho com mais detalhes. Mas, podemos dizer que em todas as lendas é mencionado um objeto com virtudes além de nossas mais ousadas fantasias e que, a partir de certa época desaparece misteriosamente. A interpretação simbólica do Graal, corretamente admitida, consiste em identificá-lo com a taça na qual Jesus serviu-se na última ceia com seus discípulos, e onde José de Arimatéia, personagem um tanto misterioso e não totalmente identificado, recolheu o sangue de Jesus. Isto nos permite observar que a taça está associada à lança, mas o estudo desta associação levar-nos-ia muito longe para um trabalho mundano como este.

A LANÇA DE LONGINOS

Em 1097, o exército dos cruzados toma, após difícilíssimas batalhas, a poderosa cidade de Antióquia, mas em seguida é sitiada pelos exércitos do Sultão Mansur. Durante o cerco, um sacerdote de nome Pedro Bartolomeu, diz ter tido um sonho no qual Santo André lhe revela onde está a Lança que Longinos usou para atravessar o peito de Jesus no Gólgota. Após acharem a lança no subsolo de uma igreja da cidade, os cruzados rompem o cerco, liberam a cidade e marcham triunfantes sobre as tropas muçulmanas. Dois anos depois conquistam Jerusalém.

Esta lança, um poderoso talismã, que daria a seu possuidor o poder de nunca sofrer qualquer derrota militar, passou para as mãos dos Templários.

Assim, o neo templarismo dos Séculos XIX e XX deu considerável importância a este talismã cuja posse, segundo comentaristas, foi o verdadeiro objetivo, projetado secretamente, da invasão da Áustria pelas tropas nazistas. A lança devia encontrar-se no tesouro da Casa Imperial de Habsburgo (atualmente na Schatzkammer da Hofburg de Viena) junto a outros objetos de significado esotérico-religioso.

O tesouro Imperial de Hofburg de Viena contém também jóias e objetos pertencentes à Ordem do Tosão de Ouro, fundada em 1423 por Felipe o Bom, Duque de Borgonha, entre os quais está a Cruz de Juramento da Ordem e o Colar, onde se pendura o Cordeiro representando o Velocino de Ouro da lenda de Jasão, todos símbolos tradicionais de profundo significado esotérico.

Durante o “Anschluss” da Áustria (1938-1945), Hitler se apossou da Lança Sagrada e a enterrou em Nuremberg em local escolhido por ele próprio.

Neste contexto, outro fato bastante significativo ocorreu com Hitler quando, ainda menino, aluno em Lambach: esta abadia foi visitada por um monge da Ordem de Cister (Adolf J. Lanz). Este monge trancou-se na biblioteca do mosteiro realizando inéditas e insólitas investigações. O monge procurava reunir provas a fim de reforçar o ponto de vista sustentando a “história” da raça ariana. Seria bom lembrar que a Ordem de Cister, à qual Lanz pertencia, fora reformada por Bernardo de Claraval (o mesmo São Bernardo dos Templários). Além do mais devemos considerar que Bernardo seria o continuador de uma tradição druídica e celta disfarçada dentro do cristianismo.

Este Adolf Lanz reaparece mais tarde em Viena, fundando em 1900 a Ordem do Novo Templo (nos moldes da original Ordem do Templo de

Salomão), proclamando-se Grão Mestre e dizendo-se “iniciado” por um Mestre e sucessor secreto de Jacques de Molay.

Nesta época a Alemanha estava sendo impulsionada por poderosa revolução industrial e necessitando militarizar-se para poder fazer frente à competição inglesa. É neste ambiente que surgem várias publicações nacionalistas e esotéricas. Uma delas é o jornal chamado OSTARA (1905), fundado por George Lanz von Liebenfels, que não era outro senão o próprio Adolf Lanz. O jornal adotara a CRUZ SWASTIKA como seu logotipo. Várias testemunhas e historiadores afirmam que Hitler era um constante leitor do jornal.⁸

Lanz anuncia um renascimento religioso, sexual e racista entre os arianos, trazendo a redenção e libertando-os dos “demoníacos homens bestas”. Assim, Lanz preconiza o extermínio das raças inferiores.

Outra raiz pouco conhecida do pensamento nazista passa pela SOCIEDADE DE THULE. Criada pelo Barão Rudolf von Sebottendorf, e aliada à ORDEM TEMPLÁRIA DOS GERMANOS, fundada, ao que parece, em 1912.

Rudolf von Sebottendorf desde sua juventude sente-se atraído irresistivelmente pelo esoterismo islâmico. Numa de suas viagens à Turquia, contata iniciados drusos que afirmam ter recebido seus ensinamentos do “MESTRE DO MUNDO” (compare-se com a Teosofia, a Golden Dawn, etc.), o Senhor de Thule e de Shambala.

Por mais incrível que possa parecer, essas doutrinas racistas nasceram com Blavatsky. Suas idéias sobre as raças primordiais e o nascimento de um tipo de ser humano espiritualmente desenvolvido na Era de Aquarius, foram aceitas pelos nacionalistas alemães ao pé da letra.

Guido von Litz era praticante da antiga religião pagã e se dedicava ao restabelecimento do antigo culto ao Sol Ariano e o restabelecimento do sacerdócio de WOTAN ou ODIN, o xamã de um olho só. Os iniciados da Ordem fundada por ele deviam aprender a história secreta do mundo. Duas fraternidades secretas de origem germânica aderiram à sua idéia de um império pangermânico. A primeira seria a Ordo Templi Orientis, fundada em 1895/1900 por Karl Kellner ou por Theodor Reuss (segundos alguns), e a outra a FRA, fundada e por Arnold Krumm-Heller.

Como todos os iniciados na O.T.O. sabem, a Lança Sagrada possui importante função tanto em Liber XV quanto na Missa da FRA.

⁸ Nota – A Cruz Swastika não era somente usada na Índia. Ela também foi usada, como motivo de decoração, em vários templos judaicos antigos, como pude pessoalmente observar em minha recente viagem à Israel.

RESUMO

A Ordem dos Pobres Soldados de Cristo, ou a Ordem do Templo de Salomão, ou a Ordem Templária, foi fundada originalmente por oito Cavaleiros e um Nobre Francês chamado Hughes de Payens. Seu quartel general situava-se na parte externa do Palácio do Rei Balduino II, também Patriarca de Jerusalém. Esta parte externa do Palácio conectava-se à Mesquita de Al-Aqsa, no sítio do templo do Rei Salomão.

Segundo a história, os Templários surgiram com o propósito de proteger os peregrinos cristãos, cuja afluência à Terra Santa crescia cada vez mais, principalmente na área compreendida entre o Porto de Jafa e Jerusalém.

Existe um grande mistério a respeito do que realmente os Templários estavam fazendo naquela área, e o que eles encontraram sob as ruínas do Segundo Templo.

Que poderia ser isto?

Por muitos séculos, os Nobres Cavaleiros do Templo, tiveram autonomia sobre reis, e somente prestavam obediência ao Papa, então, tão subitamente como apareceram na história, eles foram perseguidos, torturados e suprimidos como hereges e inimigos da fé cristã.

Afinal, que tremendo segredo era este para que fossem silenciados tão violentamente?

A ORDEM DE CRISTO

A principal sucessora da Ordem dos Templários foi a Ordem de Cristo. Ela teve seu maior desenvolvimento em Portugal.

O Rei Dennis requisitou a criação de uma nova ordem para substituir a Ordem dos Cavaleiros do Templo. O primeiro Grão Mestre da Ordem foi D. Gil Martins, que morreu em 1321.

Ela assumiu a natureza de uma ordem militar religiosa. Seus membros assinavam o Juramento de pobreza, castidade e obediência. A sede original da

ordem situava-se na medieval Torre de Castro Marim, no Algarve. Entretanto, em 1357, no reinado de Pedro I (1357-1367), a Ordem mudou-se para a cidade de Tomar, antigo local onde situara-se a Ordem Templária em Portugal, durante a liderança de D. Nuno Rodrigues – sexto Grão Mestre da Ordem.

O último Grão Mestre eleito foi D. Lopo Dias de Sousa que morreu em 1417. Neste tempo o Rei João I casou-se com a Rainha Philippa de Lancaster, requisitou ao Papa o Ofício de Governador a favor de seu filho, o Príncipe Henrique, o Navegador.

E 1420, o Príncipe Henrique assumiu, com aprovação papal, a administração da Ordem com o título de Governador, assim iniciando um novo período que tornou-se brilhante na história da Ordem, ligando seu destino às **grandes descobertas marítimas**.

Durante seu governo, a Ordem foi reformada por João, Bispo de Lamego, com aprovação do Papa Eugene IV. Ao príncipe Henrique sucedeu, na governância da Ordem, seu sobrinho e filho adotivo, Príncipe Ferdinando, filho do Rei Eduardo I, que morrera em 1470.

Em 1484, Emmanuel, Duque de Beja, tornou-se o Décimo Primeiro Governador da Ordem, e foi eventualmente reconhecido como Grão Mestre, pela Bula Papal “Constante Fide”, após sentar-se no trono de Portugal em 1495. Substituiu-o seu filho João III.

Entretanto, em 1551, após o falecimento do príncipe Jorge, Duque de Coimbra (um filho bastardo do Rei João III) – Mestre das Ordens de Avis e St. James, concedeu “in perpetuum”, o Grão Mestrado de todas as Ordens Militares à Coroa.

Em 1523, João III foi a Tamar e fundou um Capítulo da Ordem tendo conferido a frei Antonio de Lisboa a responsabilidade de reformar a Ordem. Novos estatutos foram aprovados. Assim, a Ordem tornou-se Regular.

Em 1789, a Rainha Maria I reformou e secularizou as três tradicionais Ordens Militares com aprovação do Papa Pio VI, o qual, através a bula “Qualunque a Majoribus”, confirmou o Grão Mestrado das Ordens à Coroa Portuguesa, permitindo à Rainha reformar a Ordem Militar de Cristo. Portanto, a Ordem tornou-se uma mera Ordem de Cavalaria de natureza aristocrática.

A ORDEM DE CRISTO NO BRASIL APÓS A INDEPENDÊNCIA

As Ordens de Cristo, Aviz e St. James. Foram outorgadas ao Império do Brasil após a partida de D. João VI para Lisboa em 1821, pelo Príncipe Pedro sob a autoridade e por delegação de seu pai, até a declaração da Independência em 7 de setembro de 1822.

Desta data até 1827, o Imperador Pedro I do Brasil conferiu graus da Ordem de Cristo, Aviz e St. James, embora nunca invocando a si próprio a qualidade de Grão Mestre (que ele não era), mas como Imperador. Após a morte de D. João VI de Portugal, D. Pedro I foi reconhecido, como seu sucessor, à coroa de Portugal pela corrente liberal.

Desejando resolver a questão do Grão Mestrado das Antigas Ordens Militares Portuguesas no Brasil, Pedro I (IV de Portugal) solicitou ao Papa, através do Embaixador Brasileiro na Santa Sé, reconhecer os direitos do Brasil.

Disto resultou a Bula “Praeclara Portugaliae Algarbiorunque Regum” (15 de maio de 1827), dada pelo Papa Leão XII, pela qual criava-se um ramo da Ordem de Cristo. Não obstante, a Bula provocou grande disputa política e nunca foi ratificada pelo Parlamento Imperial.

A partir deste ponto, podemos dizer que as Ordens Portuguesas cessaram de existir, como tais, no Império do Brasil.

Em 1843, sob o Imperador Pedro II, as Ordens de Cristo, Aviz e St. James foram reconhecidas no Brasil como Ordens nacionais, tendo o Imperador como Grão Mestre. A insígnia era basicamente a mesma com adição da Coroa Imperial à Estrela e alterando a Forma Antiga para distingui-la das Ordens Portuguesas do mesmo nome. Estas Ordens Brasileiras permaneceram ativas até a Constituição Republicana de 1891 que as aboliu.

Vejamos agora o que tem a nos dizer Fernando Pessoa, este iniciado ao qual o próprio Crowley respeitava e prestava homenagens.

“A ordem de Cristo tem como regra: Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

A Ordem de Cristo não possui graus, templo, rito, insígnia ou passe. Não precisa reunir, e os seus cavaleiros, para assim lhes chamar, conhecem-se sem saber uns dos outros, falam-se sem o que propriamente se chama linguagem. Quando se é escudeiro dela não se está ainda nela; quando se é mestre dela já se lhe não pertence. Nestas palavras obscuras se conta quanto basta para quem, que o queira ou saiba, entenda o que é a Ordem de Cristo – a mais sublime de todas do mundo.

Não se entra para a Ordem de Cristo por nenhuma iniciação, ou, pelo menos, por nenhuma iniciação que possa ser descrita em palavras. Não se entra para ela por querer ou por ser chamado; nisto ela se conforma com a fórmula dos mestres: “Quando o discípulo está pronto, o Mestre está pronto também”. E é na palavra ‘pronto’ que está o sentido vário, conforme as ordens e regras.

Fiel à sua obediência – se assim se pode chamar onde não há obedecer – à Fraternidade de quem é filha e mãe, há nela a perfeita regra de Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Os seus cavaleiros – chamemo-lhes sempre assim – não dependem de ninguém, não obedecem a ninguém, não precisam de ninguém, nem da Fraternidade de que dependem, a quem obedecem e de que precisam. Os seus cavaleiros são entre si perfeitamente iguais naquilo que os torna cavaleiros; acabou entre eles toda a diferença que há em todas as coisas do mundo. Os seus cavaleiros são ligados uns aos outros pelo simples laço de serem tais, e assim são irmãos, não sócios nem associados. São irmãos, digamos assim, porque nasceram tais. Na Ordem de Cristo não há juramento nem obrigação.

Ela, sendo assim tão semelhante à fraternidade em que respira, porque, segundo a regra, “o que está em baixo e como o que está em cima”, não é contudo aquela Fraternidade: é ainda uma ordem, embora uma Ordem Fraternal, ao passo que a Fraternidade não é uma ordem”

Será que Fernando Pessoa estava falando de qualquer Ordem conhecida por nós?

PROVÁVEIS MEMBROS DA ORDEM DE CRISTO

Cristóvão Colombo

Quem Era Este Homem?

Cristóvão Colombo é uma personagem difícil de ser analisada, de se penetrar no intrincado labirinto de sua biografia. Até hoje existem grandes dúvidas sobre ele.

Dizem que Colombo era oriundo de família humilde, tornando-se nobre por graças dos “Reis Católicos” Fernando de Aragão e Isabel de Castela, os quais lhe deram o nome pelo qual tornou-se conhecido.

Através do relato enviado por ele aos seus soberanos protetores, lê-se: “Neste mês de janeiro, ordenaram-me Vossas Altezas que tomasse o caminho das Índias... e para tanto concederam-me grandes favores, tornando-me nobre e com isto autorizando-me a me fazer tratar por “Don”. Don Cristobal Colón.” Entretanto, vários historiadores dizem que em Gênova nunca houve nenhum Colón. O homem nascido em Gênova tinha por nome Colombo, Christoforo Colombo. Autores como o português Barros ou como o espanhol Valdez o chamam de Colom. Deste último nome o biógrafo de Colombo, Salvador Madariaga, toma uma forma italianizada Colomo. Assim, nós vamos encontrar quatro nomes para um único homem: Colón, Colombo, Colom e Colomo.

Através de seu filho, D. Ferdinando Colón, sabemos que “Para adaptá-lo à pátria onde ia viver e tomar novo estado, ele poliu o nome à maneira do antigo e se fez chamar Colón; o que nos faz crer que, assim como quase tudo que ele fazia era cercado de mistério, também com relação à sua mudança de nome e de prenome deve ter havido, com certeza, algum mistério”

Desta maneira registramos o nome que usava ao morrer – Don Christobal Colón.

Uma outra questão, entretanto, se apresenta. Se trata de um nome adotado, seria interessante perguntarmos se o nome tem algum significado oculto e, caso positivo, qual seria?

Um estudioso do assunto, Bartolomé de Las Casas (“História de Las Índias” – Madrid, 1552) afirma que Colombo, no intuito de “afirmar o desígnio divino, usava um nome que bastava para indicar sua missão”. De

fato: Christoforo = Christóforos, aquele que carrega o Cristo, assim sendo, o iniciador do cristianismo em novas terras, e Colón = o Colonizador. Aliás, Colombo assinava seu nome de maneira latina, Christum ferens. Seria bom ressaltar que o “descobrir da América” inventou este nome para si mesmo muito antes de navegar, muito antes mesmo de contatar os Reis da Espanha. Isto revela a “fé” inabalável em sua missão.

Outro enigma relativo a Colombo é o dia de seu nascimento. O próprio capelão da expedição e, mais tarde, seu cronista, ao qual Colombo confiou seu diário de bordo, preferiu escolher a mais antiga das dezesseis datas existentes, e escreve: “O dito Almirante Don Cristóbal Colón, nasceu na província de Milão, estando em Valladolid em 1506, no mês de maio, e morreu com a idade de setenta anos aproximadamente”. Se subtraímos 70 de 1506 encontramos 1436.

Mas o dito pelo próprio Colombo em 1492, e depois em uma carta datada de 1501, depreende-se que sua primeira viagem data de 1461. Entretanto, lendo-se uma outra carta sua, enviada ao Rei Fernando (Jamaica, 7 de julho de 1503) ele próprio afirma que completara 28 anos ao entrar para o serviço do Rei em 1483. Desta maneira teria nascido em $1483 - 28 = 1455$. Mas como as suas primeiras atividades ocorreram aos 14 anos, também encontramos $1461 - 14 = 1447$. Data novamente encontrada ao nos lembrarmos das palavras de Colombo afirmando ter vinte e três anos de navegação, sempre tendo começado aos 14 anos de idade. Perante tamanha confusão, perguntamos se da mesma forma como seu nome, a sua data natalícia não teria sido escolhida visando algum objetivo esotérico (mágico?). Talvez para reafirmar seu nascimento sob o Signo de Libra, signo este que era, naquele tempo, interpretado da seguinte maneira: “aquele que nasceu sob este signo será muito poderoso”. Quanto ao lugar de seu nascimento escreveu Oviedo: “Segundo me informaram pessoas de sua terra, Colombo, era originário da província de Liguria, na Itália. Afirmam uns que ele é de Savona, outros que é de Nervi...”

Ö próprio filho de Colombo ignorava onde tinha nascido seu pai.

A genealogia genovesa do Almirante, apresenta-se, à primeira vista, com bastante clareza.

Giovanni Colombo

Uma filha

Um filho

Domênico Colombo – Cristoforo Colombo

Giovanni Colombo era originário de Moconesi, e viveu em Quinto, arrebalde de Gênova. Domênico Colombo, aprendiz e depois mestre tecelão, e mais tarde guarda da Torre da Porta Dell'Olivella, em Gênova.

Ora, se Colombo não é natural de Gênova compreende-se que seus documentos relativos às sua origens familiares são falsos, ou que Colombo nascido em Gênova nada tinha a ver com aquele que descobriu a América.

Certamente, estamos diante de um italiano que lê Italiano mas não o escreve, que conhece o Espanhol muito antes de chegar na Espanha, e cujo Latim é de um espanhol autodidata.

Estará a História lidando com dois Colombo, ou será que este homem está cercado de mistério pela necessidade de esconder sua real origem... Judaica?

Baseados nesta “confusão”, alguns comentaristas afirmam que Cristóvão Colombo seria um emissário do Priorato de São, com a missão de atingir o Novo Continente (que de Novo só tem o nome) com o propósito de criar uma nova e grandiosa civilização.

Resumindo: três cidade reivindicam a honra de ter sido o berço de Cristóvão Colombo: Gênova, Barcelona e Calvi. Poucas figuras oferecem tantos enigmas como ele. Seu filho Fernando pretende, no entanto, que o célebre navegador teria nascido em Gênova, no ano de 1450.

Para ganhar a vida, o jovem Cristóvão Colombo começara a fabricar estampas e mapas marítimos, inspirados por teorias mais audaciosas.

Sabemos que foi em Portugal que os Templários guardaram os seus bens mais preciosos, especialmente os mapas que lhes serviram para irem a América do Sul, o que explica as viagens que fez a Tomar o grande almirante de Isabel de Castela, antes de empreender sua aventura americana. Foi ai que teve acesso aos mais secretos documentos da Ordem Templária.

Seria interessante situarmos a descoberta da América como uma feliz operação já sonhada pelos Adeptos.

Louis Charpentier emitiu a hipótese de a Ordem do Templo explorar secretamente as minas de ouro e prata americanas. Os conquistadores que antecederam a Colombo abarrotaram com estes metais preciosos os paiós de seus navios, trazendo aos reis católicos uma imensa fortuna.

Colombo foi autorizado pelos reis de Espanha a usar “Dom”, antes de seu nome, e foi promovido a grande almirante, título até então somente reservado aos príncipes de “sangue real”. Também o título de vice-rei das terras que descobrisse foi-lhe concedido. Depois de tantos séculos, ainda mal compreendemos as profundas causas que levaram os reis católicos elevar a uma tão alta dignidade um marinheiro totalmente desconhecido. Parece que o

A Lança e o Graal

grande almirante conquistou o seu título por intervenção de algum “protetor desconhecido”. Uma auréola de mistério nimba Colombo, personagem em quem alguns querem ver um iniciado da, não muito conhecida, Ordem dos Cristóforos.

Desde a muito que “São Cristóvão” era suspeito aos padres da Igreja, O bom protetor dos viajantes tinha para os hermetistas um sentido simbólico que irritava e irrita dos fiéis da fé católica.

Fulcanelli nos dá a explicação no seu livro “O Mistério das Catedrais”

VASCO DA GAMA

(Cavaleiro Comandante da Ordem Militar de Cristo)

Vasco da Gama nasceu no ano de 1469 na vila de Sines, morreu em pleno Natal, em Cochim, Índia, em 1524, como Vice-Rei da Índia. Após sua histórica viagem marítima para as Índias (1497-1499), o Rei Emanuel I deu-lhe o título de Dom com uma renda mensal de 300.000 reais. Apontou-o como Almirante das Índias (janeiro de 1500), também recebendo o título de Conde de Vidigueira.

Muito pouco é conhecido deste vulto histórico antes de sua nomeação a Capitão Mor da flotilha enviada para as Índias. Seu pai, Estevão da Gama, era Comandante em Cercal da Ordem de St. James da Espada e Alcaide-Mor da vila de Sines, que também pertencia a antiga ordem. Sua mãe chamava-se Isabel Sodré.

Seu pai era membro da Casa do Príncipe Dom Fernando – Mestre da Ordem de St. James, e mais tarde, àquela do filho do Príncipe – Dom Diogo, Duque de Viseu, tendo também combatido em Castela e Norte da África em campanhas militares. A família de seu pai, da província de Alentejo, parece ter tido estreitos elos com a Ordem Militar de Aviz, e mais tarde com a Ordem de St. James.

Por parte da família de sua mãe, de ascendência inglesa, também possuía elos com a Casa de Dom Diego, Duque de Viseu e Governador da Ordem Militar de Cristo.

Por volta de 1480 foi admitido na Ordem de St. James juntamente com seus irmãos. Em 1495, nomeado Governador da Ordem de St. James, o príncipe Dom Jorge morreu, assim sendo Vasco da Gama obteve dois Comandos na Ordem de St. James (o de Mouguelas e Chouparia). Entretanto, o Rei Dom Manuel I prometeu agraciar Vasco da Gama o Senhorio da Ordem de St. James da vila de Sines, devido aos conflitos com o Mestre da Ordem e autoridades locais.

Após seu retorno da Índia em 1503, Vasco da Gama foi transferido para a Ordem de Cristo, sob o governo do Rei Emanuel I.

O Infante D. Henrique

Era D. Henrique filho de autêntico monarca, descendente da antiga linhagem de soberanos que reinaram em Portugal, em Castela, em Aragão e na Inglaterra. Descendia ele, portanto, do que mais alto existia em matéria de nobreza, pertencendo, por isso, à mais alta aristocracia medieval. A ampliação dos horizontes geográficos portugueses, resultante de suas descobertas, trouxe em seu bojo, ao lado da expansão comercial marítima que enriqueceu Portugal, conseqüências imprevisíveis para o mundo. Abriu o caminho para o processo revolucionário que veio a alcançar o seu ponto crítico, mais tarde, na Revolução Francesa. O insigne desbravador, no entanto, já naquela época, desfechava um golpe arrasador nas instituições então vigentes, com todo aquele rosário de males que o obscurantismo feudal encerrava em si, funcionando, portanto, como um poder obstaculizante da libertação da mente humana. Com extraordinária visão, criou ele condições subjetivas para que a humanidade se libertasse das amarras do fanatismo religioso reinante, preparando, em conseqüência os alicerces para a eclosão da Renascença e, mais tarde, do movimento chamado Iluminista.

O Infante D. Henrique transformou as concepções geográficas fantasiosas, lendárias e incongruentes de sua época, transmutando-as numa ciência exata e abrindo a todos os interessados o método experimental, base da cultura do Ocidente moderno. Desde os tempos do sábio Ptolomeu até o advento do famoso D. Henrique (cerca de 1300 anos de história se passaram) o conhecimento humano pouco avançara, especialmente no que tange à ciência aplicada ao bem estar da humanidade. Ao Norte da Europa, os Vikings, só lograram alcançar, em suas expedições, a Islândia, a Groelândia e o Labrador, indo, talvez, até o Continente Americano. Mas estas aventuras, realizadas sem método e sem planejamento que caracterizavam as coisas feitas para durar, inteiramente ao acaso, perderam-se como patrimônio da humanidade, lhes faltou a essência vivificante das grandes realizações, qual seja, o impulso avatárico dado aos portugueses pelo Grande Iniciado de Sagres. No Leste Europeu fundara-se o reino medieval da Rússia, destruído, posteriormente pelos Tártaros. Já o Sudoeste Europeu tornara-se mais conhecido, graças ao domínio árabe, povo de raiz cultural profunda e, por isso, muito mais adiantado que os ocidentais. Por tudo isto é que os árabes foram capazes de conservar o fruto das experiências do passado, tirando o melhor proveito prático de suas descobertas que, mais tarde, muito iriam facilitar aos portugueses o domínio do Oriente e, por fim, do Ocidente, enfeixando, assim, na época, os governos políticos e econômicos do mundo.

Mas, como toda moeda possui duas faces, assim também acontece com a história. Recentemente, alguns pesquisadores chegaram a conclusão de que “na verdade, a famosa Escola de Sagres jamais existiu. O Infante D. Henrique não parecia interessado em ensinar técnicas de navegação. Na realidade também não viajou muito: fez apenas três viagens para o vizinho Morrocos. Apesar disto, a expansão (portuguesa) prosseguiu, graças a reis de visão estratégica, como João II, que reinou de 1481 a 1495. Em seu reinado o célebre navegador Bartolomeu Dias descobriu o caminho marítimo para as Índias ao ultrapassar o Cabo da Boa Esperança, onde hoje é a África do Sul (1488). (Ver “Galileu” – Abril de 2001/ Ano 10/N.117).

ALGUMAS ORGANIZAÇÕES DE CARACTERÍSTICAS TEMPLÁRIAS DURANTE E APÓS OS CAVALEIROS DO TEMPLO DE SALOMÃO.

OS HASHISHIM (Assassinos)

Os Cavaleiros Templários estiveram envolvidos com inúmeras e inacreditáveis atividades entre as quais destaca-se: os Mistérios da Arca da Aliança, o Santo Graal, uma secreta frota que velejou pelos oceanos, e uma admirável coragem e autoconfiança as quais seus inimigos admiravam e temiam.

A despeito da grande propaganda contra os Templários durante sua supressão, eles ainda são conhecidos, até hoje, como os preservadores de um indeterminado e tremendo mistério. Enquanto as origens destes temidos cavaleiros são ditas antecederem à construção do Templo de Salomão pelos arquitetos fenícios originários de Tiro, ou mesmo da Grande Pirâmide, ou da Atlântida, nós somente podemos traçar sua história desde o período das Cruzadas, na Idade Média.

Uma das façanhas dos Cavaleiros do Templo foi aquela de formarem um elo com a famosa Ordem dos Assassinos.

Os “Hashishins” (ou Ordem dos Hashishin) surgem em 1090, tendo como fundador e líder Hasan-Ibn-Sabah, e torna-se uma poderosa força militar Shiite-Ishmaili dentro do mundo Sunni Muslin. A manutenção de uma política de assassinatos seletivos, o fanatismo sem par e o isolamento dos Hashishin sugerem doutrinas de natureza não ortodoxa. O contato íntimo entre

os Hashishin e os Templários é bem conhecida. A similaridade entre as duas ordens são notáveis. A Ordem foi esmagada em 1256 pelas forças mongóis.

O chamado “Velho da Montanha” (“Grão Mestre” dos Hashishin) os liderava de um local secreto e que, igualmente ao Líder dos Templários, estava em contato com os monarcas do Oriente e, segundo é dito, com os do Ocidente, através dos Templários.

De acordo com Arkon Daraul (“A História of Secret Societies”) , os seguidores de Hasan-Ibn-Sabah, estavam definitivamente em contato com os Templários e aparentemente preparados para se tornarem “Cristãos”, se suas metas fossem atingidas, o que não aconteceu. Em um ponto, o pagamento de 3000 peças de ouro, provenientes do Ramo Sírio da Ordem, foi feito aos Cavaleiros do Templo, como uma forma de tributo. A exata associação entre templários e hashishin permanece um mistério. Mas, como se há de compreender, ainda não eram tempos para uma ordem sinarquica universal, para o sincretismo religioso, não havia lugar para um ecumenismo nos inícios do Século XIV. Talvez este sonho tenha sido um dos motivos da queda dos Templários.

Durante o tempo em que os Templários permaneceram na Terra Santa, muitos deles eram palestinos de nascimento, falando perfeitamente a língua árabe, e estavam familiarizados com todas as seitas religiosas, cultos e doutrinas mágicas, incluindo as doutrinas dos Hashishin. Por exemplo: o Grão Mestre Templário Philip de Nablus (1167 A.D.) era sírio de nascimento. Os Hashishin, necessita ser mencionado, eventualmente tornaram-se no que é hoje conhecida como a Seita Ismaili do Islã. Seu líder foi o Aga Khan, cuja liderança descende de Mohammed, mantendo sua residência em Bombay. Foi ele o pai do conhecido Aga Khan que casou-se com a atriz cinematográfica americana Rita Hayworth. O fabuloso Mausoléu do Aga Khan encontra-se na cidade de Aswan (Egito) à margem esquerda do Nilo.

A ORDEM TEUTÔNICA

De acordo com certos historiadores e tradições que chegaram até nós, durante o transcorrer do Século XII, um rico casal germânico construiu um hospital em Jerusalém para atender peregrinos pobres e doentes, de língua alemã.

Tanto o hospital e uma capela que havia próximo eram dedicados à Virgem Maria. O Hospital Germânico aparentemente estava afiliado com um outro hospital, o Hospital de São João. Isto, pelo menos, corresponde à verdade em que os dois Hospitais observavam as regras de São Augustinho. Após o Grande Saladin ter conquistado Jerusalém em 1187, não se encontra quaisquer outras referências ao Hospital Germânico. Não existe qualquer indicação de que ele, sequer, tenha tido uma missão militar.

Durante o cerco de Acre (Akro), durante a Terceira cruzada, soldados alemães originários de Lubek e Bremen, estabeleceram um hospital para atendimento de alemães combatentes. O mais interessante é que este hospital usava as velas dos navios como abrigo dos feridos.

O Duque Frederick von Swabia colocou seu capelão como encarregado do hospital e imediatamente transformou a organização em uma Ordem Religiosa ligada à responsabilidade do bispo latino local.

Aparentemente, a Ordem foi aprovada em 1191 pelo Papa Clemente III. Em 1196, a Ordem recebeu a proteção do Papa Celestine III, sob o nome de “Hospital de Santa Maria dos Germânicos de Jerusalém”. Talvez, este nome seja a única ligação com o antigo Hospital Germânico, muito embora vários autores digam existir uma mais direta relação com o hospital original.

Como informado no início desse trabalho os Cavaleiros Teutônicos se secularizaram e repudiaram sua lealdade a Roma e apoiaram Martinho Lutero.

ORDEM DOS CAVALEIROS DE MALTA

Entre as mais conhecidas ordens militares do mundo está a Ordem de Malta. Ela existe até hoje e teve três nomes durante sua história. Também é dito que já existia antes das Cruzadas.

Conhecida como Hospitaleiros de Jerusalém até 1309, seus membros foram chamados Cavaleiros de Rhodes de 1309 até 1522, e foram chamados Cavaleiros de Malta desde 1530.

As origens dessa Ordem tem suscitado inúmeras discussões desde as mais fictícias lendas até arriscadas conjecturas. O inquestionável fundador foi um Gerald ou Gerard cujo nascimento e nome de família não tem sido determinado. Por outro lado seu título como fundador está atestado por um documento oficial da época, a Bula de Paschal II, datado de 1113, endereçado a “Geraudo institutori ac preposito Hirosolimitani Xenodochi”. Não era, porém, este o único estabelecimento do tipo em Jerusalém; mesmo antes das Cruzadas, estalagens e eram indispensáveis para proteção dos peregrinos que transitavam pela Terra Santa, e no início os *hospitia* ou *xenodochia* nada mais eram que hospedarias. Estes refúgios pertenciam a diferentes nações; um *hospice* (hospital) franco era conhecido no tempo de Carlos Magno; o hospice Húngaro data do ano 1000 (Rei St. Stephen). Porém, o mais famoso era o hospice Italiano, por volta de 1050, conhecido pelo marcadores de Amalfi, que naquele tempo mantinham relações comerciais na Terra Santa. Tentativas foram feitas para traçar a origem dos Hospitaleiros de St. João a esta fundação, é obvio lembrar que os Hospitaleiros tinham St. João o Baptista como patrono, enquanto o hospice Italiano era dedicado a St. João de Alexandria. O primeiro adotava as Regras de St. Augustine, enquanto o último seguia aquelas dos Beneditinos. Como muitas destas “casas” daqueles tempos, o hospice de Amalfi era, de fato, meramente a dependência de um monastério, enquanto que a Ordem de Gerard era autônoma desde o princípio.

Antes das Cruzadas o hospital italiano definhou, sustentado somente por fundos vindos da Itália, mas Gerard beneficiando-se pela presença dos Cruzados, e pela gratidão à sua hospitalidade, ganhou terras e rendimentos não somente no Novo Reinado de Jerusalém, mas também na Europa – Sicília, Itália e Provence.

O sucessor de Gerard foi Raymond de Provence (1120-1160) que, aproveitando-se da herança deixada por Gerard, construiu vários e espaçosos prédios perto da igreja do Santo Sepulcro.

Raymon continuou a receber donativos, e isto permitiu-lhe completar sua fundação através uma grande renovação. Para acompanhar e defender os peregrinos que chegavam e partiam da Terra Santa, a Ordem defendeu a costa com uma escolta armada, que com o passar do tempo tornou-se um verdadeiro exército, composto de cavaleiros recrutados entre Cruzados e nativos de sangue mesclado. Com esta inovação originaram-se as mais antigas dignidades na Ordem: o marechal, no comando dos Cavaleiros, e o “turcopolier”, para o comando dos Turcopolos.

Mais tarde, aparece uma distinção feita entre Cavaleiros seculares, externos à Ordem, que serviam-na apenas por algum tempo, e os Cavaleiros professos, ligados à Ordem por um perpétuo juramento. Disso a Ordem apresentava duas classes distintas de membros: os Irmãos Militares e os Irmãos Enfermeiros. Uma terceira classe formou-se através dos Irmãos Capelães, aos quais era confiado os Serviço Religioso. Esta foi a grande diferença existente entre os Cavaleiros Templários e os Cavaleiros de Malta. Enquanto a Ordem de St.João tornou-se uma ordem mista, a dos Templários era puramente militar desde o começo.

Após a tomada de Jerusalém por Saladin (1187), os Hospitaleiros somente mantiveram em seu poder o Principado de Tripoli, e mesmo este eles perderam uma século mais tarde com a queda da cidade de Acre (1291). Obrigados a buscar refúgio, retiraram-se para o Reinado de Chipre. Na posição de ilhéus, eles foram obrigados a modificar suas atividades guerreiras. Equiparam frotas para combater os muçulmanos nos mares, e proteger peregrinos, que continuavam a visitar os lugares Sagrados. Mais tarde, sob a liderança do Grão Mestre Foulques de Villaret, conquistaram a Ilha de Rhodes, o que trouxe uma completa modificação na Ordem. Daí em diante (1309) passaram a ser conhecidos como Cavaleiros de Rhodes.

Com o passar do tempo uma nova força muçulmana ergueu-se – os Turcos Otomanos de Iconiun – e tomou a ofensiva contra a cristandade. Após a queda de Constantinopla. Mohamed II dirigiu sua atenção no sentido de destruir Rhodes. A Ordem reforçou sua defensiva. Sob o Grão Mestre Pierre d’Aubusson, repeliu todas as forças de Mohamed II em 1480. Em 1522, Solyman II retornou a atacar Rhodes com uma força de 400 navios e 140.000 homens. Os valorosos Cavaleiros de Malta sustentaram o grande ataque com habitual bravura por um período de seis meses, sob a liderança do Grão Mestre Villiers de L’Isle Adam, e capitulou somente quando seus suprimentos estavam totalmente esgotados. Solyman II, em homenagem ao heroísmo dos Malteses, deixou-os retornar a Europa. Eles se dispersaram em suas “commanderies” (quartéis) e solicitaram a Carlos V a lhes doar a Ilha de Malta, que era uma dependência de seu reino da Sicília, e esta soberania lhes

A Lança e o Graal

foi dada em 1530, sob a suserania dos Reis da Espanha. Nascia assim os Cavaleiros de Malta, existentes até os dias atuais.

A ORDEM MILITAR DE AVIZ

A Ordem, acredita-se, teve suas origens em uma Milícia Militar criada sob o reinado do Rei Afonso Henriques (1128-1185), após 1166, para assegurar a defesa da recapturada cidade de Evora das mãos dos mouros. Isto aconteceu no tempo do Calípa Abu Yaqub Yusuf, o líder do crescente Império Muwahhid, ao Norte da África e em Al-Andalus, com o qual foi estabelecida uma trégua em 1173.

Por volta de 1187, a Ordem, buscando sua regularização, recebeu as Regras e Constituição da Ordem de Calatrava, e tornou-se conhecida sob o nome de Évora Milícia da Ordem de Calatrava.

A Castelã Ordem Militia de Calatrava foi fundada por D. Sancho III, Rei de Castela, que em 1158 doou a Torre de Calatrava, anteriormente abandonada pelos Cavaleiros Templários, a Raimundo de Fitero e seus frades que, assim, formaram uma Militia para defender Calatrava dos ataques mouros.

A Nova Ordem submeteu-se à obediência das Regras Cisterianas, o que foi confirmado por uma Bula Papal emitida por Alexandre III.

A Évora Militia da Ordem de Calatrava assumiu a estrutura de uma Ordem Monástica Militar, os cavaleiros submetendo-se a juramentos de pobreza, castidade e obediência juntamente com a obrigação tácita de lutar contra os mouros.

Mais tarde, o Rei de Portugal, D. Afonso II, doou a esta Ordem a Torre de Aviz a D. Fernando Annes, Mestre da Évora Militia que, em troca, fortificou a torre, construiu um castelo e um convento. Ao terminar as fortificações de Aviz, os frades da Évora mudaram seu quartel general para esta localização na época de Fernão Rodrigues Monteiro, o Mestre da Ordem em Portugal. Desde então a Ordem passou a ser conhecida como Ordem de Aviz.

A Lança e o Graal

A MAÇONARIA NO BRASIL

Não podemos ficar indiferentes ao Brasil onde a Maçonaria (mais acentuadamente o Rito Escocês Antigo e Aceito), atuou de maneira bastante ativa no processo político, social e espiritual.

Criado para servir à hegemonia política da Prússia em relação aos países do Velho Mundo, o Rito Escocês Antigo e Aceito sofreu algumas modificações de fachada no Congresso de Lauzane (1875), mas mantêm-se ainda estancado em relação às conquistas humanas de século e meio de lutas titânicas entre o liberalismo de um lado e as castas privilegiadas de outro.

Torna-se necessário esclarecer que, após a morte de Frederico da Prússia, o Supremo Conselho do 33º Grau do Rito Escocês Antigo e Aceito se subdividiu em outros agrupamentos congêneres, sendo que o Supremo Conselho de França, embora guardando o sentido hierárquico original, se imbuíu desde logo de uma tendência generosa e mais humana – digamos mesmo mais latina – admitindo, em certas doses, aquilo a que podemos chamar de transigência com a Fraternidade Universal. E foi deste Supremo Conselho de características menos imperialistas, quase oposto à nobiliarquia prussiana, que verdadeiramente nasceu o Supremo Conselho para o Império do Brasil, cujo tratado de união foi ratificado aos vinte e um dias da Lua de Chisvan do ano da Verdadeira Luz de 5834.

Desviando-se do eixo prussiano, as Altas Partes contratantes admitiam que a Franco-Maçonaria era um culto universal por meio de diversos ritos, e que esses ritos “embora diferentes, tendiam ao mesmo fim, como emanados de uma origem comum”. E para não surgirem dúvidas quanto à interpretação da palavra “culto”, os quatro negociadores esclareciam a verdadeira acepção do termo: “Este culto é essencialmente tolerante, e cada mação é livre de escolher o rito que quiser professar”. “Todos os verdadeiros mações, qualquer que seja sua pátria, ou o seu Rito, não formarão senão uma única família de irmãos espalhados pela superfície da Terra.”

A Maçonaria Brasileira é filha direta, espiritualmente falando, da Maçonaria Francesa. De França veio o Rito Moderno com que o Grande Oriente atingiu a maioria, e, dez anos mais tarde, o Rito Escocês Antigo e Aceito, já temperado com o sal da inquietude latinas. A ortodoxia prussiana perdeu um pouco de sua tonalidade severa para admitir outras cambiantes mais suaves em que já se vislumbravam as luzes de uma grande aurora em formação.

A maçonaria era um grande laboratório de idéias políticas que deram vida ao Império e que, mais tarde, levariam o Grão Mestre Manoel Deodoro da Fonseca à proclamação da República.

Temos, portanto, que de 1822 a 1932, o Rito dominante na Maçonaria Brasileira era o “Moderno”, também chamado “Francês”, no qual passaram a funcionar as Lojas “Comércio e Artes”, “União e Tranqüilidade”, e “Esperança de Niterói”, as três pedras angulares em que se assentam os alicerces centenários do Grande Oriente do Brasil. Foi nelas que José Bonifácio, o Príncipe D. Pedro, e Joaquim Gonçalves Ledo, deram início à gloriosa Epopéia da Independência do Brasil.

Iniciado em 2 de agosto de 1822, e recebendo o “nome” de Guatemozin, o Príncipe Regente, D. Pedro, só quatro meses depois estaria apto a entrar na plenitude dos direitos maçônicos, segundo as leis ritualísticas da época; mas acima dos formalismos demasiados rígidos estavam os anseios dos patriotas, e isso explica a surpreendente proposta de Gonçalves Ledo à “Loja Comércio e Artes”, dias após a iniciação, para que D. Pedro de Alcântara fosse elevado aos graus de Companheiro e Mestre, com dispensa dos interstícios legais.

A proposta recebeu aprovação unânime, e D. Pedro atingiu desde logo a maioria maçônica. Não era, porém só isso, o que desejava o ardente revolucionário fluminense, porque logo na sessão imediata da Grande Loja, poder executivo do Grande Oriente, e a pretexto de que as últimas leis promulgadas pela metrópole portuguesa tendiam a cercear os poderes extraordinários concedidos ao príncipe, prenuncio evidente de que se pretendia fazer retroceder o Brasil à situação de colônia⁹, propôs que D. Pedro fosse investido no Grão-Mestrado da Ordem e que esta, consciente das responsabilidades do momento o proclamasse Rei do Brasil.

-Rei?... Não! – gritou da Coluna do Meio-Dia o irmão Domingos Alves Branco.

Ledo, surpreendido pelo aparte, preparava-se para uma daquelas respostas fulminantes caracterizando seu temperamento exaltado quando o aparteante, num gesto de incontido entusiasmo, completou o sentido de sua frase: IMPERADOR é que é.

Foi assim que D. Pedro recebeu o título de “Imperador e Defensor perpétuo do Brasil”.

E mais uma vez a Ordem Maçônica cumpria sua missão de Liberdade, Igualdade e Fraternidade no mundo.

⁹ Nota – Uma situação intolerável, a que uma certa “ordem” em nosso meio está tentando trazer o Brasil, ao ceder sua independência espiritual em favor de privilégios pessoais “cedidos” do Norte.

“Quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união...”

RESSURGIMENTO DO TEMPLARISMO

Passaram quatrocentos anos após a “destruição” dos Templários para que ocultistas europeus viessem a se interessar pela Ordem Templária.

Por volta do Século XVIII, alguns mações tendo atingido os graus mais altos de sua Ordem, concluíram de que as atividades dos Templários e o fato do simbolismo dos Três Primeiros Graus da Maçonaria (Maçonaria Azul) centralizados na “construção” do Templo de Salomão, estabelecia algum elo histórico entre as duas Ordens. Não temos qualquer prova de que esta ligação seja verdadeira. É necessário um estudo mais profundo para estabelecer a realidade, ou não, deste elo. Sob nosso particular ponto de vista existe algum tipo de relação, por menor que ela seja. Mas esta é uma opinião particular nossa.

Rapidamente, surgiram numerosas fraternidades clamando-se de origem ‘templária’. Entre as mais importantes destacamos a Estrita Observância, a Royal Order (Escócia), e a ordem do Templo (França), usando, esta última, uma versão não ortodoxa dos Evangelhos de S. João.

Mas, ao que parece, esta conclusão, sob o ponto de vista de vários escritores, foi um tanto apressada. Na opinião deles, a Maçonaria, nada tem a ver com os Templários, pelo menos no que diz respeito as atividades e os fitos dos famosos Cavaleiros-Monges. Mas há de se convir que, ao se sentirem perseguidos, muitos dos Templários procuraram abrigo nas Lojas Maçônicas da Escócia, estabelecendo este elo.

No Brasil, conhecemos pessoalmente duas organizações ditas Templárias: a Ordem Civil e Militar dos Cavaleiros do Templo, e a Ordo Templi Orientis. Sendo que a última tende a uma estrutura ligada ao esoterismo (místico-mágicas).

Sobre a Ordem Civil e Militar do Templo não possuímos muitos dados, a não ser que esteve ativa em nosso país até os anos 40, quando suas portas foram fechadas, ressurgindo em 18 de janeiro de 1985. O fundador deste novo ciclo é o atual Grão-Mestre – Príncipe Asklépio D’Esparta.

Quanto a Ordo Templi Orientis não podemos afirmar ser realmente uma Ordem Templária nos termos da Ordem do Templo de Salomão... As duas se afastam grandemente em vários itens: a Ordem do Templo de Salomão era

fortemente uma Ordem Cristã. A Ordo Templi Orientis se baseia (ou parece basear-se) em premissas inteiramente anti-cristãs. Os objetivos da Ordem do Templo de Salomão nada têm em comum com as finalidades da O.T.O. A Ordem Templária original estava submetida ao poder emanado do Papado e, de maneira oculta, ao Monastério do Sinai. Constituía um bloco único, enquanto que a O.T.O. dividiu-se em vários Ramos, cada qual seguindo Sistemas diferentes. Alguns se aliaram ao Sistema Thelêmico, outros permaneceram ligados ao Sistema Osiriano. O Templo referido no nome O.T.O. não é o Templo de Salomão, o que é fundamental na diferença entre as duas Ordens.

Nada prova, pelo menos até hoje, que a Ordem do Templo de Salomão possuía “rituais”, ou que “trabalhavam” em Lojas, etc. O único ritual que se tem referência em relação a Ordem é (e assim mesmo as referências são muito reticentes) a Cerimônia para o ingresso do Cavaleiro. Outro ritual que eles participavam era o Ritual da Missa Católica Romana, executado por padres católicos romanos (capelães).

DESMISTIFICANDO

Há mais de meio século que o Magus ¹⁰, poeta e escritor Aleister Crowley (também conhecido como Mestre Therion, seu ‘nome mágico’ assumido ao atingir o elevado Grau de Ipississimus) vem exercendo profundo fascínio, e grande influência, no campo do moderno Ocultismo.

Lamentavelmente, este fascínio e influência não se fundamentam exclusivamente sobre a magnífica obra do Mago; mas sim nas notícias sensacionalistas envolvendo a personalidade de Crowley, e nas infâmias de que foi vítima ao longo de sua vida, e que continuam até hoje, cinquenta e dois anos após sua morte física (1947).

Crowley foi odiado e perseguido, tanto pela Igreja de Roma como por suas sucursais, e por outras tantas ‘organizações’ (religiosas ou não) subjugadas ao Aeon de Osiris ¹¹. Este ódio, evidentemente, originou-se da posição

¹⁰ - Nota – Favor não confundir com Magista, que é outra coisa completamente diferente. Magista é aquele que pratica Magia. Magus ou Mago é um Grau da Suprema Ordem. Isto não quer dizer que o Mago, ou Magus, não pratique Magia; ele pode ou não fazê-lo.

¹¹ Nota – Aeon de Osiris, ou Aeon do Deus Sacrificado. Aeon também é um termo Gnóstico para a Suprema Divindade. Também significa um Ciclo de Tempo (aproximadamente 2000 anos de duração), durante o qual uma Fórmula Mágica é adotada como Caminho a ser seguido pela humanidade para atingir sua evolução. O Aeon de Osiris, ou seja, o Ciclo da Fórmula do Deus Sacrificado – Virgo Pisces – foi substituído pelo Aeon de Horus, a Criança Coroada e Conquistadora. Vários autores têm declarado esta Criança como Filho de Isis e Osiris. Ai existe um engano. A Criança é filha de Nuit e Hadit, em seu Nome Ra-Hoor-Khuit. Anteriormente aos Aeons de Osiris e Horus, houve aquele de Isis, a chamada Deusa Mãe, do qual muitos dos elementos

crowleyana contra todas as artimanhas, tramas e mentiras usadas pelas religiões e por políticos no sentido de manterem o poder espiritual e material sobre as massas.

No Brasil, o panorama tem se revelado bastante caótico, no que se refere a este assunto. O pouco conhecimento que temos de Crowley e de sua vastíssima obra literária (entre contos, poemas, ensaios e livros esotéricos), pode ser explicado pela quase ausência, em nosso país, de uma séria e bem fundamentada literatura esotérica que mereça ser lida, particularmente no tangente aos recentes movimentos esotéricos revividos na Europa e América. Evidentemente aqui me refiro à uma séria literatura, e não a esse lixo que atualmente vem sendo jogado sobre a população brasileira, interessada em ocultismo, por autores que, sequer, sabem o que seja o Ocultismo na real acepção da palavra.

Desta forma, Crowley, tornou-se um grande enigma para nós, ou melhor: Crowley é visto como uma personagem distorcida e sinistra, ao ponto em que muitos o têm tomado como um grande Mago Negro e Satanista da pior espécie, do mesmo modo que o foram, outrora, J. de Rais, Joana D'Arc e, mais recentemente, H.P.Blavatsky, Eliphas Levi, e aquele Adepto que passou a ser conhecido pela fórmula mágica sintetizada no Nome "Yheshuah-Shaitan". Evidentemente, esta visão deturpada é uma versão elaborada por seus inúmeros inimigos, e que tem sido adotada como verdade inquestionável por ignorantes, etc.

Referências à sua obra literária, chegando até nós, nos anos 60, eram constituídas em sua maioria de fragmentos (cuidadosamente escolhidos e censurados) de trabalhos mal traduzidos, deturpados e mal interpretados por grupos de pseudos esoteristas constituídos, em sua maioria, por elementos ligados à Correntes contrárias, ou por egressos de ordens thelêmicas, e que delas se afastaram por incompetência ou falta de evolução espiritual como, por exemplo, é o caso de um malicioso escritor de obras "esotéricas" muito conhecido atualmente...

Quer dizer: conhecemos Crowley e o Sistema Thelêmico de Consecução Espiritual apenas através a deformada e unilateral visão (ou deveria dizer cegueira?) de seus detratores. Não seria necessário, portanto, possuir grande inteligência para perceber que a lacuna resultante desse desfigurado ponto de vista tem levado a quase todos uma visão enceguecida o Sistema e de seu iniciador. Destarte, o mesmo fenômeno ocorreu na divulgação da Ordo Templi Orientis da qual, Crowley, foi o reformador e Grão Mestre do Ramo Inglês, até sua morte em 1947.

reaparecem no presente. O Aeon de Osiris baseava-se na lenda do Deus Sacrificado. Uma lenda que se firmava no, aparente (diário e anual), nascimento e morte do Sol.

Será principalmente sobre esta Ordem e sua história (tanto no Brasil quanto em outros países) que tratará o presente trabalho. Muitos questionarão o aqui dito, mesmo entre aqueles Irmãos de outros Ramos da Ordem existente no Brasil ou espalhados pelo mundo. Dirão, entre outras coisas, que estarei divulgando segredos e “influenciando pessoas”, com as revelações aqui contidas.

Em primeiro, esclareço não existirem os tais segredos tão badalados por ai em um senso que a palavra é entendida pelo vulgo. O que existe são pessoas incapazes de enxergar um palmo diante de seus narizes. Por mais que lhes sejam expostos certos fatos, evidentes por si mesmos, eles jamais os compreenderão – disto o segredo.

Segundo: basta de embromações. Elas complicam cada vez mais a vida dos embromados e dos embromadores, e as nossas de sobra.

Terceiro: basta um pouco de reflexão, de inteligência e de bom senso para despertar sérias dúvidas sobre esta ‘thelêmica’ regra da “não influência” – um preceito o qual, segundo sei, não faz, e jamais fez, parte do Ensino Thelêmico, e que contém, em si mesmo, uma falácia, uma contradição porque, na verdade, a partir do momento mesmo em que nascemos, nossa influência pessoal se faz presente sobre uma série de pessoas, a começar pelo médico parteiro e seus assistentes. Talvez, a única maneira de terminar com tal influência (que funciona em mão dupla) seria nos retirarmos, enquanto vivos, ao total isolamento em alguma caverna localizada alhures numa inacessível montanha nos confins da terra, e terrivelmente difícil de ser escalada. Porém, mesmo assim – e não duvidem – o truque não daria o resultado desejado, visto que não faltariam imbecis a questionarem o motivo de um tal retiro do mundo. E neste sentido, algumas “teorias esotéricas” ou “religiosas” seriam elaboradas ¹², e é bem provável que grande número desses imbecis fanatizados, desses possessos, nos imitassem sem pestanejar, e partiriam para essas montanhas, o que criaria um grande reboiço, atrapalhando nosso retiro. Assim, portanto, direta ou indiretamente, estaríamos influenciando quando, na realidade, nosso intuito original era exatamente o oposto.

Quarto: fosse o pensamento de Crowley não influenciar seus semelhantes, no sentido de lhes mostrar a verdade ou, pelo menos, dar-lhes subsídios a encontra-la por si mesmos, ele, tenho absoluta certeza, jamais teria escrito livros ou teria dito alguma coisa e, muito menos, iniciaria um movimento mágico-místico.

As pessoas que citam constantemente um tal princípio (da não influência), pseudamente thelêmico, ouviram o galo cantar mas não sabem

¹² - Nota – Da mesma maneira que medidas profiláticas, como não comer carne de porco e de circuncizar as crianças masculinas (Egipto, Judéia, etc) tornaram-se “mandamentos de Deus”.

onde... O problema, analisando-o com cuidado, apresenta-se insolúvel, reduzindo-se a dois tipos opostos de ação: ou você influencia ou é influenciado, não existe qualquer outra saída. Paradoxalmente, vários misticoides imbuídos desse princípio, certamente criticarão meu trabalho e, assim, traindo, eles mesmo, o “princípio” que anunciam, publicam livros, dão palestras esclarecedoras, realizam conferências, para exporem seus pontos de vista do porque não influenciar, etc.... Mas, se isso não é influenciar então confesso não saber o significado do termo. Como não comungo com tal tolice, a qual não consigo explicar, e nem conceber como surgiu, ou quem a inventou, prefiro influenciar com a verdade, do que ser influenciado pela mentira. A única diferença entre o tipo de influência exercida por esta gente e aquele por mim, é que eu influencio as pessoas a procurarem a verdade por si, e em si, mesmas (sem intermediários), enquanto que os outros querem nos influenciar e mesmo inculcar, à força, em nossas mentes a mentira deles, fantasiada de verdade. Isso é coisa de crististas não de thelemitas. Penso que toda aquela organização, estabelecida no Norte, está inteiramente contaminada por esta malsã tendência em querer pensar e agir pelos outros, ou de querer colocar sua filosofia como um excelente padrão a ser seguido por todos thelemitas do mundo.

Outro exemplo da falta de um básico conhecimento iniciático – e altamente perigoso, magicamente falando – é a utilização de meios subliminares para condicionamento de pessoas à nossos preconceitos, sejam esotéricos, religiosos ou políticos.

Desde as mais remotas eras, Iniciados e Magos de diversas culturas servem-se de códigos para comunicação entre si. O fito disso sendo, obviamente, proteger ao profano de tentar manipular energias totalmente fora de seu conhecimento e controle (lembrem-se do conto “O Aprendiz de Feiticeiro”). Muitos dirão haver aí um exagero, e que as pessoas têm o direito de experimentar e testar o que quiserem e quando quiserem. Obviamente não discordo disso, contanto que esses experimentadores não interfiram na vida de, e não prejudiquem, terceiros com suas experiências.

Portanto, para um efetivo avanço no Conhecimento da Ciência Real torna-se necessário obter-se as “Chaves” desses códigos, sem as quais nenhuma porta se abrirá, ou se abrir será uma porta errada. Neste sentido muitas portas (erradas) têm sido abertas por profanos. E evidentemente é este o motivo de se ouvir tanta besteira a respeito de Crowley e do Sistema Thelêmico.

Chamo de profano à aqueles não preparados, ou não devidamente “despertos”, ou não maduros, para se utilizarem, com proveito e sem grande perigo (pois perigo sempre há), para si e para outros, de certos conhecimentos.

Ignorar a Regra Áurea, ou tentar interpretar a linguagem codificada dos Adeptos sob a luz de pretensos conhecimentos adquiridos intelectualmente pela leitura de livros (mas não praticados no diário), transformam Ouro em Água Toffana; o que seguramente levará o ignorante e à seus seguidores à penosas conseqüências. Portanto, ó vós que estais ligados ao Norte, cuidem-se...

Escrever-se algo, por mais superficial que seja, sobre a história de qualquer ordem iniciática (secreta ou não), torna-se uma tarefa exaustiva e quase impossível de ser realizada contendo informações corretas, sem fugir para a fantasia tão a gosto de profanos. Isto deve-se tanto a falta de dados fidedignos a nosso dispor provenientes de uma documentação confiável, quanto aos emaranhados e confusos eventos envolvendo o evoluir da “história” dessas ordens.

As ordens secretas de iniciação, tal como as próprias civilizações nas quais elas se desenvolvem, não se apresentam estáticas como muitos erradamente julgam, mas dinâmicas, num evoluir perene. Elas evoluem segundo a trajetória destas civilizações em que se apresentam para a realização de algum trabalho ali necessário no momento. Além disso, deve-se levar em consideração a existência de outras ordens e sistemas antagônicos (ou de outros similares, remanescentes de outras épocas, mas já em decomposição) se degladiando sob o impulso de interesses religiosos e políticos, tudo fazendo no sentido de desmoralizar e enfraquecer a influência de suas rivais dentro da sociedade em que atuam simultaneamente e em âmbito geral.

Consequentemente, o sincero pesquisador ver-se-á diante de uma caótica e contraditória massa de informações e diversos dados, deliberada e sistematicamente mutilados a favor (ou contra) essa ou aquela organização. A maior parte desse material pretendendo ter surgido de alguma fonte privilegiada e altamente oculta. Como exemplo do problema podemos citar o caso da Golden Dawn, quando, até hoje, discute-se a real existência de Fraulen Sprengel, a suposta Adepta que deu surgimento àquela Ordem.

A Ordo Templi Orientis é um exemplo disto em nossos dias. Até hoje, sua verdadeira história ainda não foi devidamente definida e substanciada com documentos indiscutíveis. O mesmo problema aparece, e em larga escala, com relação as inúmeras Ordens Rosa Cruzes se apresentando entre nós.

Ante esta confusão, o pesquisador mais atento perceberá estar sendo manipulado no sentido de inclinar suas conclusões a favor (ou contra) esta ou aquela teoria, geralmente sem qualquer base histórica na qual possamos nos

alicerçar ou verificar. Perceberá, também, que grande parte desse material lhe chegará às mãos de maneira ‘milagrosa’, e contendo insinuações que seu possuidor sabe mais do que diz. É esse um antigo e muito usado estratagema para esconder uma realidade exatamente contrária; isto é, de que ele não sabe tanto quanto pretende insinuar. Quando estes embromadores concordam em falar, muitas vezes parece estar escondendo alguma coisa ou evitando uma resposta direta.

Eventualmente, um desses grupos sobressai aos demais, e inicia um processo metódico de detração de seus rivais, fazendo com que tenhamos somente conhecimento dos outros através informações partidárias fabricadas por seus inimigos. Tal processo, entretanto, se apresenta como uma espada de dois gumes, despertando nosso interesse e simpatia pelo grupo ou sistema atacado. O fenômeno aconteceu comigo pessoalmente com respeito à Maçonaria. Após ler e ouvir tanta coisa contra aquela organização, terminei me tornando uma maçã. Posteriormente, o mesmo ocorreu em relação ao Sistema Thelêmico.

Às vezes, uma corrente toma as características de sua rival e, assim disfarçada, mina as reais bases de sua oponente. Em relação ao Sistema Thelêmico, iniciado por Crowley, o processo tem sido usado com bastante frequência, daí surgindo “ordens” espúrias (usurpadoras) como se thelêmicas fossem. Mas nada mais são que grotescos arremedos da Verdadeira Corrente. Existem meios bastante fáceis para distinguirmos as falsas das verdadeiras.

Ante tais fatos o que resta, afinal, ao sincero pesquisador? Eu diria ter bom senso, paciência, atenção e extremo cuidado para não tomar gato por lebre. A separação do joio do trigo tem que ser realizada manuseando-se estas ferramentas, porque sem elas o pesquisador jamais atingirá seu fito, qual seja: uma conclusão inteiramente destituída de erros grosseiros e preconceituosos. Neste afã, ele terá à sua frente uma enorme quantidade de documentos, anotações, citações e informações necessitando passar por sério e rigoroso crivo, e interpretada em seu real significado, selecionando tudo que apresentar coerência com, e que não ofenda o, bom senso e nossa inteligência como, por exemplo, aceitar ‘estórias’ afirmando categoricamente que tal ou qual ordem, fraternidade ou qualquer outro tipo de organização originou-se na Atlântida, ou no Antigo Egito, ou que nos chegou através de uma misteriosa revelação divina. Tudo isto, a nosso ver, são becos sem saída, ou contos de fadas para mimar (ou assustar) crianças. Nisto acreditam os que desejam ser enganados.¹³

¹³ - Nota – O acima dito não quer afirmar que não houveram outras civilizações em nosso planeta em era pretéritas, ou que não as existem em planetas pertencentes a outros Sistema estelares. Vejam bem: algumas

Unicamente com o espírito armado contra essas arapucas esotéricas (agradáveis às nossas fantasias), e não de outra forma, o sério pesquisador irá garimpar gemas raras, isolando-as da escória das informações dispersas, facciosas, lendárias e mentirosas. Esta garimpagem será, inicialmente, o único trabalho dele.

Com bastante frequência encontramos comentaristas e críticos de “ordens” que têm aumentado desmesuravelmente suas histórias e atuação no mundo no sentido do imaginário, enquanto outros, movidos pelo fanatismo religioso as têm transformado em suas próprias imagens, isto é, eles as convertem em verdadeiras “Sinagogas de Satã” (usamos aqui o termo Satã em seu sentido pejorativo, não em seu real significado); enquanto outros tantos, na ilusão de as estarem protegendo, transformam-nas em assunto de uso exclusivo deles. A O.T.O. é uma das Ordens que mais sofre este último tipo de problema criado por alguns patetas, pertencentes a certos Ramos exclusivistas... Fugiremos de todas essas infelizes tendências.

A função de um historiador, ou de um comentarista, ou de um crítico, não é tão somente escrever sobre acontecimentos transcorridos no tempo, mas investigar e tentar descobrir as causas, os motivos, e os fatos determinantes dos eventos evoluindo através a saga de uma civilização, de um país, de uma religião, etc.

Na História da Sociedades Secretas, ou de algumas Ordens Iniciáticas, um elo, real ou imaginário, sempre pode ser encontrado ‘ligando-as’ à alguns Sistemas existentes no Oriente. Isto tem dado ensejo à várias interpretações especulativas, tangentes às origens destas organizações. Se analisarmos corretamente o fenômeno, veremos não existir qualquer mistério envolvendo estes “elos”, pois é fato conhecido de que realmente religiões e cultos orientais têm influenciado (e continuam a influenciar) o pensamento místico-religioso ocidental. Mas, a recíproca também é verdadeira. Nenhuma civilização vive isoladamente (com raras exceções, está claro) por muito tempo. Sempre haverá contatos entre elas, por mínimo que possam ser; ou através de guerras, como no caso dos Cruzados e as Culturas do Oriente Médio, ou através migrações, ou de viajantes isolados como, por exemplo, Marco Polo e outros. A complexidade do assunto torna impossível um

tradições podem ter surgido há milhares de anos atrás. E mesmo poder ter vindo de outros cantos do Universo. “A Casa do Pai tem muitas moradas”. Isto é perfeitamente aceitável. Mas nenhuma das ordens atuais, tal como nós as conhecemos hoje, originou-se naqueles tempos pretéritos. Isto é o que combatemos. Dizer-se que a Maçonaria foi fundada por Salomão é um idiotice. A Maçonaria surgiu na Idade Média, através a Confraria dos Pedreiros. Mas o conhecimento que ela possui (ou possuía), pode ser derivado de conhecimentos e tradições originárias do Antigo Egito, tal como grande parte dos conhecimentos da Geometria veio da Grécia através Pitágoras, Euclides, etc. mas nem a Maçonaria e nem as pretensas ordens Rosa Cruz conhecidas atualmente tiveram origem naqueles tempos. Afirmar esta duvidosa origem é estar enganado ou enganando.

detalhado estudo no presente ensaio, e deveria ser estudado em livros específicos, onde estudantes poderão obter maiores dados a respeito, e um quadro mais detalhado das influências exercidas mutuamente entre civilizações existentes no passado e no presente, em várias épocas da História. Exceções, como já disse, são raríssimas neste intercâmbio.

Tanto a O.T.O. quanto Ordens Maçônicas ou Templárias podem ser consideradas exemplos típicos dessas influências.

A O.T.O. surgiu na última metade do Século XIX, na Alemanha – **não no Antigo Egito** – desenvolvendo-se em linhas derivadas do Tantrismo Oriental, **com características árabes, persas (Sufismo) e Indianas, adaptadas à uma forte mentalidade ocidental, através a Tradição Maçônica que, por sua vez foi influenciada pela Tradição Qabalística, pelo Ritualismo Mágico Egípcio, Mitraico, religiões greco-romanas e algumas pitadas religiosas da Índia.** Porém, isto não quer significar que a Ordem teve sua origem diretamente de uma das tradições acima citadas. De cada uma delas veio um pouco amalgamando-se pelo gênio do idealizador da Ordem – **Karl Kellner**. Não podemos deixar de também acrescentar que algumas figuras obscuras, lendárias ou não, aparecem e desaparecem no cenário coetâneo às origens dessas ordens como, por exemplo, Christian Rosenkreutz, na famosa, mas pouco conhecida ROSA-CRUZ, ou como o Conde de Cagliostro, na Maçonaria.

Atualmente, não existe qualquer dúvida quanto ao caráter mítico de Christian Rozenkreutz, um nome para velar algum propósito até agora não dado ao público.

PARTE II

A ORDO TEMPLI ORIENTIS

ORIGENS

Segundo várias fontes, o idealizador da O.T.O. foi Karl Kellner, industrial germânico e alto graduado na Maçonaria Osiriana, que durante várias viagens através da Europa, América e Ásia, contatou inúmeras organizações iniciáticas e maçônicas de alta seriedade. O estímulo recebido nestes contatos, e em conjunção com outras circunstâncias, fez nascer em Karl Kellner o desejo de criar uma Academia Maçônica de Altos Estudos que habilitaria todos os irmãos interessados se tornarem familiarizados com todos os existentes graus e sistemas maçônicos. Algumas versões dão como verdadeiro que Kellner contatou, em uma de suas viagens, três Adeptos – um árabe e dois hindus. Mas nada há de concreto nesta versão; e essa “história” de “encontrar Adeptos e Chefes Secretos” cheira às ‘estórias’ contadas por MacGregor Mathers e Blavatsky.¹⁴

Mas, de qualquer forma, a “estória”, e mesmo os nomes dos três Adeptos, aparecem em vários livros. Os nomes são os seguintes: o árabe Soliman Ben Aïpha, e os dois yogas Bhima Pratad e Sri Mahatman Guru Paramahansa.

No ano de 1895, Kellner encontrou-se com Theodor Reuss, em Berlim, e discutiu com este de como sua idéia de criar o Centro de Estudos Maçônicos poderia ser realizado. No curso de vários encontros com Reuss, este mostrou a Kellner os motivos pelos quais a organização deveria ser denominada Templária Oriental.

¹⁴ -Nota – Outra versão a ser destacada afirma ser a OTO originária da “Hermética Irmandade da Luz”, que vem a ser um antigo nome para a Ordem, ou para um de seus Ramos, mas já há muito caído em desuso. Infelizmente não há maiores recursos de pesquisa que possibilitem a confirmação.

P.B.Randolph tomou muito cuidado em velar suas doutrinas de magia sexual sob pesado simbolismo. Mesmo alguns de seus associados jamais tiveram acesso a estas doutrinas. Randolph suicidou-se em Chicago, no mesmo ano em que Blavatsky fundava a Sociedade Teosófica, Eliphas Levi morria e nasciam Theodor Reuss e Aleister Crowley. Com a morte de Randolph, R.Swimburne Clymer apoderou-se da organização, passando para o lado da Loja Negra. Não satisfeito com isto, Clymer apoderou-se também da FRA e outras organizações maçônicas. Faziam parte da Organização original o Gal. Ethan Hitchcock e Abraham Lincoln. A única certeza que temos é que Randolph passou seus ensinamentos mais secretos a um fiel grupo de seguidores franceses que, mais tarde, fundou a Hermética Irmandade da Luz, um nome usado, na época, por várias organizações secretas. O trabalho de Randolph foi prosseguido por Maria Nagłowska, que traduziu para o Francês o livro básico de Randolph, “Magia Sexualis”. É possível que o fundador da OTO tenha derivado algumas das técnicas usadas pela Ordem de um desses grupos. Em “Chamando Os Filhos Do Sol” De Marcelo Motta, Clymer é referido como instrumento de forças as mais malignas, pois este usurpador da FRA levou a organização para as malhas dos Irmãos Negros.

As negociações iniciais entre os dois homens não obtiveram qualquer resultado positivo, pois Reuss ainda se encontrava, na época, profundamente envolvido em uma tentativa de reerguer a Ordem dos Illuminatis, à qual ele havia dado novo impulso.

Quando, finalmente, em 1902, Reuss, separou-se de seu discípulo Leopoldo Angel, Kellner imediatamente comunicou-se com ele e deu os primeiros passos para a obtenção de uma patente admitindo os Ritos Maçônicos de Memphis e Mizraim na Alemanha, pois Kellner considerava esses Ritos, com 95 e 90 graus, respectivamente, como os mais indicados para a realização da estrutura de sua idéia com respeito à criação da Academia Maçônica.

Os ensinamentos Rosacrucianos existentes na Hermética Irmandade da Luz, eram reservados para os poucos iniciados do Círculo Interno. Os vários graus do Círculo se desenvolviam paralelamente aos mais Altos Graus dos Ritos de Memphis e Mizraim, e foram esses iniciados que, originalmente, constituíram um Ramo Secreto, mais tarde denominado Ordo Templi Orientis. Naqueles tempos só poderiam ingressar na Ordem candidatos possuidores dos Três Primeiros Graus Maçônicos ¹⁵. **E a primeira condição para se tornar membro ativo não era uma erudição livresca, mas um coração ansioso a promover o bem estar da humanidade e capaz de sentir Amor, isto é, de perceber a Unidade de Deus em todas as criaturas.**

Assim foi criada a O.T.O. Seu fundador sendo um homem de carne e osso como todos nós, e não um mítico, indeterminado e fabuloso personagem (ou uma entidade) como é geralmente dito com respeito aos ‘criadores’ da maioria das ordens existentes no mundo: seres que, historicamente, se apresentam um tanto quanto duvidosos, se realmente existiram. Supõem-se, portanto, que Kellner tenha fundado a O.T.O. em 1895. Mas se assim o foi, a Ordem seria então uma organização bastante seletiva e secreta, pois nada sabemos dela até 1904 ¹⁶.

Após a morte de Kellner, a liderança da Ordem passou para Theodor Reuss. Com o novo líder, ela experimentou relativo desenvolvimento, tomando definitivamente uma estrutura maçônica. Desta época são as Patentes de Papus, Rudolf Steiner e H.S.Lewis.

Segundo Marcelo Motta, em “Chamando os Filhos do Sol”, Lewis pertencia aos Círculos Externos da O.T.O. A informação não é exata. A Patente de Lewis, dada por Theodor Reuss (Frater Peregrinus) é do VII grau; portanto,

¹⁵ - Nota – Isto automaticamente vedava a entrada de mulheres. Mais tarde isto foi abolido, e a Ordem passou a receber homens e mulheres.

¹⁶ - Nota – Existe uma outra versão afirmando que a O.T.O. seria uma derivação da irmandade de Luxor, criada por H. Randolph, nos Estados Unidos da América.

Lewis pertencia aos Círculos Internos, como Membro Honorário do Soberano Santuário da Gnosis. E, assim sendo, com direito a fundar uma ordem particular sob administração da O.T.O.

Bem antes desses eventos, Reuss, estivera associado a W.W. Westcoat, conhecido líder da Golden Dawn, que o apresentou a John Yarker. Por intermédio deste, Reuss, foi patenteado para iniciar na Alemanha uma Grande Loja trabalhando no Antigo e Primitivo Rito de Memphis e Mizraim e no Antigo e Aceito Rito de Cerneau. Yarker, Cabeça de vários Ritos maçônicos, patenteou, além de Reuss, mais dois ocultistas germânicos: Franz Hartmann e Klein. Como os leitores podem constatar, a Ordem, como as precedentes, tem suas origens um tanto quanto “misteriosas”, e tudo que é dito a respeito nos parece muito reticente. É um terreno muito perigoso, no qual nós poderemos nos perder facilmente, e enveredar por trilhas obscuras.

Quando a Grande Loja foi fundada, imediatamente publicou-se um periódico informativo chamado **Oriflamme**, tratando de assuntos maçônicos e esotéricos.

Em 1904, o periódico Oriflamme anuncia a Ordem Templária Oriental, liderada por Kellner, e referindo-se a um “grande segredo”¹⁷, custodiado pela Ordem. Em 1912, a edição de aniversário da Oriflamme anuncia este segredo de maneira velada: “Nossa Ordem possui a Chave que abre todos os Segredos maçônicos e Herméticos, a saber: O ensino da magia sexual, e estes ensinamentos explicam, sem exceção, todos os segredos da natureza, todo Simbolismo da Maçonaria e de todos os sistemas de religião.”

Nesse ponto, a nosso ver, a Ordo Templi Orientis começa a se distanciar da Ordem do Templo de Salomão. Enquanto os Templários preferiram a morte ao invés de revelarem os segredos de sua Ordem, a O.T.O. espontaneamente revela e continua revelando, através de livros, mms., panfletos e, atualmente, pela Internet, onde constata-se um grande número de O.T.O.s surgidas não sabemos como.¹⁸

O ingresso de Aleister Crowley na Ordem é bastante confusa, devido às várias versões existente a respeito. Não irei aqui relatar essas versões. Elas são sobejamente conhecidas por interessados.

¹⁷ - Nota – Este “grande segredo” atualmente não é mais segredo, estando publicado abertamente em vários livros e páginas da “Internet”. Por mais paradoxal que possa parecer estas páginas da “internet” foram montadas por membros da O.T.O. Disso pode-se concluir de como eles levam a ‘serio’ e honram o Juramento (de fidelidade e silêncio) que fizeram ao ingressarem na Ordem.

¹⁸ - Nota – O número dessas O.T.O.s é tão grande que, muitas das vezes, não sabemos quem é quem. Neste particular ponto, devo dizer que meu falecido Instrutor sempre me alertou para esse fenômeno que viria se estabelecer após sua morte.

Provavelmente, ele já era membro do VI grau desde 1919 (Crowley pertencia a várias organizações secretas. A O.T.O. era uma delas, a qual ele julgava ser uma ordem maçônica como qualquer outra (no que não estava muito errado), quando Reuss o encontrou pela primeira vez. Não existe qualquer documentação comprovando a respeito desse ingresso anterior a seu encontro com Reuss. De uma forma ou de outra, Crowley, por convite e autoridade de Reuss, ingressou diretamente ao IX grau em 1912, tornando-se o **“Supremo e Sagrado Rei da Irlanda, e de todos os Britânicos no Soberano Santuário da Gnosis”**

Este Ramo da Ordem, liderado por Crowley, denominava-se Mysteria Mystica Máxima. Crowley que já havia, em 1904, recebido **LIBER AL** vel **LEGIS**, deu, assim, início ao Movimento Thelêmico no mundo, tendo como ponto de apoio e veículo a O.T.O. Certos autores afirmam que Theodor Reuss sempre se manifestara radicalmente contra “misturar” a O.T.O. com Thelema; afinal, a O.T.O. era uma organização cristã. Suponho que uma pesquisa mais demorada e imparcial dos fatos seria necessária para podermos chegar a uma conclusão definitiva do tópico.

Como acima dito, Crowley, que já havia, em 1904, recebido o Livro da Lei Thelêmico, dando início ao Movimento no mundo, utilizando-se da O.T.O. para isso, causou uma ruptura entre ele e Reuss. Recentemente, confirmando o fato, recebemos um trecho de uma carta de um alto graduado da AMORC, citando algumas passagens de uma carta de Theodor Reuss ao líder da AMORC, a respeito de Crowley:

“Não é possível escrever aqui minuciosamente todos os documentos de nossos arquivos. Sem entrar em detalhes, posso lhes falar aqui de um documento que tive oportunidade de examinar recentemente. Trata-se de um certificado muito importante para a história da nossa Ordem. E o que marcou o ato de renascimento de nossa Ordem graças aos esforços empreendidos por H. Spencer Lewis. Este certificado é o “Pronunciamento Número 1” da AMORC, datado de 7 de fevereiro de 1915. Fiquei particularmente satisfeito em ver esse documento. Com efeito, um autor pouco escrupuloso ao controlar as fontes publicou recentemente uma reprodução grosseiramente falsificada desse documento. O objetivo desse indivíduo era demonstrar que H. Spencer Lewis derivava sua autoridade rosacruz da Ordo Templi Orientis, uma organização iniciática fundada em por volta de 1905 por Theodor Reuss (1855-1923). Embora essa falsificação seja evidente para quem se dê ao trabalho de examinar objetivamente o documento, não é inútil dar aqui alguns detalhes sobre esse personagem. Aliás a correspondência entre Theodor Reuss e H.S.Lewis consta em nossos

arquivos. O estudo dessas cartas mostra que as relações entre os dois homens só tiveram início em fins de 1920. Fica então difícil imaginar como Theodor Reuss pode estar em contato com H.S.Lewis em 1915. Como mostra a correspondência entre eles, os contatos entre os dois homens foram apenas epistolares e duraram bem pouco tempo.

As cartas de Theodor Reuss contêm informações curiosas, com frequência desconhecidas mesmo daqueles que se esforçaram por contar a biografia desse homem e a verdadeira história da O.T.O. Sua carta de 25 de outubro de 1921 é interessante em mais de um aspecto. Ela esclarece categoricamente sua posição quanto a Aleister Crowley, a respeito do qual afirma: ‘Rompi a relação que havia entre nós no que concerne à O.T.O., de modo que o que Crowley venha a fazer na América é agora assunto dele e não mais da O.T.O.’

Essa carta de Reuss dá igualmente muitas informações sobre as origens rosacruzes da O.T.O., sobre a Franco-Maçonaria e sobre as relações que Theodor Reuss mantinha com Papus, John Yarker e muitas outras personalidades do mundo da iniciação”

Outro assunto de grande controvérsia se relaciona com respeito aos Rituais da O.T.O. Afirma-se que Crowley os houvera reformulado a pedido de Reuss. Isso pode ser verdade, mas por outro lado também é dito que esses rituais, “reformulados entre 1917 e 1942” jamais foram utilizados por Reuss, e que todas as Lojas, sob a liderança de Reuss, desenvolveram seus próprios rituais.

É dito que em 1921, Theodor Reuss, abdicara o posto de O.H.O. (Cabeça Externa da Ordem), por imposição de um atentado à sua vida, em favor de Aleister Crowley, fazendo dele o líder mundial da Ordem. Esse também é um assunto grandemente discutido. Mesmo aqueles que se dizem líderes mundiais da Ordem nada dizem de concreto a respeito.

Por que e por quem Theodor Reuss fora ameaçado? Ninguém até hoje soube responder.

Em outros autores somos informados que Reuss, aparentemente executara um tático retiro devido a recusa de inúmeras Lojas Alemãs em aceitar o Liber AL vel Legis; mais explicitamente o Terceiro Capítulo do livro. Em outros lugares afirma-se que isso não é verdade, e que Theodor, em 1920 – época em que teria ocorrido o atentado – estava participando de um Congresso Maçônico em Zurich. Além do mais, Crowley, em seu Diário Mágico de 1921, diz textualmente: “EU PROCLAMEI A MIM MESMO O.H.O.” E em carta dirigida a Heinrich Traenker (1924), admite que Reuss em tempo algum o houvera escolhido como sucessor na liderança da Ordem.

Seja qual for a história, a liderança da Ordem não mudou de mãos facilmente. A grande maioria das Lojas Germânicas, e em outros países, ergueram-se em forte oposição a Crowley. Algumas destas desejavam simplesmente trilhar seus próprios rumos. E isso era um direito delas. Outras romperam definitivamente com o novo líder devido, como já dito, ao Livro da Lei.

Após a morte de Reuss, existiam, ao que parece, três remanescentes e ativos Grão-Mestres apontados por ele. Heinrich Traenker, na Alemanha; C.Stansfield Jones, na América do Norte; e Crowley, na Inglaterra.

A maior oposição a Crowley, e às mudanças thelêmicas, partira dos membros alemães, cujo Ramo aparentemente caíra sob controle de Tranker. O problema cada vez mais se agravava quando, em 1925, Crowley, Lea Hirsig, Dorothy Olsen e Normann Mudd, reuniram-se com Traenker, Helena Grau (esposa de Traenker), Eugene Grosh, Karl Germer, Martha Kuntzel, Hopfer, Birven e outros líderes ocultistas da época. O propósito da reunião – conhecida como “Conferência de Weida” – era discutir a aceitação ou rejeição da Lei de Thêlema, e a discussão da possibilidade de unirem-se facções sob a chefia de Therion (Aleister Crowley).

O resultado da Conferência de Weida foi aqueles que esperaríamos: Grosh, Kuntzel, Karl Germer, Lea Hrisig e Normann Mudd colocaram-se ao lado de Crowley. Grau, Hopfer, Birvan, e outros mais, ficaram com Tranker. Assim, a O.T.O. mais uma vez sofria divisão.

THEODOR REUSS

Foi uma figura controvertida. Entre outras coisas era cantor, jornalista e espião da Polícia Prussiana. Sua missão: espionar, na Inglaterra, a filha de Karl Max. Usava uma Patente dada a ele por John Traenker no sentido de estabelecer uma “Academia Maçônica”, que mais tarde viria a ser a O.T.O. Em 1888 tentou reativar a Ordem dos Illuminatis em Munich. Para maiores detalhes da vida de Reuss, ver Ellic Howe e Helmut Moller, “Theodor Reuss. Irregular Freemasonry”.

Com a morte de Crowley em 1947, a facção liderada por ele passou às mãos de Karl Germer (Frater Saturnus) o qual, após a Segunda Guerra Mundial mudou-se para os Estados Unidos da América.

Alguns comentaristas (ligados a um certo Ramo moderno da O.T.O.) afirmam haver certas dúvidas quanto a autenticidade desta sucessão, já que o documento de Germer não eram mais que uma autorização administrativa para gerir os bens da Ordem e ser agente literário de Crowley. Germer, é certo, herdara os direitos autorais de Crowley, o que tem sido ignorado através destes anos, pois julga-se correntemente que tais direitos teriam sido herdados por Louis Wilkinsons e John Symons. Isto não corresponde à verdade. Symons e Louis somente são os executores literários de Crowley. Outro detalhe, desconhecido da maioria, é que Germer jamais fora regularmente iniciado na O.T.O.. Ele era membro da A.'A.'. e da Ordem de Thêlema, e de altíssimo grau em ambas.

Existem vários outros motivos para que a nomeação de Germer, como líder da Ordem, seja posta em dúvida. Mas são motivos pessoais do próprio Germer.

Em carta dirigida a Kenneth Grant (antigo discípulo de Crowley, e líder da Ordem para a Inglaterra), datada de 24 de setembro de 1948, Germer diz:

“... você deveria estudar tudo que foi publicado a respeito da Constituição, etc, da Ordem e digerir isto.

Você deveria saber que eu não sou o O.H.O. Eu mesmo não sei se aceitaria o trabalho se ele me fosse imposto”

Em outra carta, datada de 18 de janeiro de 1952, declara:

“... como você sabe, eu jamais avancei através dos graus da O.T.O.; eu não conheço ritual ou os rituais. Mas A.C. me nomeou Grande Tesoureiro Geral com a carga financeira em meus ombros...

Eu jamais passei sistematicamente através dos graus, etc. Eu, portanto, não posso aconselhar neste lado do trabalho. Eu tenho chegado à convicção que você está sendo treinado para isto, e eu estou certo que você tem a paixão, capacidade para trabalho intensivo, e a vontade par alcançar o Mestrado neste departamento ou campo”

A total posição de Germer está bem sumarizada nas seguintes palavras em sua carta a Grant, datada de janeiro de 1952:

“nem eu sou contra o sistema da O.T.O., ou o sistema de graus. Somente, paradoxalmente, tenho pouco interesse nele.”

E mais adiante, num desabafo:

“Eu desejaria que alguém pudesse tomar o total trabalho, e responsabilidade para o cargo que A.C. jogou em meus incompetentes ombros. O que mais odeio de todas as coisas é desfraldar falsas pretensões. Eu repito que disse antes: eu jamais passei através da iniciação da O.T.O. ou graduações. Jamais estive presente em uma celebração da Missa Gnóstica... Eu não sei a palavra de passe, sinais, etc., mesmo dos graus mais baixos da O.T.O. Sumarizando: A.C. me apontou ao mais alto grau e responsabilidade sem me instruir para o trabalho. Se desejamos que a O.T.O. vá em frente nós precisamos um competente líder, não somente para a Inglaterra mas para o mundo”

Que os leitores tirem suas próprias conclusões.

Uma coisa é inegável: Germer foi um homem de poucas palavras, extremamente honesto e firme em suas convicções – um caracter difícil de encontrarmos atualmente, principalmente entre aqueles que se dizem seus seguidores.

Que os leitores também meditem sobre o modo pelo qual ele atingiu o Conhecimento e Conversação do Sagrado Anjo Guardião. Mostra que **não há nenhum formal e determinado rito para a Consecução, a não ser na cabeça de mentirosos escrevendo sobre o assunto no intuito de angariar “discípulos”**. Alguns desses mentirosos chegam a “ir para desertos” para encontrarem-se com seus “anjos”, como se isso fosse necessário e indispensável (aliás um retiro que somente ricos podem fazer). Alguns outros chegaram ao cúmulo de mudar certos “Caminhos na Árvore da Vida” para facilitar essa Consecução. Meu Instrutor passou pelo trance em um apartamento de quarto, cozinha e banheiro em plena e turbulenta Nova York.

Ao atingir o C. e C. do S.A.G., o Adepto é admitido ao Templo de Deus. Daí em diante é o Anjo quem dita as ordens. **“Não sou eu que vivo, mas Ele que vive em mim”**, como dito (mui veladamente) em certo trecho do Novo Testamento...

Após o término da Segunda Guerra Mundial, Germer emigrou para os Estados Unidos, onde veio a falecer em 1962, ano em que conheci meu Instrutor.

KARL GERMER

Germer nasceu na Alemanha em 1885. Distinguiu-se como militar na Primeira Grande Guerra, e foi uma ativa influência na PANSOFIA GERMÂNICA em 1920. Anos mais tarde, quando os nazistas assumiram o governo da Alemanha, Germer, foi feito prisioneiro por causa de suas ligações maçônicas. Quando prisioneiro, na famosa prisão Alexander-Platz, e mais tarde em um campo de concentração belga, ele suportou todos os maus tratos e torturas da Gestapo, recitando de cor os Sagrados Livros de Thêlema, de traz para frente e de frente para traz, até que atingiu o trance do Conhecimento e Conversação do Sagrado Anjo Guardião. Demonstrando isto, que não é necessário seguir-se rituais preestabelecidos para se atingir altas fases iniciáticas. Germer permaneceu fiel à Thêlema até sua morte em 1962. Foi Instrutor de Marcelo Ramos Motta até este ano.

Seguindo a morte de Germer (1962), e precisamente em virtude de seu dúbio testamento, a confusão foi total na Ordem e, em conseqüência, vários “líderes” se apresentaram como genuínos O.H.O., querendo assumir a liderança mundial. Já declaramos, em outros trabalhos, nossa particular opinião sobre o testamento de Germer; portanto, não vamos repetir o já dito. Apenas chamamos à atenção para a falta de precisão e clareza do mesmo. Como poderia Germer deixar os bens da Ordem para **“as Cabeças da Ordem”** [a palavra “cabeça” (head) está, no Testamento, escrita no plural (Heads)], se na realidade só pode existir “uma Cabeça”? Não aceitamos a teoria de que Germer tenha confundido “O.H.O.” (Outer Head Of the Order) com “Kings”(Kings of the Order). Seria considerar Germer um perfeito analfabeto na língua inglesa – o que não era – e sem nenhum conhecimento sobre os Estatutos e Estrutura da Ordem que liderava. Seria absurdo. Reis podem existir vários, cada qual reinando no seu país. Mas O.H.O. só pode existir UM. Germer jamais teria confundido os Cargos.

CORRIDA PARA O PODER

Em plena Segunda Guerra Mundial foi iniciado no Ramo Suíço da Ordem (Mysteria Mystica Veritas), e totalmente fora do Esquema Thelêmico, Herr Metzger.

Hermann Metzger (Frater Paragranus) , residiu durante anos em Stein, e mais recentemente em Zurich, falecendo em 1990. Metzger era estudante de um membro sobrevivente da O.T.O. Suíça, liderado por Theodor Reuss. Em 1940 contatou Karl Germer, que o iniciou nas Doutrinas Thelêmicas. Metzger trabalhou por muitos anos sob a supervisão de Frederic Mellinger, um alto graduado da Ordem. É conhecido que Germer acalentava muita esperança em Metzger. Entretanto, muito dessas esperanças somente se realizaram após a morte de Germer. Ao passar dos anos, Metzger recebeu outras nomeações em organizações ocultas: Grão Mestre da Ordo Illuminatorum, Grão-Mestre da Fraternitas Antiqua (fundada por Krumm-Heller) e Patriarca da Igreja Católica Gnóstica.

A Ordo Illuminatorum fora fundada por Theodor Reuss e Engel no ano de 1883; mas os dois se separaram em 1902. O primeiro uniu-se a Hartmann e Klein, o outro permaneceu na Ordo Illuminatorum até sua morte em 1931, tendo sido substituído por um tal Mier.

Krumm-Heller morreu em 1949, deixando como seu sucessor, na FRA, seu filho Parzival Krumm-Heller que, anos mais tarde, serviu de elo entre Marcelo Motta e Karl Germer, nos Estados Unidos da América.

Existe uma corrente afirmando que Krumm-Heller, ao morrer, deixara como seu sucessor, na FRA Suíça, o Dr. Herbert Fritche que, por sua vez, deixara o cargo para Frater Paragranus. Entretanto, esta liderança de Paragranus é bastante discutível, já que existem outros Adeptos que receberam a Sucessão diretamente de Krumm-Heller, a nível nacional, e fora da obediência de Metzger. O importante é que a FRA, originalmente uma Ordem de alta qualidade maçônica e ligada à O.T.O., separou-se desta, perdendo, assim, os elos com a Corrente que a havia iniciado. No Brasil, a FRA, como era de se esperar, após ter-se desligado de Parzival Krumm-Heller, retornou a Correntes ligadas ao Antigo Aeon, principalmente ao formar um elo com S.Clymer.

Na América do Norte, a O.T.O. teve como iniciador Charles Stansfield Jones, ao ligar-se com doze indivíduos associados em Vancouver, Columbia (Canada), todos sendo iniciados ao III grau. Crowley, em “Confessions”, comenta com veemência sobre o trabalho executado por eles.

Jones (como Parzival X) continuou, durante vários anos, as atividades da O.T.O., tanto nos Estados Unidos da América quanto no Canada. Entrementes, foi dada permissão a um dos patenteados de Vancouver, Wilfred T. Smith, a fundar a primeira Loja nos Estados Unidos, Los Angeles, Califórnia (1930). Wifred, não conseguindo separar sua vida privada da mágica, seduziu a esposa de um dos membros da Loja, Jack Parsons. Apesar

disso, Wilfred, permaneceu dirigindo os trabalhos de Loja até 1942, quando foi retirado por Crowley, nomeando Parsons como novo líder.

Parsons, um jovem cientista americano, contribuíra grandemente na fundação da “Jet Propulsion Laboratory”, em Arroyo Seco. Após sua morte, uma das crateras da Lua recebeu seu nome como homenagem ao trabalho dele no desenvolvimento da pesquisa do combustível que colocou os foguetes americanos no espaço. A trágica morte de Parsons envolve-se em grande mistério, surgindo intrigas políticas e espionagem. Parsons faleceu em 17 de junho de 1952, ao ‘deixar cair’ um frasco contendo fulminato de mercúrio, um explosivo altamente instável.

Em 1948, Parsons tomara o Juramento do Abismo. E o moto Belarion.

Com a morte de Germer em 1962, a Ordem sofreu uma nova fragmentação, dando ensejo a que vários Ramos “autônomos” surgissem no mundo. A principal causa desta fragmentação pode ser localizada no dúbio testamento deixado por ele, onde textualmente está firmado:

“Com referência a propriedade da Ordo Templi Orientis, da qual eu sou o Cabeça, ordeno que seja passada aos Cabeças da Ordem, mas que minha mulher, Mrs. Sasha E. Andrea-Germer, seja o executor desta parte de minha vontade, juntamente com Frederic Mellinger X”¹⁹

Após a morte de Germer os principais reivindicantes ao cargo de O.H.O. foram:

Inglaterra

Kennet Grant assume publicamente o título de O.H.O., emitindo um Manifesto. Dissolve a estrutura maçônica da Ordem e formula sua particular visão da O.T.O.

Kenneth Grant (Fratr A.Aiwass), considera a Ordem como sendo originária de uma certa “Tradição Estelar”. Esta Tradição, segundo ele, teria sido mantida através dos séculos, desde a Antigüidade Egípcia. Esta teoria da Tradição Estelar põe por terra a “estória” de uma origem Templária para a

¹⁹ - Nota – Reparem que neste testamento, Germer, se nomeia Cabeça da Ordem, contrariando tudo que ele disse anteriormente em cartas.

Ordem e, portanto, a Ordem do Templo de Salomão seria apenas um elo na cadeia.

Em 1955, Kenneth Grant, anunciou, através de seu Manifesto, a descoberta de um planeta transplutano, ao qual chamou Isis.

Embora tenha sido discípulo de Crowley, Kenneth Grant foi patenteado em 1951 ou 1952 por Karl Germer, para trabalhar com os Três Primeiros Graus da Ordem. Tudo ia bem entre os dois homens até 1955, quando Grant fundou uma Loja (Nova Isis) com onze graus e cujos rituais foram elaborados por ele próprio. Em seguida publica o Manifesto, enviando cópia a Germer, mas recusou-se a enviar cópias dos rituais, alegando que poderiam ser manuseados por mãos indevidas. Em virtude disso, Germer o “expulsou” da Ordem, enviando-lhe uma carta registrada datando de 20 de julho de 1955. Grant jamais levou esta carta de expulsão a sério, e continuou seu trabalho.

Sobre esse assunto abriu-se uma grande discussão. Como sempre existem dois lados da moeda, e várias vozes contestaram a expulsão de Grant, afirmando que ele somente poderia ser expulso por um tribunal constituído pelos Reis Mundiais. Sozinho, Germer, não teria esse poder. Segundo outros, K. Grant, pertencia ao IX grau, o que contraria a afirmação de que ele não poderia formar Lojas trabalhando acima do III grau.

Recentemente, o Sr. Peter Koenig publicou uma carta, escrita pelo próprio Crowley, nomeando o Sr. K. Grant como seu sucessor no título de O.H.O. da Ordem. Até hoje ninguém contestou esta carta ou provou ser ela falsa.

Em carta datada de 6 de dezembro de 1976, K. Grant escreveu-me:

“... on the page 153 of that book²⁰ that Mr. Motta is making a great fuss about a piece of paper. Furthermore, there is absolutely no restrictions as to my power of initiating into any or all degree of the O.T.O., in my Charter from Frater Saturnus, dated May 5, 1951, which Mr Motta will see for himself if he takes the trouble to consulte the apposite archives.”

Evidentemente, a referida carta de Germer a Grant derruba qualquer argumento contra a capacidade e direito de Mr. Grant iniciar uma Loja, ou mais, operando em onze graus.

A O.T.O. sob a liderança de K. Grant tomou uma estrutura semelhante a A.'.A.'. ²¹

²⁰ - Nota – Ele aqui se refere ao “Equinócio dos Deuses” publicado por Marcelo Ramos Motta no Brasil

²¹ - Nota – Em 1940, Germer escreveu a Crowley solicitando uma definitiva instrução sobre as diferenças entre a O.T.O. e a A.'.A.'. Crowley respondeu: “A diferença entre a A.'.A.'. e a O.T.O. é muito clara e

A Nota n. 16 derruba totalmente a idéia de “Templos” para reuniões e iniciações da A.’A.’., como alguns têm tentado fazer crer a candidatos à iniciação na Ordem. Templo, no sentido físico da palavra, da A.’A.’. é um total disparate. Se existe algum, seu nome é “Templo do Engano”.

simples. A.’ A.’. é uma sempiterna instituição, e inteiramente secreta. Não existe qualquer comunicação entre seus membros. Teoricamente, um membro somente conhece seu superior que o iniciou, e qualquer outra pessoa introduzida por ele próprio. A Ordem caminha em linhas puramente espirituais. O objetivo de se tornar Membro é inteiramente simples. O primeiro objetivo é o Conhecimento e Conversação do Sagrado Anjo Guardião. O próximo objetivo, omitindo considerações relativas aos graus 4 = 5 e 7 = 4, é o Cruzamento do Abismo, e a Consecução do Grau de Mestre do Templo. Isto está descrito em detalhes especialmente em Liber 418.

Muito pouco está escrito a respeito do grau 5 = 6, isto é, o C. e C. do S.A.G., porque é profundamente secreto e totalmente individual. É impossível enunciar condições, ou descrever as experiências detalhadas envolvendo o assunto.

A O.T.O. nada tem a ver com isto, excepto que o Livro da Lei e a Palavra do Aeon são princípios essenciais dos membros.

Suíça

Ergue-se **Hermann Metzger** (Frater Paragranus) e é, segundo alguns, ilegalmente eleito O.H.O. por seus seguidores, isto é, por membros de sua própria Loja.

Quando Metzger se fez votar Cabeça Externa da O.T.O., o fato não foi comunicado a seu superior hierárquico (Frederick Mellinger), a não ser tardia e indiretamente. Mellinger, como co-executor do testamento de Germer para assuntos ligados à O.T.O., nada pode fazer para reparar o ato de Metzger, muito embora o tenha tentado. É extremamente improvável que possamos desfazer certas iniciativas neste particular campo. Qualquer um, e a qualquer tempo, pode se dizer O.H.O. sem que alguém possa fazer qualquer coisa a respeito. Tudo depende da consciência de cada um. Vemos que mesmo “expulso” Kenneth Grant prosseguiu a se apresentar como membro e Líder da O.T.O.. Isto perdura até hoje, e nada pode ser feito. No caso de Metzger, o problema se complica ainda mais, pois além de ser um Alto Graduado da Ordem, ele possuía outros títulos dando-lhe grande sustentação.

Metzger é apresentado por Marcelo Motta como um desses tolos que se auto convenceram de ser o “Filho Mágico” prometido em AL. Em carta, datada de 23 de março de 1965, enviada a Metzger, Marcelo Motta procura mostrar à aquele irmão a tolice de sua pretensão. Se Metzger deu ou não ouvidos às palavras de Motta não sabemos. Entretanto, o próprio Marcelo Motta, por sua vez, assume ser este “Filho Mágico”. É tudo questão de ponto-de-vista, ou, no dizer de alguns, bastante confuso.... Mas, no dizer de outros, para o Iniciado não existe confusão alguma.

Estados Unidos Da América Do Norte

Surgiu outro Ramo liderado por Grady McMurtry (Frater Hymenaeus Alpha).

Nos é bastante estranho que McMurtry só soube da morte de Germer após passados meses do desenlace. Disto poderíamos deduzir várias coisas: ou McMurtry não dava a mínima para seu superior, ou ele não estava tão “ligado” a ele, e que a O.T.O., nos Estados Unidos, não estava, na época, muito bem organizada, ou mesmo se havia uma O.T.O. funcionando naquele país.

McMurtry fora iniciado na Loja Agapé. Sendo oficial do exército norte americano durante a Segunda Guerra Mundial, embarcou para a Inglaterra a serviço. Encontrando-se com Crowley, este lhe transmitiu o Segredo Central

da Ordem, fazendo-o membro do IX grau (1946). Existe uma versão afirmando que McMurtry teria comprado a Patente do Nono Grau. Leitores não devem se escandalizar com isto. Na própria Maçonaria houveram casos idênticos, e o mesmo acontecia (ou ainda acontece) na O.T.O.

McMurtry, dentro da confusão reinante após a morte de Germer, usou de duas cartas de “Emergência”, a ele dadas por Crowley, proclamando-se “Calípha” (uma espécie de líder mundial da Ordem). Sabedor da existência de um IX, X e XI Grau no Brasil (Marcelo Motta), tentou convencer seus correspondentes, a Donald Weiser e a James Wasserman que Marcelo Motta, tendo sido originalmente autorizado por Germer a liderar uma Loja trabalhando nos Três Primeiros Graus, não tinha direito a qualquer grau na Ordem além desses, e que Marcelo Motta não estaria dizendo a verdade ao declarar-se um Membro do IX. Porém, McMurtry foi depois forçado a admitir, em tribunal, que Motta tinha o IX grau. Evidências documentais demonstraram que McMurtry havia sido introduzido na O.T.O. exatamente da mesma forma como fora Marcelo Motta: isto é, jamais tivera prévio treino nos graus abaixo do IX.

Relativamente às “cartas de Emergência”, Crowley, escreveu a McMurtry em 22 de março de 1946 (já próximo de sua morte): **“Isto é para autorizar assumir o total trabalho da Ordem na Califórnia, para reformar a organização ... sujeito à aprovação de Germer. Esta autorização é para ser usada em emergência.”**

Em 11 de abril de 1946, Crowley, escreve a McMurtry que ele era: **“Nosso representante nos Estados Unidos .. sujeito à aprovação, revisão e veto de Germer”**.

Em 24 de maio de 1946, Germer, escreve a McMurtry sobre o destino da Ordem: **“Todos os passos serão dados com minha aprovação”**.

Em 1962, Marcelo Motta já se encontrava no Brasil, trabalhando na divulgação de Thêlema. Sascha Germer (esposa de Germer) enviou-lhe a notícia da morte de seu marido, informando-o que uma Patente para trabalhar nos Três Primeiros Graus da Ordem lhe fora conferida por Germer. Segundo Marcelo Motta, esta Patente jamais lhe chegou às mãos. Sascha também lhe informa que, antes de morrer, Germer havia nomeado Marcelo Motta como o “Seguidor” (Follower). É do conhecimento de todos que a informação tornou-se a causa de muitas das desventuras da Marcelo Motta.

A Patente ou carta enviada por Germer a Marcelo Motta, dando-lhe permissão para trabalhar com os Três Primeiros Graus, sempre foi contestada pelos adversários de Motta. Recentemente apareceu uma carta de Bill Heindrick, datada de 9 de setembro de 1985, dirigida a Kenneth Grant, onde está dito claramente que a carta, enviada por Germer a Motta, foi encontrada

nos pertences do falecido Germer e guardada nos arquivos da O.T.O., isto é, a carta foi escondida durante anos pelo adversário de Marcelo Motta.

Quanto às cartas de “Emergência” enviadas por Crowley a McMurtry, jamais foram aprovadas ou vetadas. Mas, em uma das cartas enviadas por Germer a McMurtry encontramos o seguinte: **“Você tem sido menos um (-1) no contexto da Ordem”**.

A morte de McMurtry, ocorrida dois dias após sua “vitória”, em um tribunal norte americano (Califórnia), contra Marcelo Motta, deu ensejo à eleição de um novo Calípha – Hymenaeus Beta. Necessita ser dito que esta eleição, ao contrário do presumido, não foi uma eleição geral. Lembremo-nos que a O.T.O. encontra-se dividida desde quando Crowley assumiu a liderança do Ramo Inglês. Ela foi realizada apenas no restrito ambiente do Ramo Californiano, chamado Calíphado²². E apenas um membro do IX grau votou.

Este novo Calípha havia sido, ele mesmo, discípulo de Marcelo Motta, juntamente com Bill Heindrick. Este ex-discípulo de Marcelo Motta na A.’A.’., segundo seu ex-instrutor, teve seus elos cortados com a Grande Ordem motivado por ter falhado em manter o Juramento e não cumprido as Tarefas do Grau de Probacionista. Atualmente ligou-se ao Sr. Martin Starr, outro ex-discípulo de Motta, que se apresenta atualmente como Preamonstrador da Ordem. Segundo Marcelo Motta em “Os Serviços de Inteligência Não São Inteligentes”, este senhor também teve seus elos cortados com a Ordem Maior. Vejam os caros leitores de como torna-se difícil desenrolar-se essa história. Só nos resta esperar que o tempo se encarregue de demonstrar onde está a verdade, se é que isto interessa a maioria dos “thelemitas” atuais...

Devemos esclarecer, de maneira bem transparente, e sugiro que todos façam o mesmo sempre que se apresentar a oportunidade, que atualmente vários grupos se apresentando como O.T.O. (se têm ou não direito a isto é um problema que não me concerne). Deste modo o Calíphado, e outras organizações, somente têm autoridade de liderança dentro dos limites dos círculos de suas particulares estruturas. Nos Estados Unidos da América, e mesmo no Continente Norte Americano, como também na Europa e América do Sul, existem várias O.T.O.s sem serem o Calíphado, ou prestando obediência a ele. Todas se dizem a O.T.O.. Portanto, é um engano julgar que o Calíphado tem jurisdição sobre estas outras organizações. Hymenaeus Beta é somente líder de seu Ramo.

O resultado disso é uma situação quase sem alternativas para o verdadeiro procurador. Ele fica sem saber quem é quem. E o que tem sido

²² - Nota – O Calíphado é uma organização fundada somente a quase 25 anos após a morte de Crowley e oito anos após o falecimento de Germer.

feito, na prática, a respeito do assunto, para se definir limites desta ou daquela O.T.O.? Nada! Absolutamente nada. Apenas deixa-se o barco correr. Falta a coragem de enfrentar o problema de maneira clara. Qual o motivo desta inércia? Deixo aos leitores o direito de tirarem suas próprias conclusões.

Haiti

Em 1963, Jean Maine encontrou-se com Michael Bertieux que o introduz na O.T.O., encarregando-o de organizar aquele Ramo da Ordem nos Estados Unidos da América (isto é, um Ramo totalmente independente daquele que fora liderado por Germer até 1962. Na América do Sul, Michael Bertieux é o líder de uma organização secreta chamada “Monastério dos Sete Raios”, que inclui o “Culto da Serpente Negra” (La Couleuvre Noire); um tipo de Voodoo. A este adepto, Kenneth Grant ligou-se recentemente.

Também em 1963, e devido o estado de saúde de ortier, Jean Maine é consagrado Patriarca e Chefe da O.T.O.A. (Ordo Templi Orientis Antiqua), e em 1970 passa o cargo a Bertieux. Mais uma O.T.O. tem nascimento, agora com um “A” acrescentado à sigla.

Canadá

No Canadá, um dos expressivos discípulos de Crowley, C. Jones (Frater Achad), o homem que descobriu a “chave” do Livro da Lei, e considerado, pelo próprio Crowley, seu filho mágico, já fora iniciado na O.T.O. Jones, ao contrário do pensamento geral, foi patenteado por Theodor Reuss. Era ele um dos IX, juntamente com Crowley e Tranker.

Em 1948, um ano após a morte de Crowley, baseando-se no desenvolvimento de suas próprias pesquisas do Livro da Lei, ele anuncia o AEON DE MAAT – quarenta anos após o Equinócio dos Deuses anunciado por Crowley em 1904, quando Aiwass proclamou o nascimento do Novo Aeon, o qual deveria durar, aproximadamente, 2000 anos. Frater Achad dominou a Nova Era de MA-ION, o Aeon da Verdade e Justiça.

Achad firmou sua teoria de MA-ION sobre uma “revelação” a qual ele afirma haver encontrado no próprio Livro da Lei. – exatamente no último verso do Cap. I. As circunstâncias envolvendo esta história serão relatadas em outro lugar devido sua importância para thelemitas.

É de se convir, segundo alguns comentaristas, que Frater Achad estava completamente obcecado pela idéia de ser um novo Messias, bastante potente para redimir o homem de suas calamidades advindas do Aeon de Horus, as quais, a julgar por sua correspondência particular, Achad, atribuía à **maquinações de Aiwass. Achad passou a considerar Aiwass como um demônio voltado para a destruição da humanidade.**

Sabemos que Achad tentara a Travessia do Abismo, e que depois disto apresentou fortes características de loucura. Esta é outra história que discutiremos em outra oportunidade. Mas o importante é que muitos aderiram às teorias de Achad e, assim, criaram um Ramo da O.T.O. seguindo os preceitos do Aeon de Maat. Kenneth Grant aprendeu à sua organização um grupo destinado a desenvolver-se nesta direção, criando, também, o chamado Culto de LAM, no qual os “Deuses” lovecraftianos são inseridos.

Brasil

Marcelo Ramos Motta (Frater Parzival XI), após a morte de Germer, do qual era discípulo dileto, e devido a desconsiderar Kenneth Grant como o O.H.O., funda uma Loja e também se apresenta como Líder Mundial da Ordem e sucessor direto de Germer. Isto ele fez baseando-se em uma carta, escrita por Germer pouco antes de morrer. O documento acima citado, segundo o próprio Marcelo Motta, jamais lhe chegou às mãos.

A comunicação de Sascha Germer sobre o assunto tem a data de 30 de outubro de 1962:

“A Marcelo Motta”:

Nosso amado Mestre está morto.

Ele sucumbiu a 25 de outubro às 20hs55min em horríveis circunstâncias.

Você é o sucessor.

Por favor receba isto de mim, pois ele morreu em meus braços e foi sua última vontade.

Quem é o herdeiro da biblioteca, por enquanto ainda não sei.”

A biblioteca referida por Sascha Germer foi saqueada pouco tempo depois. Talvez a tal carta patente enviada a Motta (e que nunca lhe chegou às mãos) tenha sido roubada ou destruída durante o saque. Por quem? (Segundo a própria Sascha pela gang formada pela filha de Phyllis Seckler.

Marcelo Motta sempre afirmara que sua Patente e a carta de Germer teria sido destruída pelo Serviço Secreto Americano ou pelo Serviço Secreto do Vaticano. Agora sabemos que a Patente e a carta estavam nos arquivos do Caliphado, e ali estiveram durante todo este tempo, mesmo durante o “julgamento” no tribunal da Califórnia.

Em sua luta para assumir a liderança na Ordem e herdeiro dos direitos autorais de Crowley, Marcelo Motta, foi aos USA e entra em litígio judicial com McMurtry e vários outros personagens do cenário “ocultista” norte americano, acusando-os de piratear as obras de Crowley. Nesta mesma época é obrigado a mudar o nome de sua organização para diferencia-la da O.T.O. Californiana (Qaliphado). Assim surge a S.O.T.O. (Sociedade Ordo Templi Orientis). Perde a causa na Suprema Corte da Califórnia, e retorna ao Brasil visivelmente amargurado. Isola-se do trabalho coletivo.

Marcelo Motta morreu em 1987, na Cidade de Teresópolis. Morreu só. Seu corpo somente sendo encontrado, pela faxineira, um dia depois de seu falecimento. Seus restos mortais jazem no cemitério daquela cidade serrana. Segundo informações por mim obtidas de seus antigos vizinhos, foi uma mulher quem cuidou de todas as despesas do funeral. Não obtivemos a identificação desta mulher. Provavelmente seria Claudia Cannuto; mas não podemos afirmar.

A nosso ver, a morte de Marcelo Motta é bastante intrigante... e temos nossas dúvidas ao que realmente aconteceu. Seu atestado de óbito é bastante reticente: registra “enfarto e doença”. Mas que doença?

Finalizando este capítulo, cumpre notar que, dentro de cada uma dessas ramificações, outras tantas se formaram. Da O.T.O. de Marcelo Motta, surgiu a Sociedade Ordo Templi Orientis (SOTO), e a Santa Ordem de Ra-hoor-Khuit (HOOR), a Fundação Parzival XI (Austrália) e a Ordem dos Cavaleiros de Thêlema. Da O.T.O. de McMurtry, surge o Caliphado (hoje liderado por Willian Breeze, ex-discípulo de Marcelo Motta e ex-correspondente de membros da O.T.O. Franco-Haitiana) e a Fundação O.T.O. Da O.T.O. de Metzger, surgem algumas OTO's, como a fundada em Frankfurt, por um ex-membro cujo nome não me ocorre agora. Da OTO de Kenneth Grant, surge a Aureo-Ctoniana...

Também é interessante notar que as ramificações mais respeitadas têm deixado de lado o nome “OTO”.

Confira-se que a OTO de Metzger agora se chama “Thelema-Stein”; a OTO Franco-Haitiana, em sua vertente Espanhola, “Ordem da Pomba e do Graal”, e em sua vertente Italiana, “Arcana Aeterna”.

A organização liderada por Willian Breeze apenas trabalha com os rituais escritos por Crowley e alguns outros elaborados por Breeze (KEW, VII). Não é uma escola de magia, mas sim uma ordem maçônica.

A OCT também não é uma escola de magia, mas uma ordem estritamente iniciática. Não é uma ordem em que a admissão seja franqueada a qualquer um que a procure, mas apenas àqueles que são bem sucedidos nos testes que lhes são impostos. Junto a ela, operam ordens coligadas, como a Santa Ordem de Ra-Hoor-Khuit, a Societá Pansophica per la Nuova Era e a Arcana Aeterna – essas, sim, ordens mágicas.

Brasil - Parte II

Observação: O texto que segue foi escrito por Frater M. (Sr. M.S.)

Também no Brasil, Euclides L. de Almeida (então Frater Z. III), entra em atrito com Marcelo Motta e é suspenso da Ordem por 5 anos.²³ A suspensão é informada ao público através “O Equinócio dos Deuses no Brasil”. Euclides liga-se, então, a Kenneth Grant (Ramo Inglês) e filia-se ao Ramo Norte Americano. Nesta época ele ainda desconhecia toda trama envolvendo a O.T.O. Para ele a Ordem constituía um só bloco. Mais tarde, mas muito mais tarde, percebendo o que realmente se passava, e não concordando com algumas iniciativas de K. Grant, é desligado da organização Inglesa.

Sobre Euclides, transcreveremos aqui as palavras do Sr. Carlos Raposo em dois trabalhos de sua autoria. O primeiro intitulado “CARTA A UM APRENDIZ”. Neste trabalho do Sr. Carlos há uma dedicatória, nos seguintes termos: “... **nossos queridos instrutores, com todo carinho e amor: Aleister Crowley (1875-1947), Frater Perdurabo; Karl Johannes Germer (1885-1962), Frater Saturnus; e Marcelo Ramos Motta (1931-1987), Frater A.**”

Chamamos á atenção dos leitores para o fato de que nenhum dos três adeptos acima citados foram, em algum tempo, instrutores de Frater Brvnvs.

²³ - Nota – Estes eventos são tratados em outra parte deste trabalho, com detalhes e documentação, pois são fundamentais para entendimento de evolução da Ordem em nosso país.

Frater Brvnvs (também Frater P.A.N.) , desde seu primeiro contato com Thelema, foi discípulo de Frater T. (Euclides Lacerda). Feita esta observação, passemos a transcrever o que o Sr. C. Raposo escreve em “Carta A Um Discípulo”), a respeito de Marcelo Motta e Euclides Lacerda:

“Entre seus instruídos (de Marcelo Motta) no Brasil, destacou-se Euclides Lacerda de Almeida, que viria a se tornar, após a morte de Motta, o responsável pela difusão de Thelema no Brasil. O Sr. Almeida, conhecido no meio thelêmico pelo mote de Aster, também esteve, durante cerca de 15 anos, sob supervisão de Kenneth Grant, Frater Aossic Aiwass, um dos mais notáveis discípulos diretos de Crowley.

Herdando em si duas distintas ramificações do pensamento thelêmico, ambas com origem no próprio Crowley, Frater Aster, com a fundação em 1975 da *Sociedade Novo Aeon*, estabelecia, definitivamente, o movimento Thelêmico em terras brasileiras.”

Mais à frente:

“Aqui ressaltamos a integridade de Frater Aster que, não obstante as adversidades e, até mesmo apesar da deslealdade e perfídia de alguns ex-Aspirantes, manteve-se íntegro aos princípios tomados em Juramento, há mais de trinta anos, não importando se o preço desta integridade se apresentasse como injusto aleive ou um frio anonimato.”

Atualmente, o Sr. Carlos Raposo e sua gentil companheira (também uma ex- discípula de Frater Aster) lideram uma Loja da O.T.O. Californiana (McMurtry).

Euclides foi, em 1995, iniciado no Ramo Americano com o qual, até aquela época, mantinha relações de amizade. Sua iniciação foi realizada utilizando-se os Rituais publicados por Francis King. Desiludido com, e conhecendo as implicações desse fato, e não concordando com o Caliphado em manter o Sr. Marcelo Santos como Mestre de Loja na época, desliga-se daquele Ramo dois meses após seu ingresso oficial. Devolve a Patente, assume a posição de Frater Superior para o Brasil (baseando-se em uma Patente a ele concedida por Marcelo Motta), e prossegue seu trabalho utilizando-se da Sociedade Novo Aeon, da Ordem dos Cavaleiros de Thelema, e da Ordem de Thelema (na qual fora iniciado por Marcelo Motta). A O.C.T. foi fundada por Euclides em 1966; desta participaram outros Irmãos na Lei: Sr. Tarcísio de Oliveira e o Sr. Michael Deivison, ambos Neófitos da A.'. A.'. Neste novo trabalho, adota algumas idéias de Frater Achad e de Jack Parsons, por julga-las coerentes com Thêlema e de grande interesse para a Ordem.

Funda três Lojas independentes de qualquer Ramo da OT.O. ou de quaisquer ligações com outros líderes. Adota novos rituais, formulando-os dentro da Lei, baseados nos que lhe foram entregues por Frater Parzival XI anos atrás.

Como já dito, devidos aos complexos eventos dando origem à Sociedade Novo Aeon, agora sob liderança de Frater Q., o assunto será tratado em outro lugar, onde detalhes e a necessária documentação, e muita coisa ainda inédita ao público brasileiro, será revelado, pois fazem parte da História de Thêlema e da O.T.O. no Brasil.²⁴

Não trataremos aqui, evidentemente, de “ordens” ou outros tipos de “organizações” dizendo-se thelêmicas, mas que na realidade fogem claramente das Doutrinas do Sistema.

Em relação a herança de Marcelo Motta, transcrevemos aqui o escrito pela própria Claudia Canuto em carta dirigida a nós e datada de outubro de 2000.:

“Talvez as pessoas perguntem porque ninguém foi apontado para a chefia da Society Ordo Templi Orientis por Canuto, Stone e Barden (este último logo quis por as mãos na Sociedade, sem se importar com que os outros pensavam): eu digo, porque ninguém estava apto para isto. Por essa razão e apenas por essa razão. E eu sei muito bem o que estou falando, um dia você entenderá”.

No texto dessa mesma carta existem várias referências a Euclides Lacerda de Almeida que muito vêm esclarecer os acontecimentos em 1975 entre Marcelo Motta e ele:

“Uma das poucas pessoas de quem Marcelo Motta se orgulhava era alguém conhecido como Frater ZARATUSTRA na OTO e como Frater THOR na A.’A.’. (sei que você sabe de quem estou falando, mas prefiro referir a ele desta maneira, por respeito ao fato de ele ter sido meu primeiro instrutor). Alguns meses antes de falecer me indicou que ZARATUSTRA tinha sido treinado como um soldado e que só um soldado saberia como conduzir a tropa quando se tornasse coronel (claro que para Marcelo não haveria outro general além dele próprio, não peça demais). Por isso ele sabia que mesmo que a OTO falhasse haveria alguém que não deixaria a tocha se apagar. Para Marcelo não havia mais razão para criar uma relação de dependência, as coisas estavam como deviam estar. Para ele, Frater ZARATUSTRA estava em combate e

²⁴ - Nota – Recentemente, Frater ^a achou por bem entregar a liderança da Sociedade Novo Aeon ao Sr. Marcos Pagani (Frater Qvif) no Rio de Janeiro. A O.C.T. ficou sob liderança de Frater Iskuros e Frater Benhour (Sr. Marcelo Santos e Tarcísio de Oliveira). Por outro lado Frater A. estabeleceu um elo com a HOOR e a Abadia de Thêlema nos USA. A HOOR e a Abadia de Thêlema são lideradas por ex-discípulos de Marcelo Motta, e que se recusaram a entrar na O.T.O. Caliphorniana ou na SOTO liderada por D. Berson.

“Lutai como irmãos!”. Note isto é muito importante para você compreender o que se passava na cabeça de Marcelo Ramos Motta, que o mestre desaparece quando o discípulo está pronto. Foi por confiança nisto que designou a Ray Eales para levantar uma outra ordem, porque o campo de batalha da OTO também era minado demais.”

A carta prossegue com outros assuntos de exclusivo interesse a Iniciados.

Claudia Canuto (Soror K.A.), uma valorosa mulher que acompanhou Marcelo Motta durante a vida dele, abriu mão de sua nomeação como herdeira de Motta e preferiu seguir seu Trabalho no anonimato.

Mas, existe um outro herdeiro no Brasil, do qual não se fala, mas que tem seguido criteriosamente os passos de Frater E. Para salvaguardar sua privacidade e seu Trabalho, mantendo-o fora do alcance de nossos inimigos, nada sobre ele será dito aqui, a não ser que pertence a um Alto Grau da Grande Ordem e é um X* da OTO. Seu principal trabalho sendo aquele de restaurar a Verdadeira OTO em solo brasileiro.

Infelizmente, esta é a paisagem envolvendo o Nome OTO no momento atual. Sair disso será bastante difícil mas não impossível e, para tal, seria necessário um sério movimento de limpeza, no sentido de restaurar o brilho da Ordem, colocando-a em seu devido rumo. Seria necessário também que muitos recobrassem a consciência thelêmica e, renunciando à suas ambições pessoais, se unissem verdadeiramente como irmãos. Pode ser imaginado que pinto o quadro com cores demasiadamente escuras. Mas não é assim. Talvez elas sejam, na realidade, mais escuras. A Ordem, como muitas outras que a antecederam, perdeu-se; saiu de seus Caminhos, por assim dizer. Mas, neste momento mesmo, novos brotos estão sendo regados pelos Mestres da Corrente, e é de se esperar um re-erguimento da Fênix.

Obs: Aqui termina o trecho escrito por Frater M.

PARTE III

Na realidade, Marcelo Ramos Motta, era de fato, mas não de direito, membro da OTO, segundo dizem seus adversários. De qualquer maneira ele mesmo confessa que jamais teve passagem regular pelos graus da Ordem, embora possuísse o IX e o XI (mas não o X*). Mas o seu caso não era um caso isolado e nem inédito nos anais da Ordem. O mesmo

ocorreu com Frater Saturnus e com o próprio Crowley. McMurtry obteve o IX diretamente de Crowley, e sem passar por qualquer formal ritual. Com respeito ao grau XI, grande parte de estudantes mantêm a idéia de que homossexualidade é uma razão para não se tornar membro do grau, porque, dizem eles, homossexuais não podem ter filhos (?...) Consideramos isso o usual jogo dessas pessoas. Entretanto, temos notícias que também H.B. clama o XI e assina como tal. Ou estas pessoas mudaram de opinião ou H.B. deseja somente clamar controle sobre o XI, que está fora da estrutura da Ordem? Mas, por outro lado, estas pessoas se esquecem que existem Meios e meios; isto é, a consecução do XI não estaria estrita tão somente à prática de rituais homossexuais.

Perceba-se que estas disputas, desenvolvidas em torno da liderança da Ordem – ou seja, da vaidade de ser o O.H.O. – arrastam-se desde os tempos em que Crowley assumira o cargo. E, até hoje, grande parcela de membros ativos, nos diversos Ramos, ainda desconhece os fatos, ou não deseja conhecê-los. Acontece, entretanto, que a Corrente Thelêmica “trabalha em silêncio” e, mais cedo ou mais tarde, a Lei se manifestará. Será que as pessoas ainda não deram conta de que se **existe uma Cabeça Externa, inevitavelmente existirá uma CABEÇA INTERNA?** Se assim não fosse para que o uso do adjetivo “externa” se não existe interna? Pensem nisto...

A evolução dessas disputas aprofunda-se na História da OTO, tanto no exterior quanto no Brasil. E são inacreditáveis os lances dessa guerra no âmago da Ordem. Mas ninguém pode enganar a todos durante todo tempo. A real situação da Ordem vem sendo desvelada perante os olhos públicos.

Outra coisa que gostaríamos de aqui ressaltar, é o erro da idéia de que a OTO originou-se diretamente da Ordem do Templo de Salomão, ou que mesmo seja uma Ordem Templária na correta acepção da palavra. A Ordem do Templo, como já dito, teve sua continuidade na Ordem de Cristo e desta houveram outras ramificações. Mas estas genuínas Ordens Templárias, sequer, se apresentam como tais. Que a OTO seja uma Ordem Maçônica está fora de dúvida. Mas Templária jamais. Falta muito para isto... Nada existe ligando as duas, a não ser o adjetivo templária. Mas justiça seja feita: apesar dos pesares, o único que ousou mostrar a pústula foi Marcelo Ramos Motta. Entretanto sua decisão e ação em divulgar isto apresentou-se tardia e, por isso, ele sofreu graves conseqüências. O mal criara raízes profundas, tornando-se impossível exterminar com a infeção. Pode-se mesmo afirmar que o trabalho da Loja Negra foi bastante eficiente.

Mas, de qualquer forma, ele demonstrou a coragem necessária para a luta. Seu erro foi desejar ocupar o cargo de líder da ordem, já que ela estava (e

ele o sabia) caminhando para o caos, o que realmente aconteceu. Ele deveria abster-se de querer ‘salvar escravos’ ou a própria Ordem que, afinal, não era mais Ordem, mas o exemplo da desordem.

Efetivamente tinha ele o direito de disputar o cargo máximo. Mas o momento estava errado. Com isto não queremos afirmar ter sido o único com direito ao cargo Outros havia, é verdade, porém encontravam-se muito aquém dele.

A política, as tramas, as traições (ao que seu carácter aberto não estava acostumado) articuladas entre seus próprios discípulos e inimigos para afastá-lo do cargo, apresentando-o como um candidato sem quaisquer bases “legais”, foram covardes, desonestas e antiéticas. Basta estudarmos os currículos de seus oponentes e os autos da Suprema Corte da Califórnia, para compreendermos o quanto houve de manipulações e influências poderosas por detrás dos bastidores (concessões, barganhas, etc.). E não poderia ser de outra forma. Somente um idealista, devotado inteiramente à causa, não perceberia que os homens do norte jamais permitiriam que um sul americano (principalmente um brasileiro) lhes tomasse o “poder” e os lucros daí advindos. Marcelo lutou sozinho contra uma máquina bem montada e azeitada pelo poder financeiro da Ordem Negra. Caiu, é verdade, mas caiu com honra de um monge-guerreiro. Morreu com um guerreiro. Não usamos de hipocrisia ao afirmarmos isto. Não podemos deixar de admirar sua coragem. Nós não o odiávamos, malgrado as grandes dores e amarguras que nos imputou, e dos erros cometidos em sua fúria contra os profanadores do Arcano. Compreendemos que algo o levara àquele tipo de ação. Mas na época, como poderíamos compreender todo o quadro se estávamos absortos em detalhes egóicos?

Como exemplo pertinente de uma dessas manipulações armadas contra Marcelo Motta, citamos o caso de um ex-discípulo dele que, perante o tribunal profano, traiu o próprio Instrutor (pois na época ainda era discípulo) em seu depoimento mentiroso. Hoje, esse tipo de “Rei Felipe” compartilha da liderança de um certo Ramo da Ordem, e pretende erguer um templo material para a Grande Ordem, onde ele e outros tantos cegos participarão de ‘iniciações’, o que, no mínimo, poderíamos classificar como espúrio. Estas pessoas foram mais longe ainda em suas intrujices e fundaram “fraternidades” usando o Nome da Grande Ordem. Dois deles foram membros da SOTO de Marcelo Motta nos USA. Um era superior hierárquico do outro. Um deles terminou por morrer vítima de overdose de heroína.

Em referência a outros Ramos apresentando-se em outros países, seria necessário aumentar consideravelmente as páginas desse trabalho, para que os leitores pudessem aquilatar os inconcebíveis lances e tramóias, perpetrados

em nome de uma sucessão capenga e dando suporte à fundação desses desvios.

OS RITUAIS

Inicialmente, os Rituais da OTO eram essencialmente maçônicos. Posteriormente, quando um Ramo da Ordem aceitou a Lei de Thêlema, estes rituais foram, em parte, e a pedido de Theodor Reuss – assim é dito – modificados por Crowley, dando-lhes um profundo significado mágico, de acordo com a Nova Lei. Atualmente esta “estória” é contestada.²⁵

Agora, como todos deveriam saber, torna-se inevitável que durante a evolução de qualquer corrente iniciática, certos aspectos ultrapassados, ou mesmo errados, sejam substituídos por outros mais atualizados.

O Sistema original da OTO, da qual Crowley foi Líder da facção que aceitara o Livro da Lei como base de todo trabalho, apoiava-se sobre uma estrutura inteiramente maçônica. Crowley não teve como alterar esta estrutura, muito embora tenha refeito os Rituais dos Graus mais baixos.

No Antigo Aeon, a Morte era o ponto crucial do Sistema; disto as lendas de Osiris, Hiran, “Jesus”, etc. (a lenda é “vivida” na Câmara do Meio na Maçonaria, quando o Companheiro Mação é iniciado ao Terceiro Grau). Atualmente, compreendemos que a Morte é uma ilusão criada pelo ego. Portanto, no Novo Sistema, Vida e Morte são encarados com um fenômeno contínuo. Esta nova visão deveria ser estudada e meditada nos livros de Crowley e de outros autores que conseguiram compreender o problema (ver, especificamente, “PEQUENOS ENSAIOS EM DIREÇÃO À VERDADE”, de Crowley). Porém, segundo alguns autores, a personalidade do homem Crowley falhou em perceber um sistema iniciático (maçônico) fora do perfil postulado pelas Antigas Ordens; motivo pelo qual ele perpetuou o Antigo Sistema descrito em “O EQUINÓCIO” – Vol.III N.1”. Karl Germer, também por sua vez, manteve o Antigo Sistema.

Em 1975, Marcelo Motta, no Brasil, tal como Kenneth Grant, na Inglaterra, tentou mudar as características dos Rituais, tornando-os mais próximos e adaptados ao Novo Sistema (principalmente o Terceiro Grau).

²⁵ - Nota – O mais interessante de toda esta “estória” está no fato de que Theodor Reuss jamais usou esses rituais modificados por Crowley.

Mas esses novos rituais somente modificaram nuances maçônicas osirianas como, por exemplo, as Ordálias dos Quatro Elementos. E mesmo essas modificações apenas deram aos “Quatro Elementos” uma versão baseada na percepção dos Quatro Príncipes do Mundo e da “Crucificação” (isto é, o Mistério da Encarnação). Entretanto, no Terceiro Grau tornou-se extremamente difícil mudar o contexto. Assim, Marcelo Motta, levou para o Primeiro Grau a “visão do Enforcado” que é, como dito por Crowley, “uma idéia de sacrifício e, conseqüentemente, uma falsa idéia”. “Toda idéia de sacrifício é uma incompreensão da Natureza”. Não podemos, entretanto, tirar o mérito de Marcelo Motta em tentar melhorar esses rituais.

Até onde posso saber, o Ramo Norte Americano da OTO segue os Rituais corrigidos por Crowley mas que, infelizmente, foram publicados. Tal fato, na minha opinião, tira-lhes todo valor iniciático²⁶

Quando, por imperativas circunstâncias, Frater A. viu-se na contingência de assumir o Décimo Grau da OTO no Brasil (um grau puramente administrativo), surgiu a necessidade de elaborar Novos Rituais para o Trabalho nos Três Primeiros Graus com explicitas bases thelêmicas, e que preenchessem as lacunas existentes para o trabalho dos Círculos Externos.

Efetivamente, não foi fácil compor esses rituais, adaptando-os às características estabelecidas nos Estatutos da Sociedade Novo Aeon e às diretrizes thelêmicas fundamentais.

Após muitas pesquisas e várias consultas a outros membros da Sociedade ficou, finalmente estabelecido, em reunião dos Diretores da S.N.Ae., que a organização brasileira obedeceria, em seus três primeiros graus, uma forma maçônica (mas não osiriana). Entretanto, o Terceiro Grau, onde surge o problema da Morte, foi modificado, obedecendo-se a Lei.

Os demais graus seguem linhas totalmente diversas àquelas seguidas anteriormente, com exceção, é claro, do Nono Grau, o qual contém o Segredo Central da Ordem. Por razões óbvias não podemos aqui oferecer maiores detalhes a respeito da estrutura desses graus.

Outro ponto a ser esclarecido relaciona-se com a adaptação dos Rituais à presença de membros femininos. Os rituais anteriores não possuíam qualquer preocupação com o problema., porque procediam de um Sistema ainda calcado no Antigo Aeon (Patriarcal). Falando mais claro: os Rituais estavam eivados do preconceito de um Criador Masculino, etc. isto foi levado

²⁶ - Nota – Todo e qualquer ritual publicado torna-se sem valor iniciático. Esta é uma regra geral. Publicar um ritual de iniciação, é o mesmo que um estudante saber as respostas das questões de uma prova de vestibular. Foi publicando os Rituais da Golden Dawn que Crowley destruiu aquela organização.

em conta, e a estrutura dos graus passou a atender esse específico, e muito importante detalhe.²⁷

Os rituais da OTO, como reformulados por Crowley, e ainda usados em vários Ramos da Ordem, podem ser estudados em “OS RITUAIS SECRETOS DA OTO” – Francis King.

Aleister Crowley

Antes de pensar no futuro devemos entender o passado. Eis o fito desse trabalho: resolver o passado para que a compreensão dele demonstre o porque do presente. Então, sim, poderemos pensar no futuro mais claramente. Porém, existe um problema em que o fato que abala uma mentalidade deixa outra indiferente, e que cada um exige uma sua prova. Mas nós somente podemos trazer a nossa prova que, evidentemente, não servirá para todos. Também, é preciso acrescentar, o raciocínio não serve para todos; eis porque as demonstrações não passam, muitas vezes, de discussões que, antes de convencerem, tornam-se desabafos irados, espécie de luta irritando os ânimos.

Alguns temem as autoridades das organizações humanas. Outros já ultrapassaram estas barreiras restritivas. Não desprezo organizações: qualquer organização é boa e justa, quando o homem é bom e justo; má e injusta quando o homem é mau e injusto. Mas é hora de renovação. Ou nós nos integramos para a Nova Lei ou nos precipitaremos no abismo. Para os adormecidos, para aqueles que pouco se importam, para os rodeados de comodidades e brilhos fugidios eu chamo à atenção duplicada deste trabalho. Entretanto, a eles pertence a última decisão.

PREAMBULO

Por Frater M.

Há uma pergunta sempre feita por interessados:
Como surgiram as Ordens Thelêmicas no Brasil?

²⁷ - Nota – Como exemplo do problema, perguntamos: que valor tem o “Sinal Penal” para uma mulher?

Eu não colocaria a questão nesses termos. Não foram as Ordens Thelêmicas que surgiram no Brasil, mas sim o Sistema Thelêmico, que abrange todas essas Ordens. Não devemos tomar as partes pelo todo. O surgimento das Ordens Thelêmicas, no Brasil, tornou-se uma consequência inevitável da vinda de Thêlema.

Em todo caso, em 1962, “apareceram” as primeira notícias sobre Thêlema em nosso país. Elas vieram com a publicação de “CHAMANDO OS FILHOS DO SOL”, um pequeno livro de Marcelo Ramos Motta – 1962 – Gráfica Lux Ltda – Rio de Janeiro. Antes disso ninguém sabia nada a respeito de Thêlema, a não ser um circunscrito grupo de membros da FRA. Mas mesmo assim somente a palavra Thêlema era conhecida, não o significado real dela e sua ligação com Aleister Crowley (Mestre THERION).²⁸

Segundo as palavras do próprio Marcelo Ramos Motta, a publicação tinha por objetivo fornecer ao público notícias do Sistema, como divulgado por THERION. Evidentemente, no texto, haviam referências à A.'.A.'. , à OTO e à Ordem de Thêlema, esta última até hoje pouco conhecida ou conhecida por pouquíssimos.

Euclides Lacerda de Almeida foi um dos poucos compradores do livro, interessando-se imensamente pelo conteúdo do mesmo. “CHAMANDO OS FILHOS DO SOL” permaneceu pouco tempo na livrarias do Rio de Janeiro. Ao notar um erro no texto do mesmo (o erro aparecia no esquema da Árvore da Vida, apresentado no corpo da obra)²⁹

Marcelo o tirou de circulação. Segundo também suas palavras pouquíssimas pessoas adquiriram o livro na época ³⁰. E, certa vez, afirmou que os compradores foram em número de cinco. Euclides Lacerda fora um desses. Nunca soubemos dos outros quatro. Anos mais tarde um volume foi encontrado em um “sebo” do Rio de Janeiro e adquirido por uma irmã da OTO. Os restantes três volumes jamais apareceram. Hoje o livro é raríssimo.³¹

Euclides comprou o livro ‘casualmente’ ao passar por uma livraria do bairro onde morava (Tijuca). Neste tempo ele debatia-se entre os preconceitos

²⁸ - Nota – Afirmar que muito antes desta data a FRA trouxera Thêlema para o Brasil é desconhecer que a FRA sempre ocultou do público suas “ligações” com Aleister Crowley e, portanto, com Thêlema. A FRA iniciou sua queda nas garras da Loja Negra imediatamente após a morte de Krumm-Heller e dos irmãos A.O.Rodrigues e Joaquim Soares de Oliveira.

²⁹ - Nota – Muitos dizem que Marcelo relata ter tirado a obra de circulação por acha-la ultrapassada, incongruente, etc. Isto é verdade, mas acontece que Marcelo Motta dizia muita coisa para profanos que, afinal de contas nada tinham ver com os motivos dele. A verdade seja dita: Marcelo não tinha que dar satisfação a ninguém de seus atos, principalmente à aqueles que se aproximavam dele com intenções dúbias, verdadeiros trogloditas apenas interessados em seus mesquinhos egos. O tempo passou, mas esses trogloditas continuam os mesmos...

³⁰ - Nota – Ao contrário de agora, quando muitíssimos, mesmo entre seus adversários, oferecem uma fortuna para obter o livro.

³¹ - Nota – O exemplar da Biblioteca Nacional sumiu “misteriosamente”.

crístistas, muito forte nos, assim chamados, anos dourados, e os mais salutares impulsos da natureza em um homem em plena saúde física e mental. Compreendemos, agora, que todos os eventos da vida do jovem o impulsionavam em direção a Thêlema: a compra de “Chamando Os Filhos do Sol” não fora tão “casual” quanto julgara a princípio. Acontecimentos futuros confirmariam o julgamento.

Inicialmente, como sempre acontece com qualquer pessoa que, pela primeira vez, entra em contato com Thêlema, ele sentiu-se duplamente atraído e repellido pelo conteúdo do texto. Dentro desses dois (aparentemente) antagônicos sentimentos, escreveu para o endereço apostado na contra capa do livro. Assim, iniciou a maior aventura de sua vida e seu indelével contato com Marcelo Ramos Motta – Frater Parzival XI OTO, o Arauto de Thêlema no Brasil.

Tendo lido vários livros esotéricos em sua procura espiritual, surpreendeu-o a maneira pela qual o assunto era colocado pelo autor M. (pseudônimo usado por Motta).

Pouco antes desses acontecimentos, ele fora iniciado na Maçonaria (G.O.B.), através o convite de um amigo. Na época sequer sabia ser a Maçonaria calcada no Aeon de Osiris. Aliás sequer tinha consciência do significado da palavra Aeon, fosse de Osiris ou de Horus. Sua iniciação ao grau de Aprendiz foi decepcionante: todo ritual realizado no plano material. Nada sentiu de especial, mesmo nas iniciações seguintes. No Terceiro Grau, sentiu-se fortemente repellido pela sinistra e lúgubre Câmara do Meio. Somente muito mais tarde, quando já em contato com as Energias do Aeon de Horus, compreendeu o motivo da reação. Evidentemente esperava que sua iniciação fosse algo parecido com o descrito nos vários livros que houvera lido, principalmente em ADONAI, de Jorge Adoun, que tanto excitara sua imaginação. Havia, ele percebia agora, um grande choque entre o apregoadado pelos “ocultistas” dominados pelo, assim chamado, Pecado Original, e o seu salutar impulso sexual de um homem de 25 anos de idade. Suas questões ainda permaneciam “martelando” sua cabeça. Suas respostas não vieram com a “iniciação maçônica”. Intuitivamente, foi levado a meditar sobre o problema. Algo falta nos ocultistas (com a rara exceção de Jorge Adoun) e nos “maçons”: ou nada sabiam, ou muito escondiam. Ao, eventualmente, ler um dos livros de Samael Aum Weor (“O CASAMENTO PERFEITO”), percebeu haver muito mais a respeito do sexo, no ocultismo, do imaginara. Mas também, por algum motivo desconhecido, não aceitava as idéias do Movimento Gnóstico Internacional, inteiramente baseado no “Caminho da Via Seca” e com ressaibos crístistas. Era muito “morno”, piegas e cheirava a velas numa igreja abafada. Atingindo o Grau de Mestre Mação e, deste,

elevado sucessivamente ao Quarto, Nono, Dezessete e Dezoito, compreendeu intimamente que a Maçonaria não era seu caminho. Porém, seus Juramentos o impediam de falar, inquirir ou afastar-se da Ordem. Havia se condicionado desde muito jovem a respeitar a hierarquia estabelecida, e a Maçonaria fundamentava-se numa forte hierarquia.

Ao aprofundar-se na leitura de “CHAMANDO OS FILHOS DO SOL”, sentiu, de imediato, que tudo que até então aprendera sobre o Ocultismo não passava de conversa fiada, engano, deturpações, etc. “CHAMANDO OS FILHOS DO SOL”, longe de ser uma obra literária para atrair elogios, prendia-se a apresentar símbolos despertando a consciência daqueles que pertencessem ao Sistema Thelêmico, isto é, Os Filhos do Sol. Portanto qualquer crítica ao texto do livro, como uma obra literária, é meramente uma demonstração de ignorância quanto aos fins da obra.

Após a primeira carta escrita a Marcelo Motta, os dois homens começaram a uma longa correspondência e, em 1963, Euclides recebeu a inesperada visita de seu futuro Instrutor.

Depois desse primeiro encontro, Marcelo Motta, começou a freqüentar assiduamente a casa de seu discípulo em potencial. Percebia-se que aquele homem passava por grandes necessidades financeiras. Embora possuidor de profunda cultura não conseguia qualquer tipo de trabalho, e os que conseguia duravam pouco tempo. Sempre havia uma ‘desculpa’ dos empregadores para não mantê-lo no serviço. Isto confirma plenamente as palavras dele em seus escritos, principalmente no ensaio “SERVIÇOS DE INTELIGÊNCIA NÃO SÃO INTELIGENTES” ou “A OTO DESDE A MORTE DE CROWLEY”, Partes I, II e III.

Certo dia, Marcelo, perguntou ao jovem a qual Ordem deseja se filiar: à OTO ou a A.’A.’.? Euclides imediatamente escolheu a OTO (A ORDEM DE THELEMA estava então fora de cogitação, por motivos conhecidos por Iniciados na GNOSIS). Então, Marcelo, entregou-lhe o LAMEN da Ordem, desenhado em suas **reais cores**, pois o Lamén recebe as cores **heráldicas** astrais da Ordem a que pertence., e essas cores **não podem ser mudadas** ao nosso arbítrio. Que isto sirva de aviso àqueles que as têm mudado... Euclides espantou-se. Já vira aquele Lamén em algum lugar... somente não se lembrava onde. Marcelo riu-se da reação, mas nada falou naquele momento. Dias depois, Euclides lembrou-se: o Lamén era o mesmo usado pela AMORC, no livreto, distribuído por aquela ordem, denominado (erradamente) 777 (A CATEDRAL DA ALMA). Marcelo confidenciou-lhe que a AMORC fora fundada por um ex-membro da OTO. Em seguida mostrou-lhe um outro Lamén, muito conhecido aos antigos membros da AMORC, em que a origem, ou as ligações entre as duas ordens, torna-se

patente. Afirmamos que *o Lamén era conhecido, por antigos membros, porque recentemente os dirigentes da AMORC “acharam por bem” retirar o Lamén de circulação: o referido Lamén era muito conclusivo sobre as fortes ligações entre a AMORC, a A.’A.’., a OTO e o Rito maçônico Memphis Mizraim (vide ilustrações), e evidentemente com Crowley, fato que os líderes da AMORC fazem qualquer coisa para ocultar do público e de seus membros de graus mais baixos.*

Em “DOCUMENTOS ROSA CRUZES” (pag. 38 – Primeira Edição – 1980) está a fotocópia da Patente do VII grau OTO, concedida a H. Lewis por Theodor Reuss. O documento também contém uma declaração de amizade entre as duas ordens, demonstrando, claramente, que os líderes da OTO de Theodor Reuss reconheciam a AMORC.

Com o passar do tempo, Marcelo Motta e Euclides tornaram-se íntimos, e o primeiro começou a transmitir ao outro o Conhecimento Thelêmico oralmente e através volumosa quantidade de mms., até então desconhecidos no Brasil. Nestes mms. incluía-se “Pequenos Ensaios Em Direção a Verdade”, “Liber IV Parte 4”, “Liber AL vel Legis”, “Carta A Um Mação” (o manuscrito original, com anotações e correções, feitas pelo próprio autor, encontra-se em nossos arquivos particulares.)

No início de 1964, Marcelo Motta, entrega-lhe, traduzido para o Português, O LIVRO DA LEI com COMENTÁRIOS DE MESTRE THERION, informando a seu discípulo da necessidade de publicá-lo no Brasil e, para isso pedia a ajuda de Euclides. Este manuscrito contendo correções e anotações feitas na caligrafia de Marcelo Motta, faz parte de nosso acervo particular.

Anos mais tarde, o livro foi publicado em Inglês (Samuel Weiser Inc. – New York – Primeira Edição – 22 de setembro de 1975).

Em 1962, Marcelo Motta, conseguira, com muito sacrifício pessoal (gastou todas suas economias), imprimir “LIBER ALEPH” (Printed by Composition Gráfica LUX Ltda – Rio de Janeiro), para ajudar seu Mestre (Frater Saturnus). Este livro (uma raridade) também faz parte de nossos arquivos pessoais. Marcelo deu sua cópia a Euclides, como presente do Equinócio de Primavera (1971).

Há de se notar que em “LIBER AL VEL LEGIS com COMENTÁRIOS DE THERION”, Marcelo jamais colocou comentários pessoais juntamente com aqueles de Crowley. O que Marcelo faz é colocar algumas anotações explicativas sobre termos e passagens no texto de Therion, adaptando-o à nossa mentalidade; as quais, diga-se de passagem, muitos se beneficiaram quando estavam em boas relações com Euclides, mas que passaram a criticar Marcelo Motta como se ele houvesse comentado O Livro

da Lei, logo após se desligarem de Euclides. Marcelo serviu para eles enquanto aprendizes, mas agora que se tornaram “mestres” (não sei em que. Só se for em traição), a figura de Marcelo Motta é repelente. Que há de se fazer, o ser humano é assim mesmo... você é bom enquanto serve. Pena não haver um galo a cantar três vezes antes do sol nascer...

AMADURECIMENTO

. Tudo ia bem quando em 1964, o Brasil, visivelmente inclinando-se para sua independência política, acabou caindo sob um golpe militar da direita incentivado e apoiado pelo poder Norte Americano (CIA). Durante 30 anos o regime de exceção dominou o país. Mas mesmo assim vemos Marcelo Motta distribuindo Liber OZ na Cinelândia, desafiando o regime de ferro, em pleno ano de 1968.

Muitos foram os perseguidos, presos, torturados, banidos e mesmo assassinados. Entre os primeiros encontravam-se Raul Seixas e Paulo Coelho. Sendo que o último, embora demonstrando-se um interessado estudante de Thêlema, deixou-se dominar pelo egrégora católico romano sustentando o regime militar. Euclides, em virtude do movimento político, perdeu contato com Marcelo e, pelos mesmos motivos, foi transferido (pela empresa em que trabalhava) para uma pequena cidade do Estado do Rio. Escapou de ser preso por pertencer a uma família tradicional de militares e de ter sido aluno do Colégio Militar do Rio de Janeiro (seus antigos colegas tinham, na época, patente de Capitão e Major, tanto no Exército, na Marinha e na Força Aérea).

Na cidade para a qual Euclides fora “banido”, longe das estressantes condições de vida das grandes metrópoles, ele começou a manter suas práticas mágicas e místicas diárias. Certo dia, em meio a uma dessas práticas (1968 – 1970), alcançou sua Primeira Real Iniciação. Mas essa é outra história.

Preocupado com o destino de seu Instrutor, tentou localiza-lo, recorrendo à seus antigos colegas de Colégio Militar (não podemos nos esquecer que Marcelo Motta também fora aluno daquele Colégio). Tudo em vão. Apelou para o astral. Nada. Quase desistindo e mesmo julgando que Marcelo estaria deportado ou, na pior das hipóteses, morto, recebeu a inesperada visita de um tal Oscar Lessa, que apresentou-se como interessado na OTO. Afirmava aquela pessoa que estivera, dias antes, com Marcelo Motta no Rio, e que ele indicara Euclides como seu direto representante e, portanto, poderia cuidar do ingresso de Lessa na Ordem.

Bastante confuso com estas informações, Euclides, não sabia o que fazer. Primeiro, não fora formalmente iniciado na Ordem; segundo, nem sabia por onde começar; terceiro, a OTO ainda não estava regular no Brasil; quarto,

havia perdido total contato com seu Instrutor e amigo. Explicou cuidadosamente todos esses fatos a Lessa. O inesperado visitante imediatamente se prontificou a levar Marcelo Motta até Euclides. Isto, naturalmente, muito o alegrou. Sabia agora que seu Instrutor estava vivo, e que o encontraria novamente.

No fim de semana seguinte, Marcelo e Lessa chegaram à casa de Euclides.

Dois dias foram usados em discussões, planos e diretrizes, ficando estabelecido o seguinte:

Primeiro – Oscar Lessa e Euclides trabalhariam no sentido de reunir um mínimo de onze pessoas interessadas na formação de uma Loja da OTO;

Segundo – este grupo inicial deveria adquirir um local para funcionamento da Loja. Este espaço (casa, sala, etc) não poderia ser alugado. Deveria ser próprio, comprado em nome da Ordem (Marcelo explicou o motivo mágico desta imposição);

Terceiro: todos os elementos iniciais teriam, de direito, o Terceiro Grau;

Quarto: deveriam estruturalizar e registrar a Loja Mãe e outras que viessem a surgir futuramente em território nacional;

Sexto: iniciar, de imediato, a divulgação do Sistema Thelêmico abertamente. Isto seria feito através da OTO, e dentro dos preceitos admitidos por Liber AL vel Legis e Liber OZ.

Ficariam sob responsabilidade de Motta os seguintes itens:

Primeiro – composição de novos rituais para o Primeiro, Segundo e Terceiro graus, tendo em consideração que os rituais reformulados por Crowley haviam perdido todo valor iniciático devido a publicação deles;

Segundo – Estabelecer currículos específicos para cada grau;

Terceiro – Divulgar, juntamente com Euclides, um manifesto à Sociedade Brasileira. (Em anexo);

Quarto – Ocuparia o cargo de “Supervisor Geral” dentro da Sociedade a ser formada. Euclides seria o Presidente, com direito a escolher seus auxiliares.

A contabilidade da Sociedade seria inicialmente entregue a um contador que não fosse membro da Ordem. Posteriormente passaria a ser responsabilidade de um membro ativo.

Necessitamos fazer uma pausa para explicar um fato curioso:

Por coincidência ou por qualquer outro fator, Euclides, apenas começara a colecionar as cartas de Marcelo Motta a partir de 1964. E a mais antiga entre elas, com a qual começara a coleção, está datada de 8 de julho de 1964. E é uma resposta ao formal pedido de Euclides para ingresso na OTO.

O mais importante no documento é que Marcelo Motta define sua própria situação na Ordem.

O teor de um dos parágrafos da carta é o seguinte:

“Lamentamos ter de lhe informar que, com a morte em outubro do ano retrasado de Frater Saturnus, Cabeça Externa da OTO, o Rei Suíço da ordem achou-se no direito de se arrogar os títulos pertencentes ao Superior falecido, e o que é pior, distribuindo matéria neste teor em várias línguas. Consequentemente, a Ordem retirou-se ao silêncio e está em estado dormente. Continuará assim até que aquele membro recobre as faculdades morais, ou até que a dissolução de seu corpo físico termine com os efeitos de sua tolice.”

Mais à frente:

“Quanto a mim, não tenho patente autorizando-me a fazer trabalho da OTO, e anunciei a Ordem em ‘CHAMANDO OS FILHOS DO SOL’ (livro que foi tirado de circulação, sua utilidade estando ultrapassada) somente para servir a meu Superior, Saturnus X.

Em 1962, de acordo com a esposa de meu falecido Superior uma patente foi-me enviada pelo correio autorizando-me a trabalhar com os três primeiros graus da OTO. Esta patente jamais chegou às minhas mãos. Não sei quem a subtraiu”. (vide documentação).

Aqui vemos que Marcelo Motta, já naquela época refere-se a patente enviada por Germer. O documento não é portanto uma invenção de última hora para ser usada contra o Caliphado, pois na época da carta nem se falava de Caliphado. Ainda não existia. E, note-se, que a carta de Marcelo foi enviada a um simples e desconhecido interessado na Ordem e, portanto, com nenhuma força no contexto da época para fazer “onda” com as declarações de Marcelo ³². A bem da verdade, devemos dizer que a maioria dos “membros

Para não se dizer que estou sendo parcial, algumas observações devem ser feitas.

³² - Nota -- Hoje sabemos que a carta sempre existiu. Foi mantida oculta nas mãos do Caliphado, e não exibida durante o julgamento da Califórnia. O fato está revelado em documento enviado por Bill Heindrick a Kenneth Grant, datado de 9 de setembro de 1985. Esta carta de Heindrick seria uma tentativa de convencer ao inglês a reconhecer o Caliphado e passar para o lado desse. Kenneth Grant, pelo que sei, simplesmente ignorou a carta.

Somente anos mais tarde, relendo as cartas de Marcelo Motta, Euclides, percebeu a verdade: sem patente para poder iniciar o trabalho da OTO no Brasil e usar o nome da Ordem, e desejando seguir rigorosamente a hierarquia, Marcelo, teria que fundar uma organização sob outro nome, a qual serviria de fachada até que pudesse usar abertamente o nome OTO.

Existem algumas inverdades na carta de Marcelo Motta, ou propositais ou por ignorar o contexto mundial da ordem na época.

Primeiro – Vários Ramos da Ordem (a maioria) estavam fora da jurisdição de Saturnus X. Talvez isto justifique as palavras de Marcelo ao dizer que a Ordem estaria em estado de dormência;

Segundo – já havia se iniciado a luta pelo cargo de O.H.O., provocada pelo testamento de Germer;

Terceiro – a Sra Germer já houvera declinado em favor (inicialmente) de Metzger e, mais tarde de Mellinger, como O.H.O.

Mas, ao que parecia, em 10 de dezembro de 1971, o problema fora resolvido, e Marcelo Motta escreveu a Euclides, informando-o o nome e endereço da Cabeça Externa da Ordem:

“O atual Rei Mundial (ou Cabeça Externa) da OTO chama-se Kenneth Grant e seu endereço é 3 Alba Gardens – London – WC 11 England. Foi reconhecido por mim como tal”. (vide documentação).

É interessante frisar que a carta está dirigida a “Euclides Lacerda de Almeida”, na época um simples interessado na Ordem. **Anotem isto, é de suma importância.**

A última parte da informação contida na carta (**Foi por mim reconhecido como tal**) deixou Euclides confuso e intrigado. Qual seria o poder de Marcelo Motta para reconhecer ou não um Rei Mundial da Ordem? (naquele tempo ele era bastante ingênuo). Mas, nem estando ainda no início de sua carreira na OTO, muito mal informado quanto a estrutura hierárquica da mesma, e nada sabendo da confusão reinante após o testamento de Germer, esqueceu-se do incidente. Para ele, a informação indicava que Marcelo estava, agora, em contato direto com o O.H.O. e devidamente documentado e livre para trabalhar no Brasil. Isto é que interessava no momento. O resto seriam detalhes. Porém, isto também não era a total verdade. Marcelo jamais tivera sólida ligação com Kenneth Grant. Existia uma grande desconfiança entre os dois homens. E o fato seria confirmado anos depois e de maneira muito decepcionante para Euclides.

Embora, no início, tivesse parecido fácil reunir os onze interessados (número mínimo de pessoas para fundar uma Loja, ou para fundação de uma

Sociedade Thelêmica), assim não o foi. Por sugestão de Marcelo Motta, elaborou-se um cartão de apresentação da OTO, contendo o endereço de Euclides em um dos versos, e Liber OZ no outro. O referido cartão seria distribuído, sem quaisquer tipos de discriminação às pessoas nas ruas. Assim foi feito. O retorno mostrou-se desprezível. Parecia que ninguém se interessava. Somente pingavam cartas de curiosos e, alguns deles, revoltados com a maioria dos itens de Liber OZ, principalmente com o último. Um desses revoltados até ameaçou ir à polícia.

Apelou-se, então, para um anúncio da Ordem nas páginas de uma revista “esotérica” muito popular na época. O efeito foi relativamente bom: conseguiram contato com várias pessoas. Mas, ficaram reduzidas a apenas nove realmente interessados. O restante era composto de curiosos, ou pessoas que nada tinham para fazer, procurando o ocultismo apenas como passa tempo.

Finalmente, em 1974, conseguiram reunir quatorze pessoas. Já era um ótimo começo. Houve uma reunião na casa de Euclides. Escolheram um nome para a organização, deliberaram cargos para cada membro, e iniciaram a compor os Estatutos da Sociedade. Havia entre eles um advogado, ficando portanto encarregado dos assuntos legais a serem resolvidos.

Em 9 de novembro daquele mesmo ano, Marcelo Motta, escreveu a Euclides, tecendo comentários sobre a organização da OTO: como deveria funcionar, estrutura hierárquica, e sobre o nome a ser adotado. Após isto foi elaborada uma lista de nomes, e decidiu-se que a Sociedade chamar-se-ia SOCIEDADE NOVO AEON. Em uma das cartas de Marcelo, ele analisa os outros nomes constantes da lista e dizendo porque não deveriam ser adotados.

A esse tempo, o grupo crescera, destacando-se as seguintes pessoas que, realmente, trabalharam no sentido de formar-se uma Loja:

Saturnino de Almeida
Arnaldo Xavier
Oscar Victor Lessa
Claudia Canuto
Raul Seixas
Paulo Coelho
Maurício dos Santos
Therezinha Faria
Pedro de Oliveira
Antonio A.Delfino
Heitor Peixoto

A Lança e o Graal

Mariano Aranha

Paulo Coelho e Raul Seixas ficaram mais restritos ao trabalho de divulgação da Ordem no Rio de Janeiro. Também nesta época, ambos solicitaram ingresso na A.'A.'.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

O.C.T.

Faze o que tu queres há de ser tudo da Lei.

Origem

A Ordem dos Cavaleiros de Thelema é uma Ordem Iniciática da Externa, genuinamente brasileira, criada com o intuito de levar a todo ser humano existente da face da Terra, a Filosofia de Thelema; em toda sua integralidade, conforme os ditames de Liber Al Vel Legis (O Livro da Lei), e de nossa Carta Magna, Liber Oz.

Liber Al Vel Legis, é o principal, e o mais Sagrado Livro do Sistema Thelêmico. Foi recebido pelo nosso Avatar To Mega Therion (Aleister Crowley) em abril de 1904, no Egito, ditado por Aiwass, uma entidade Paeter humana. Neste Livro encontra-se a mais profunda Filosofia da Vida Humana, e toda Sabedoria Mágica para sua realização.

Criação

A O.C.T. foi criada no Brasil, por Frater Aster, Frater Benhour, Frater Sétimo Sol, Frater Zero, Frater Halliman, e Soror Maat; formando o CONSELHO SECRETO. Todos

A Lança e o Graal

são cidadãos e cidadãs brasileiros, e dedicados ao progresso da Nação Brasileira sem detrimento do restante do Mundo. Mas não aceitamos a ingerência estrangeira em nossos destinos, sejam materiais, sociais, espirituais, ou políticas. Principalmente em relação ao desenvolvimento Thelêmico.

A Ordem possui Ramificações em vários estados brasileiros, todos independentes dentro de suas prerrogativas internas. O Governo Central da Ordem sendo meramente uma coordenação dos esforços nacionais pela realização dos ideais que Ela representa, a saber:

- Gradual dissolução e transmutação de todas as formas religiosas baseadas em superstições e métodos de teurgia não harmonizados com os fatos conhecidos da Ciência e da Lei da Evolução.
- Estabelecimento dos princípios enunciados em LIBER OZ, como base dos códigos morais e judiciais de todas as nações civilizadas, sem o prejuízo do processo político escolhido por cada povo com seu método de progresso social e econômico.
- Defesa constante, e promulgação constante, da doutrina que Autonomia Individual, é essencial ao progresso coletivo.
- Promulgação constante, e apoio aos métodos educacionais que estimulam o talento individual e encorajam Autonomia Moral e Intelectual em homens e mulheres de todas as classes sociais, seja qual for o sistema político.
- Insistência constante na adaptação das leis e costumes de qualquer país aos direitos básicos do Ser Humano, qual definido em Liber Oz.
- Total apoio a toda iniciativa ecológica que fora das idéias pseudo-científicas, procuram preservar a Natureza como um todo.
- Restauração dos ideais Maçônicos no Mundo, dentro das vibrações do Ciclo de Aquárius-Leo ou Aeon de Horus.

Estrutura da Ordem

A Ordem divide-se em Nove Graus que estão distribuídos em Três Círculos:

Todo Homem e toda Mulher maior de idade, gozando plenamente de suas faculdades mentais, que após cuidadoso estudo de Liber Oz, e que aceitar a Lei de Thelema, tem o Sagrado direito a submeter-se às Iniciações dos Três Círculos.

Todo membro da Ordem está ligado pelo Juramento Fundamental desta e declara Heru-Ra-Há, a Criança Coroada e Conquistadora, como Senhor do Aeon.

Informamos a todos, àqueles que desejem ingressar na Carreira Iniciática, e nas Vibrações do Novo Aeon. que as provas são severas, portanto:

Ai dos que crêem em Bem e Mal absolutos, ai dos idealistas, ai dos pedantes, e dos sentimentalistas.

Todos os perjuros, todos os ladrões, todos os subornados, e subornadores, todos os assassinos, todos os devassos, todos os fracos, todos os corvades, todos os hipócritas são inimigos da Ordem. Ela está organizada com o expreso propósito de destruí-los.

Lojas e Acampamentos

A Lança e o Graal

Loja Horus Maat – Euclides Lacerda de Almeida
Rua Borda do Matto, 280 / 101
Grajaú – Rio de Janeiro – Cep. 20.561/200
e-mail – obr@prolink.com.br
Tel 021 – 571.3928

Loja Sol no Sul – José Márcio
Rua Prefeito Antônio da Cruz Barros, 420
Eldorado - Paraíba do Sul/JR.
25.850.000

Loja Horus no Horizonte – Antonio Vicente Pereira
Caixa Postal: 1130
Belo Horizonte/MG
Cep. 30.123.970
e-mail – haoma@bol.com.br
Tel. 031 – 9617. 9393

Loja Parzival – Gilberto Nunes de Souza
Cx. Postal 52 - Garanhuns/PE
Cep. 55.290.000
Tel. 081 762.4362 - 988.6428

Loja Aster – Tarcísio Oliveira de Araújo
Cx. Postal 992 – Correio Central
36.001.970 – Juiz de Fora / MG
e-mail toa@uol.com.br
Tel. 032 – 3232.7413

Hoor (Holy Order Of Ra-hoor-Khuit) Mônica Rocha
End: P.º Box 213
New York – NY
10.044 – U.S. A.
e-mail – val0650@aol.com

Loja Thelema
Rio de Janeiro – Capital.
e-mail – tenebras@uol.com.br

Loja Ordem Hermética de Thelema
Rio de Janeiro – Capital.
e-mail – marcospagani@ig.com.br

Loja Nuit – Josedson de Souza Ramos
Rua Dr. Armando Tavares, 380
Mustardinha

A Lança e o Graal

50.760-500 - Recife – PE

e-mail – josedsonramos@bol.com.br

www.lojanuit.hpg.com.br

Rodrigo Duque

Rua Olegário Maciel, 1675 – Apat. 003

Edifício Frejó – Paineiras.

Juiz de Fora/Mg

Edições de Obras Thelêmicas

Contamos com o apoio da *Editores Bhavani*, que dispõe das obras, abaixo relacionadas, as quais poderão ser adquiridas pelos endereços, à seguir:

Editora Bhavani - OCT

Caixa Postal 992

Juiz de Fora/MG

Cep. 36.001.970

e-mail: toa@uol.com.br

Site Ordem Cavaleiros de Thelema: Sites.uol.com.br/toa

1) Liber Al Vel LegisR\$ 25,00

O Livro da Lei de Thelema. Comentado por Aleister Crowley e Tradução de Marcelo Ramos Mota. 240 pags. Obra recebida por To Mega Therion, de uma entidade Paeter Humana denominada por Aiwass, no ano de 1904. Transmite ao Mundo as Mudanças e Evoluções que ocorrerão com o Novo Aeon - O Aeon de Horus.

2) Revista Portal das Estrelas nº 10.....R\$ 10,00

A Revista de Thelema no Brasil, 83 Pags. Circulação há mais de 3 anos. Edição Solstício Verão 2000 e.v. Contém matérias ligadas ao Ocultismo de fontes Thelêmicas.

3) Revista Portal das Estrelas nº 11.....R\$ 13,00

Idem acima. 163 Pags. Edição Equinócio Primavera 2001 e.v.

4) Da Sombra Para Luz.....R\$ 15,00

Livro de Euclides Lacerda de Almeida. 148 Pags. Obra contendo uma Coletânea Esotérica, com impressionantes narrativas sobre Ocultismo. Formas Políticas e Sociais, Alerta à Raça Humana para a terrível Grande Trama ao nosso Planeta.

Chamando os Filhos do Sol.....R\$ 25,00

Reedição do Original em Português e Inglês. O Autor Marcelo Ramos Mota, expõe a visão Thelêmica do Novo Aeon, fazendo um chamado a todos para quebrar os grilhões com o Velho Aeon.

Liber Aleph.....R\$ 20,00

A Lança e o Graal

O Livro da Sabedoria ou da Tolice. Autor: Aleister Crowley – Tradução de Marcelo Ramos Mota. 175 Pags. Contém nesta Obra as Cartas de Aleister Crowley ao seu Filho Mágico; instruindo-o sobre à Filosofia de Thelema, e as práticas necessárias para o Real Conhecimento de todo Magista.

Ataque e Defesa Astral.....R\$ 25,00

Autor: Marcelo Ramos Mota.....245 Pags. Obra contendo narrativas dos Sintomas de Ataques, e suas Naturezas. Uso do Corpo Astral em Ataques Ocultos; Vampirismo; Os Habitantes Inumanos; Magia Negra e Feitiçaria; as Correntes Mortas; Sexo e Ocultismo; A Família e outras Superstições. Excelentes relatos vivenciados por Iniciados e adeptos do Ocultismo.